

BOI CAMPINEIRO

A história do Festival de Parintins que não foi contada



GOVERNADOR DO AMAZONAS

OMAR AZIZ

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS

JOSÉ MELO

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

ROBÉRIO BRAGA

SECRETARIA-EXECUTIVA

ELIZABETH CANTANHEDE

MIMOSA PAIVA

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA

ANTÔNIO AUSIER RAMOS

CULTURA

Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br

www.culturaamazonas.am.gov.br

JONAS SANTOS

BOI CAMPINEIRO

A história do Festival de Parintins que não foi contada

RENAN ALBUQUERQUE
Organizador

© Secretaria de Cultura, 2013

EDITOR ¶ Antônio Ausier Ramos

COORDENAÇÃO EDITORIAL ¶ Jeordane Oliveira de Andrade

CAPA E PROJETO GRÁFICO ¶ Ângelo Lopes

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA ¶ Gráfica Moderna

REVISÃO ¶ Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO ¶ Ediana Palma

S237b Santos, Jonas.

Boi Campineiro: a história do Festival de Parintins que não foi contada / Jonas Santos; Renan Albuquerque (org.). – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2013.

150p. ; 16x23cm.
Inclui Iconografia.

Referências

ISBN 978-85-64218-69-7

1. Festival – Parintins. 2. História – Boi Campineiro. 3. Amazonas. I. Albuquerque, Renan (org.). II. Título.

CDU 06.078(811.3)

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

Autoria

Jonas Santos é jornalista (Ufam) e radialista, especialista em Comunicação Eleitoral e Marketing Político (UGF) e pós-graduando em Gestão Pública (Faibra). Trabalha no jornal *A Crítica* há 13 anos e desde 1988 faz a cobertura jornalística do boi-bumbá parintinense. Mora na Baixa do São José, em Parintins/AM. É sobrinho do historiador Tonzinho Saunier.

Organização

Renan Albuquerque é jornalista, mestre em Psicologia Social (UFPB/2008), doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (Ufam/2013). Professor-adjunto da Ufam.

Dedicatória do autor

Aos meus pais Marildes e Juvenal, às minhas filhas Lunna e Juliana, aos meus irmãos Josenildo, Juvenildo, Juvenal, Josias, Juremar e Marinildes e à minha namorada Adriane, que entenderam minha ausência para a compilação deste recorte histórico. Ao historiador Tonzinho Saunier (*in memoriam*)

Agradecimentos

A Carlos Leocádio da Silva, o “Camoca”, a Eduardo Paixão, aos professores Soriany Simas Neves, Adelson Fernando da Costa e demais mestres do Curso de Comunicação Social da Ufam e à Secretaria de Estado da Cultura (SEC).

APRESENTAÇÃO

Peço licença, com educação, para voltar aos velhos tempos do tablado e recordar a marcante passagem do Boi Campineiro pelo Festival Folclórico de Parintins. Sim, havia um terceiro boi - o Boi do Camoca, o Boi do Sol na Testa, o Boi das cores do Brasil. E, graças ao trabalho de pesquisa amplo e cuidadoso de Jonas Santos, o boi Campineiro - assim como todos aqueles que contribuíram para sua breve e saudosa evolução na arena dos bumbás - passa a ter seu devido reconhecimento e registro oficial na memória dessa festa, tão singular e tão nossa.

O Festival Folclórico de Parintins atravessa gerações e se tornou símbolo, paixão e orgulho de todos os amazonenses. Sua história é dinâmica, complexa, rica. E como tal, ainda reserva lugar para as vozes de personagens importantes, que merecem ser ouvidas. Ainda guarda momentos que nunca foram registrados, senão na saudade de quem estava lá. Ainda possui retratos que o tempo se encarregou de dispersar e que devemos, em respeito aos seus protagonistas e à nossa própria história, reunir.

O Boi Campineiro é um desses tesouros pouco conhecidos da Ilha do Folclore: sua evolução foi marcada pela ousadia, criatividade, garra e alegria que até hoje são lembrados e que em muito o aproximam de Garantido e Caprichoso, a quem o boi verde e amarelo do Aninga deu passagem. A obra de Jonas Santos revisita episódios, interliga relatos e desvela cenários pouco vislumbrados, que nos ajudam a compreender e absorver mais da gênese do Festival e da essência da arte parintinense.

A memória do Campineiro, mais uma vez, nos convida a dançar e cantar o seu refrão. Para que, em nosso aplauso, possamos mantê-la viva.

Robério Braga

Secretário de Estado de Cultura

PREFÁCIO¹

As tradições culturais e a cultura popular se apresentam como fio condutor do comportamento do homem, com congruências que nos remetem a um processo acumulativo decorrente de experiências repassadas de geração a geração. A variação cultural de povos afins está sedimentada em grupos e comunidades. Embora o conjunto étnico e social possa estar agregado em uma mesma sociedade, os costumes e tradições culturais resultarão em tendências diferenciadas. Há, sobretudo, uma ruptura para as limitações do homem condicionada pelo ambiente e lugar que implicam na diversidade cultural. É a ruptura social.

Com a pesquisa, escreve-se uma parte da história. Jonas Santos focou um ângulo cultural pouco explorado para tentar desvendar ressignificações da história do Festival Folclórico de Parintins, que se apresentavam até o momento em brumas. O desafio foi encontrar respostas sobre a exclusão do bumbá Campineiro, o terceiro boi de Parintins, do festival folclórico da Ilha Tupinambarana.

O interesse profissional e acadêmico do autor foi pautado na dimensão científica e social que a obra suscitou. A meta foi reconstruir parte da história do folclore parintinense, dissipada no tempo

.....
1 Nota: Este livro é resultado de pesquisa realizada acerca da história do Festival Folclórico de Parintins, por meio do processo de evolução da existência do boi Campineiro, o terceiro bumbá da Ilha Tupinambarana, para o curso de Comunicação Social/Jornalismo, do Instituto de Ciências, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/Ufam).

passado e na linha do presente, para juntar fragmentos da vida e do cotidiano dos amazônidas, arraigados com a diversidade das festas e manifestações populares. Intemporalmente, não foram negligenciadas informações das fontes, que são reservas da memória e da oralidade capturadas.

Desvendar o que ora ficou como obscuro foi fator irremediável, decorrente dos cem anos de existência dos bumbás da Ilha Tupinambarana. Tentou-se construir, portanto, uma visão angular, mirada com o olhar do caboclo da floresta, para se interpretar e debater a evolução das tradições, pois a interpretação é inerente às mudanças que essas avaliações possuem.

A representação diversa e múltipla apalpada na história de exclusão, apagamento e esgotamento do boi Campineiro emana de variações culturais das sociedades, quer sejam urbanas ou tribais. De modo que os agentes do produto cultural incidem novas feições para o mercado capitalista, que ainda vem se apropriando do bem e do objeto popular para conviver mutuamente em relações de fruição e conflitos.

Buscando viabilizar o arcabouço de dados e dar sustentabilidade à pesquisa tendo em vista a finalização do estudo, foi descrita, na primeira parte do livro, a história e trajetória do boi Campineiro; na segunda parte, há o destaque para o relatório apresentado como pesquisa de campo à Universidade Federal do Amazonas. O intuito foi apresentar o problema que norteou a atividade, o escopo teórico de fundamentação, a metodologia de ação, os resultados e discussões impostos para a análise e as conclusões do estudo.

Importa ressaltar que este livro-reportagem não tem por anseio discutir a temática da exclusão do boi Campineiro da disputa do Festival Folclórico de Parintins de maneira parcial ou irresponsavelmente opinativa. O estudo foi pautado pela orientação do método etnográfico, sobretudo porque o folclore popular enfatizado trata de paixões históricas, sejam elas ancoradas em Caprichoso, Garantido ou Campineiro. Portanto, o respeito pela ciência, acima de tudo, e pelas agremiações, de modo específico, foram preocupações constantes.

A pesquisa sobre o Campineiro apenas se inicia aqui. Percursos outros devem ser enfatizados; demais ações de campo, atividades documentais, resgates memoriais e verificações *in loco* permanecem em aberto. Novas e profícuas investigações sobre o bumbá verde e amarelo do Aninga são esperadas com aportes das ciências humanas em geral.

SUMÁRIO

17 I – UMA HISTÓRIA DO FOLCLORE PARINTINENSE

- 19 Introdução
- 23 A trajetória do Campineiro
- 57 A exclusão do boi Campineiro
- 67 A trama que afastou o Campineiro da disputa
- 75 Memória esmaecida
- 79 Rivalidade polarizada entre vermelho e azul priva Campineiro da disputa
- 85 Um possível retorno

99 II – RELATÓRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO

- 101 Contexto do documento
- 105 Campineiro, um boi sem lugar na arena: o embate entre saberes locais e pós-modernidade
- 111 A questão primordial para o boi verde e amarelo
- 115 Enfoque teórico
- 117 Esgotamento e exclusão social, dois conceitos para se pensar a prática folclórica em Parintins
- 121 Apagamento cultural
- 125 Metodologia
- 131 Resultados e Discussão

143 CONCLUSÕES

147 REFERÊNCIAS



UMA HISTÓRIA
DO FOLCLORE
PARINTINENSE

Introdução

Em 47 edições do Festival Folclórico de Município de Parintins, no baixo Amazonas, a leste do Estado, o boi-bumbá Garantido venceu 28 vezes, o Caprichoso 19, houve um empate entre agremiações e em um ano não teve a disputa. No empate, que ocorreu em 2000, os dois bumbás foram proclamados campeões. Mas, e se o boi-bumbá Campineiro, o terceiro boi de Parintins – que participou apenas nos anos de 1978 e 1983 do festival –, estivesse concorrendo nesse concurso de bumbás até hoje, a cidade comportaria três fanáticas torcidas? O atual sistema de apresentação dos bois, na arena, seria modificado? Os patrocínios seriam repartidos da mesma forma? São perguntas intrigantes, as quais só podem ser respondidas a partir do levantamento da breve história do terceiro boi, que até hoje não é reconhecido tanto por brincantes quanto por organizadores dos bumbás vermelho e azul de Parintins.

Os primeiros registros dão contas de que o Campineiro esteve na arena em 1978 e 1983 para disputar apenas com o boi Garantido, porque nas duas vezes o Caprichoso se recusou a participar do espetáculo. Todavia, exatos 30 anos depois da última aparição do Campineiro, em festivais, pesquisadores e autores de pesquisas sobre a festa deixaram de abordar porque esse boi foi excluído do festival, o que motivou o seu afastamento e também porque o bumbá, nascido na

comunidade do Aninga, área suburbana da Ilha Tupinambarana, não conseguiu mais voltar à disputa oficial com Garantido e Caprichoso.

Em primeiro lugar, destacamos que um dos principais motivos da exclusão foi a polarização já existente entre Caprichoso e Garantido e a força da indústria cultural que jogou para regiões tangenciais as pretensões do boi Campineiro. Para fortalecer a perspectiva, foi importante localizar os principais artistas envolvidos no confronto, entrevistá-los e incitar o resgate das memórias sobre o tema. E foi o que ocorreu: em cada encontro, uma descoberta, uma revelação inusitada, adormecida por anos no fio da memória e da cultura imaterial.

Também importou avaliar em que medida a história do boi Campineiro tornou-se apagada ao longo dos tempos e em decorrência de quais fatos esse apagamento se deu. O trabalho de campo foi fundamental na etapa. Entrevistas relacionadas à formação do escopo cultural do bumbá e sobre a involução dos referenciais objetivos e subjetivos que motivaram a exclusão do Campineiro do cenário folclórico do município de Parintins.

O livro-reportagem teve a pretensão de suscitar o debate e viabilizar questionamentos em relação ao folclore da Ilha Tupinambarana. Não foi meta aprofundar discussões antropológicas baseadas em matrizes teóricas e correntes conceituais acerca das transformações. A perspectiva do levantamento de campo efetivado diz respeito a depoimentos e histórias de vida ligadas ao Campineiro, a partir de uma leitura comunicacional e social sobre o boi excluído de Parintins.

Para fomentar reflexões referentes à reportagem, foi descrito relatório que está destacado na segunda parte da pesquisa sobre o bumbá. O documento visa suscitar compreensões sobre a polêmica história do boi Campineiro. Na segunda etapa deste livro, duas defesas teóricas estão efetivadas: a da exclusão social e do apagamento cultural. A perspectiva foi afirmar as tendências científicas que orientaram o trabalho e debater sobre a própria validade global dessas tendências de estudo.

A exclusão social enfatiza a desfiliação em relação à sociedade tanto do boi em si mesmo como agremiação, quanto das pessoas que

apoiavam a manifestação folclórica; o apagamento cultural não busca rivalizar com a proposta antropológica da ressignificação dos fazeres sociais, mas sim complementar a leitura dessa corrente teórica, buscando aportes para a sua compreensão integrada.

A trajetória do Campineiro

Memória e história

O boi-bumbá de Parintins é herança dos nordestinos e chegou ao Amazonas, provavelmente, no final do século 19. Os migrantes teriam se mudado para cá motivados pelo apogeu no primeiro Ciclo da Borracha, entre 1870 a 1910. Oficialmente, Caprichoso e Garantido completarão, em 2013, seus centenários. Entretanto, são vários os autores que divergem sobre as datas de fundação dos bois e também diversos agentes sociais contam versões díspares relacionadas à introdução e evolução da brincadeira folclórica em Parintins.

No livro *Parintins: Memória dos Acontecimentos Históricos*, publicado em 2003, pela editora Valer, o historiador-maior de Parintins, o saudoso Tonzinho Saunier, discorda do ano de fundação do Garantido, 1913, e diz que o boi do povão completará, neste ano, 92 anos e não cem, conforme afirmam dirigentes do boi da Baixa do São José.

Para a família de Lindolfo essa narrativa do historiador estaria equivocada. “Nós estamos emocionados em resgatar a história do meu avô, que quando ainda menino criou o boi Garantido”, disse Cleomara Monteverde, neta do criador e presidente da associação que leva o nome do avô. A principal contestação de apoiadores da tese de Tonzinho estaria na data de nascimento do mestre Monteverde, uma vez que Lindolfo, nesse caso, criou o Garantido aos 11 anos, conforme relato assegurado pela própria família do fundador. A discussão também se debruça sobre uma toada de Tadeu Garcia e Chico da Silva,

que fala sobre um sonho do mestre. Antes da versão oficial, os relatos de contemporâneos na Baixa era de que a gênese do boi de Lindolfo tem iniciação nos seus 18 anos de idade. Isso teria ocorrido após o retorno dele do Exército e em decorrência de uma grave doença que, outrora, foi acometido. Saunier morreu em 1999.

Sobre o Caprichoso, Tonzinho Saunier também questiona não somente a data de criação do boi, mas quem teria sido o seu criador. O mais afamado poeta, historiador e antropólogo de Parintins não ousa afirmar quem seria “o pai da criança”. Para debater o tema, Saunier levanta vários questionamentos. A primeira hipótese é de que o Caprichoso nasceu na Praça 14 de Janeiro, em Manaus, em 1912, e que no ano seguinte Emídio Rodrigues Vieira levou o folgado para desenvolver a brincadeira na Ilha. Portanto, Emídio seria o fundador.

Na segunda versão, o criador do Caprichoso seria José Furtado Belém, que no ano de 1913 assistia a uma apresentação do touro negro, na Praça 14 de Janeiro, em Manaus. Ele gostou da brincadeira e foi quem teria levado o boi para Parintins. José Furtado Belém era parintinense, de grande articulação política e chegou a ocupar o cargo de vice-governador do Amazonas, em 1911, segundo relatos de Tonzinho em sua obra.

Por fim, o historiador diz que a data de criação do boi azul e branco aconteceu em 1925, data confirmada também pelos familiares de Luiz Gonzaga Azêdo, que ainda hoje discordam e protestam que o fundador oficial do Caprichoso seja Roque Cid. Para a família, o criador foi Luiz Gonzaga. Os Gonzaga asseguram ainda que em 2013 o bumbá completaria 88 anos.

Para Simão Assayag, de acordo com publicação em 1995, o Caprichoso chegou a Parintins conduzido pelas mãos de José Furtado Belém, em 1913, e que ao chegar à Ilha o seu Emídio Rodrigues Vieira tornou-se o primeiro dono. Simão relata ainda que o boi Galante, criado também em 1913, é que foi o primeiro adversário do Garantido. Por conta de uma contenda entre os organizadores, Emídio se afasta da brincadeira e Roque e Tomaz Cid criam um novo boi, ainda nesse mesmo ano, o qual batizam com o nome de Caprichoso. Outra varian-

te, contada por Assayag, é que os bois Garantido e Caprichoso teriam nascido de dissidências. Não se sabe ao certo se foi do primeiro ou do segundo, respectivamente.

Tonzinho dedicou sua vida à pesquisa, a colher documentos, registros históricos, peças arqueológicas e a estudar o folclore parintinense. Apesar de seus anos afins de investigação, porém, não há um desfecho com embasamento científico a respeito desse tema. Para fechar a conta, em mais uma suposição, Tonzinho atesta que os iniciadores do Caprichoso, em Parintins, no ano de 1913, foram Boboi, Luiz Gonzaga, José Leocádio, Emílio Silva e os irmãos Cid: Raimundo, Pedro e Félix, que vieram do Crato, cidade do interior do Ceará. O historiador não cita Roque Cid.

No livro *Boi Garantido de Lindolfo*, de Dé Monteverde, neto de Lindolfo Monteverde, fundador do Garantido, em coautoria com João Batista Monteverde, filho do criador do boi, o autor também refuta a tese de Saunier e defende que o primeiro boi é o Garantido, criado em 1913, com curuatá, uma espécie de flor de palmeira inajá e seus chifres confeccionados com uma forquilha de madeira revestidos de folhas e flores vermelhas.

De acordo com o que descreve Dé, nesse mesmo ano, Alexandrina Silva, a “dona Xanda”, mãe do menino Lindolfo, ajudou o filho a construir o Garantido utilizando a cabeça de um boi de carne, talas de inajá e como enchimento do corpo se serviu de folha de bananeira e samambaia. “Dona Xanda construiu o boi Garantido mais real. Lindolfo Monteverde criou o boi Garantido em 13 de junho de 1913 com a idade de 11 anos”, diz um trecho do livro.

O Garantido é todo branco e traz um coração na testa. As cores de sua bandeira são vermelho e branco. Seu primeiro curral ainda está situado na avenida Vicente Reis (hoje avenida Lindolfo Monteverde). Em 1995, o boi mudou-se para a Cidade Garantido, localizada na rodovia Odovaldo Novo, bairro São José, onde funciona atualmente seu escritório e acontecem os ensaios e eventos do boi.

Em 1999, a folclorista e historiadora Odineia Andrade, diretora do Departamento Cultural do Caprichoso, em entrevista concedida à

TV Amazonas, engrossou o debate ao dizer que o Caprichoso também era de 1920 e que, portanto, em 2013 completaria 92 anos. Mais adiante, porém, as pesquisas da historiadora desembocaram para o registro de que os irmãos Cid foram os fundadores do Diamante Negro, como é chamado o Caprichoso, e que, assim, em 2013 completaria seu centenário. O seu nascimento aconteceu no Esconde.

No centenário do Caprichoso, a versão oficial, fundamentada em pesquisa do Instituto Memorial de Parintins, e que a atual diretoria da agremiação tem embasamento, é de que o cearense Roque Cid foi o primeiro fundador do boi, em 1913, caindo por terra todas as demais aspirações para esse feito. A pesquisa vai mais além e diz que Félix Cid era filho de Roque e ocupava o cargo de amo do Caprichoso.

Ao ressignificar a história do bumbá, o resultado da investigação rememora a mesma designação de Odineia: a de que o nascedouro do touro negro é o bairro do Esconde. Atualmente, o curral do boi está localizado na rua Gomes de Castro, Centro. O boi é preto, com barra branca e possui uma estrela na testa. As cores do seu pavilhão são o azul e branco.

O apagamento da identidade visual e sociocultural do Campineiro fragmentou no decurso de décadas a memória, a oralidade e a história do boi-bumbá. No âmbito do processo cultural, personagens que protagonizaram a brincadeira também divergem sobre a data de fundação do Campineiro e quem foi o seu criador.

O atual presidente da agremiação, Eduardo Paixão de Souza, 62, afirma que o seu boi-bumbá é o mais velho de Parintins e que seu ano de criação é datado de 1890, na comunidade do Aninga. Ele diz ainda que seu pai, Emídio Souza, com 18 anos à época, iniciou o folguedo. “Foi a família Andrade, aqui da comunidade, que colocou a brincadeira (em 1890) e o meu pai fundou o boi em 1913”, diz. Na conta de Eduardo, o Campineiro completa em 2013 seus 123 anos.

Saunier não afere a data como verdadeira. Para o historiador, o boi Campineiro “surtiu em 1977, no bairro de Palmares”. Paulinho Faria, ex-apresentador do boi Garantido, discorda. Sem mencionar uma data exata, ele diz que o Campineiro é praticamente da mesma

época do vermelho e do azul. “Eu era bem pequeno, mas eu lembro que o Campineiro já brincava boi. Tinha o Garantido e o contrário, mas ele já brincava. O Campineiro é um boi antigo, apesar de não ter vivido tanto tempo”, afirma Paulinho.

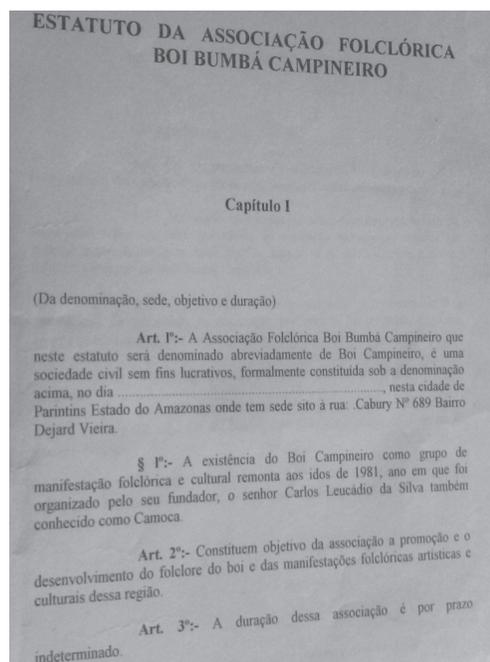
O próprio Paulinho, que guarda memórias e peças das histórias dos festivais de muitos tempos, não imaginava que o boi Campineiro ainda sobrevivesse, apesar da exclusão a qual foi relegado, e se mostrou surpreso quando interrogado acerca da situação de resiliência sociocultural a qual o verde e amarelo do Aninga passa há inúmeros anos.

O “dono do Campineiro”, Carlos Leocádio da Silva, o “Camoca”, 63 anos, conta outra versão para o surgimento do folguedo. Ele não sabe precisar a data, mas acredita que a fundação do Campineiro tem alternância entre os anos 1913 a 1915. “O Campineiro só é um pouquinho mais novo que o Caprichoso. Tem quase a mesma idade”, afirmou. Camoca foi quem comandou o Campineiro a partir do ano de 1980 e ficou por cerca de dez anos à frente da agremiação.

Ele também difere da argumentação de que o pai de Eduardo Paixão é o criador do boi do Aninga. Leocádio diz o que verdadeiro fundador do Campineiro é o pai dele, Leovino Leocádio da Costa. “Foi meu pai o fundador, mas antes de passar para a minha responsabilidade o boi ficou com o seu Emídio Calota, lá mesmo na comunidade do Aninga”, assegura.

FIGURA 1 – O estatuto do ano de 1981, quando o Campineiro passa a se estabelecer como associação folclórica.

FONTE – Camoca, 1981.



Era uma tarde de terça-feira do mês de dezembro de 2012 quando Camoca concedeu a entrevista em que narra sua história de dedicação ao Campineiro. Ele estava trabalhando na construção de uma casa de madeira, no bairro De jard Vieira, em Parintins. A reforma da residência seria para ajudar a filha, que morava numa casa menor. Foi sorte encontrá-lo naquele dia.

Outras pessoas entrevistadas para este livro-reportagem falaram, inclusive, que Camoca já havia morrido. Na procura por sua localização, um brincante do boi Garantido revelou que o tinha visto na manhã daquele mesmo dia, lá pelas bandas da Baixa do São José, reduto do Garantido, comprando peixe para o almoço. Ainda sobre o “dono do Campineiro” – referência empregada a Camoca pela maioria das pessoas que prestaram depoimento acerca do assunto – muitas pessoas contatadas disseram ainda que ele tinha ido morar na cidade de Boa Vista do Ramos, interior do Amazonas (distante 270 quilômetros de Manaus), logo depois da última participação do Campineiro no festival parintinense.



FIGURA 2 – Presidente Eduardo Paixão com o boi Campineiro, na comunidade do Aninga. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

Ao ser abordado, Camoca aproximou-se com ar de hesitação, largou uma tábua de aproximadamente três metros de comprimento que carregava nas mãos e deixou-se ser entrevistado. Ele trajava bermuda azul-escura, estava sem camisa e com um boné sobre a cabeça que protegia o rosto do sol. Quando disse que queria conversar sobre o Campineiro, o eterno amo do boi verde e amarelo abriu um sorriso acolhedor.

De estatura mediada, olhar firme e personalidade forte, Camoca puxou pelo fio da memória e passou a narrar fatos testemunhados por ele na época em que dirigiu o Campineiro. “Em 1980, quando eu saí do Aninga e vim morar no bairro de Palmares, coloquei o Campineiro para brincar porque a família do seu Emídio já não colocava mais o boi. Havia deixado de lado por uns anos”, disse.

Quando o assunto, em Parintins, remete ao boi Campineiro, todos são unânimes em afirmar a contribuição que Carlos Leocádio deu ao festival. Seu nome é logo associado ao bumbá. Afinal, Camoca era o amo e o levantador de toadas do boi e, naquela época, o amo da agremiação era considerado o dono.

Lindolfo Monteverde ao fundar o Garantido, em 1913, também era o amo e repentista do vermelho e branco (levantador). Muito antes de sua morte, em 1979, João Batista Monteverde já havia assumido o posto do pai na Baixa do São José.

FIGURA 3 – Carlos Leocádio, 61, o Camoca, “dono do Campineiro”.

FONTE – Jonas Santos, 2012.



O boi Campineiro é cinza, tem um sol na testa, e suas cores tradicionais são verde e amarelo, adotando também o branco para realçar as apresentações. No período da década de 1980 o quartel-general do bumbá tinha plena atividade na casa de Camoca, situada na rua Fortaleza, bairro de Palmares.

O curral dos ensaios era a antiga quadra de esportes do Projeto Rondon, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj). “O galpão funcionava na minha propriedade, tudo na minha casa, no Palmares, e os ensaios na quadra bem perto”, lembra o eterno amo. O prédio foi repassado à Universidade Federal do Amazonas (Ufam) em 1988. No local de ensaio foi construída a primeira biblioteca do Campus de Parintins.

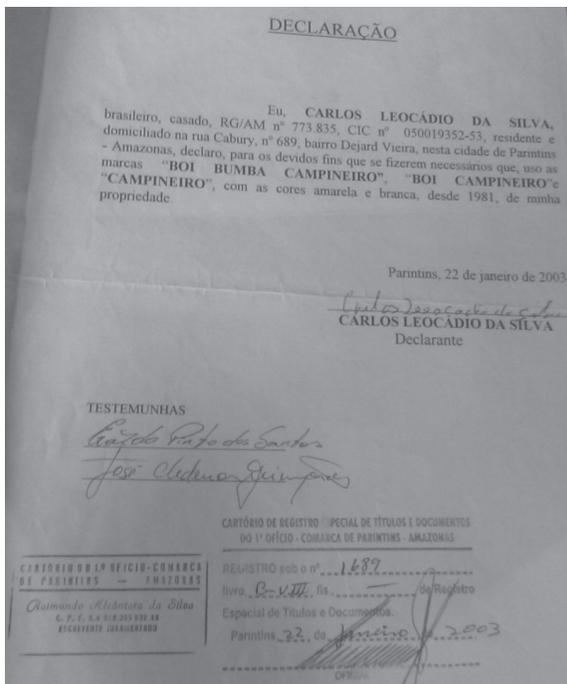


FIGURA 4 – Registro em Cartório, declarado por Carlos Leocádio da Silva, o Camoca, que resguarda o uso do nome Campineiro e suas cores tradicionais. **FONTE** – Camoca, 2003.

O boi Campineiro veio a adotar oficialmente o amarelo como terceira cor a partir da disputa do Festival Folclórico de Parintins de 1981, realizado no estádio Tupy Cantanhede e depois no “Tabladão do Povo”, um anfiteatro construído em madeira pela prefeitura do município, no mesmo lugar onde foi levantado o atual bumbódromo.

“Passamos a usar também o amarelo porque era uma cor que realçava à noite”, disse Camoca. “Mudamos também porque os torcedores do Caprichoso e do Garantido passaram a chamar o Campinei-

ro de boigaio. Uma mistura de boi e papagaio, por causa da cor verde”, completou o ex-apresentador oficial do Campineiro, professor João Cabral Mourão, 52. Nessa época, o Festival Folclórico de Parintins era realizado anualmente nos dias 28, 29 e 30 de junho.

Para João Cabral, o motivo pelo qual o agora boi verde e amarelo entrou na competição foi em decorrência de um desentendimento entre os representantes de Garantido e Caprichoso, que não chegavam a um acordo sobre o local para a realização do festival folclórico naquele ano. Os dirigentes do azul queriam o Parque das Castanholeiras (Ginásio Poliesportivo Padre Silvio Miotto), localizado na rua Sá Peixoto, bairro da Francesa (reduto azul), enquanto que os representantes do vermelho optavam pela realização da festa na quadra da Juventude Alegre Católica (JAC), onde hoje está situado o Show Clube Ilha Verde, na avenida Amazonas, Centro (reduto vermelho).

O início da década de 1980 ainda era marcado por vários conflitos de ruas entre os aficionados torcedores das agremiações. Foram as desavenças que motivaram a existência de uma linha limítrofe imaginária na Ilha, tendo como marco da divisão territorial a praça da padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo. Usualmente os bois brincavam nas ruas e era proibido ultrapassar o território do contrário, a fim de evitar os temidos encontros. Por não ter um local próprio, ao longo dos anos o festival foi realizado em lugares diferentes, antes de ser sediado no bumbódromo, tais como a quadra da paróquia da Catedral, a quadra do Ipasea (ambos no Centro), o parque das Castanholeiras, a quadra da JAC, o estádio Tupy Cantanhede, o Tabladão do Povo e o Anfiteatro Messias Augusto.

Cabral era radialista da rádio Alvorada, animava festa de arraial de santo e fazia propaganda volante na cidade. O radialista estava na casa dele, na avenida Nações Unidas, Centro, quando recebeu a visita do presidente Cardovan que o convidou para a difícil missão. Ele pegaria pela frente o ex-apresentador do Garantido, Paulinho Faria, que ficou consagrado na função pela desenvoltura e empatia com a galera. Era um mito.

O professor relata que contou com a ajuda do também radialista Abílio Silva para dividirem o fardo. Além de receber minguados recursos financeiros do poder público e não ter patrocínio dos comerciantes da cidade, o boi Campineiro também sofria com a falta de torcedores. “A gente não tinha torcida. Teve uma noite que ficamos sozinhos na quadra. Nesse dia, o Garantido se apresentou por primeiro e quando começamos a entrar no tablado de madeira, vi só meia dúzia de gatos-pingados na arquibancada”, afirmou Cabral. Sem a presença do Caprichoso, a torcida que lotava as duas arquibancadas do estádio era praticamente a galera vermelha.



FIGURA 5 – Apresentador oficial do Campineiro, João Cabral Mourão, 51, ex-secretário de Planejamento da Prefeitura de Parintins. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

Cabral e Abílio sabiam das dificuldades de um confronto direto com Paulinho Faria, que por 26 anos apresentou o Garantido e durante todo esse tempo foi o maior ídolo da nação vermelha e branca. Reconheciam, mas não recuaram. O povo do São José o chamava carinhosamente de “garotinho de ouro da Baixa”. Faria confirma que naquela época havia muitos conflitos entre as agremiações adversárias. Caprichoso e Garantido brincavam nas ruas, duelavam-se nos versos de desafio de seus prosadores e quando o repertório terminava os seguidores dos bois partiam para resolver a contenda ali mesmo, no braço.

Para atenuar os embates, o grupo Juventude Alegre Católica (JAC), dirigido por Raimundo Muniz, Xisto Pereira e Lucinor Barros (o único ainda vivo), decidiu criar o festival em 1965 e começou a organizar a festa com critérios de julgamento que decretasse, de maneira justa, aquele que seria o maioral da cidade. Definiu-se então que a dis-

puta ocorreria nos dias 28, 29 e 30 de junho. Nesse primeiro ano não houve disputa, segundo discorre Tonzinho em seu livro. O primeiro campeão foi conhecido somente no ano seguinte, em 1966, quando o Garantido levantou a taça.

Mesmo com um lugar definido, para escolher o melhor boi do ano pelo voto direto dos jurados, o quebra-quebra ainda continuava no encerramento das apresentações dos bois. Em 1977, o festival foi realizado no Parque das Castanholeiras ou Centro Cultural de Esporte (CCE), hoje Ginásio Poliesportivo Silvio Miotto, localizado na rua Sá Peixoto, bairro da Francesa, reduto azul.

FIGURA 6 – Lucinor Barros (à direita), um dos fundadores do Festival Folclórico de Parintins, recebeu a comenda Rui Araújo, da Assembleia Legislativa do Amazonas, em 2012.

FONTE – Divulgação/Aleam.



“Nesse ano, o Garantido perdeu e o povo da Baixa ficou revoltado. O Garantido estava impecável. O contrário nem alegoria tinha. Lá, a torcida do contrário ainda jogou ovo podre e pedaços de madeira enquanto nos apresentávamos. Foi o primeiro ano do Jair Mendes e nós passeamos na quadra. Era o ano que a avenida Amazonas estava sendo inaugurada. Nós viemos quebrando tudo e jogando bancos do passeio. Foi um verdadeiro arrastão. Houve uma revolta muito grande pela injustiça. O pessoal da Baixa não deixava barato, não”, contou Paulinho Faria.

O Garantido já havia vencido o festival de 1975 e de 1976. Como os dirigentes dos bois não aceitavam que a comissão organizadora levasse a urna de votação para que a apuração fosse realizada no dia posterior à apresentação, como hoje acontece, o resultado de quem levava o título de campeão era divulgado na hora. Ou melhor, após o encerramento da última noite. No processo de votação e apuração

atual, os envelopes dos jurados são lacrados, armazenados em duas urnas, também fechadas com lacre, guardadas no quartel do Batalhão da Polícia Militar da cidade e abertos somente no dia seguinte, após o encerramento da festa, para a computação oficial dos pontos com a presença da imprensa.

Insatisfeitos e por acreditar que foram injustiçados, os dirigentes do vermelho reuniram-se com os organizadores do festival e disseram que o evento não teria mais como continuar por mais uma temporada na CCE. Em 1978, a JAC decide então realizar o festival em sua quadra, que ficava situada na avenida Amazonas, onde hoje é o Show Clube Ilha Verde. A localização era o bairro de São Benedito (reduto vermelho).

“Resolvemos devolver a gentileza. Quando o Caprichoso entrou na quadra da JAC, também jogamos ovo e pedaços de pau. Houve, inclusive, agressão aos brincantes de lá (contrário) na primeira noite. Com medo, eles não voltaram mais para disputar nas duas últimas noites e aí o Garantido acabou disputando o festival com o Campineiro. Foram os três bois que disputaram nesse ano”, relatou o ex-apresentador do Garantido, Paulinho Faria. Sem o grande rival na arena foi fácil a vitória do vermelho.



FIGURA 7 – Quadra da JAC, local onde foi realizado o festival folclórico de 1978, em que o Campineiro decidiu o título com o Garantido. Atualmente funciona o Clube Ilha Verde. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

Quatro anos após o festival de 1978, o boi de Camoca tem nova oportunidade de se apresentar e volta a brincar em 1982, com Garantido e Caprichoso, no tabladão do estádio Tupy Cantanhede. A confirmação é do radialista Franco Costa, que foi apresentador e levantador de toadas naquele ano. “Eu apresentava e cantava as toadas

do Campineiro. O nosso boi já reunia dissidentes do azul e do vermelho que ficaram descontentes com as diretorias e apostavam que o Campineiro seria uma terceira potência do festival, mas a coisa não vingou”, confessa Franco.

“Em 1983 eu já não estava mais no Campineiro. O Caprichoso me contratou como apresentador e foi o ano que não nos apresentamos para disputar com o Garantido”, acrescentou Costa. O apresentador defendeu esse posto no Caprichoso durante cinco anos.

FIGURA 8 – Franco Costa, apresentador e levantador de toadas do boi Campineiro, em 1982, mas marcou época apresentando o Caprichoso.
FONTE – Jonas Santos, 2012.



A participação do boi do Aninga no festival de 1982 não tem fundamento em nenhum livro, nem mesmo nas páginas dos exemplares de Saunier. A versão de Franco, porém, é ratificada pelo ex-apresentador do Garantido, Paulinho Faria, e pelo próprio dono do Campineiro, o Camoca. “Eu lembro bem do festival de 82. Ficamos em último lugar, mas disputamos com orgulho”, conta Leocádio. Franco Costa hoje é radialista na cidade de Maués, distante de Manaus 267 quilômetros, e faz assessoria de imprensa para a prefeitura.

Com a desistência do Caprichoso, no ano de estreia de Franco na função de apresentador do azul, reacendia nova chance de o boi Campineiro se consagrar como uma força do festival. Esse momento reentrante se registra em meio a polêmicas, discussões e desavenças ocorridas entre Garantido e Caprichoso. O boi Garantido vinha de um tricampeonato em cima do Caprichoso e em 1983 partia para conquistar o tetra. Segundo Paulinho, dirigentes do Caprichoso desistiram de disputar a festa folclórica porque supostamente os marujeiros acreditavam que o prefeito da época, Gláucio Gonçalves, poderia estar

favorecendo, de algum modo, o resultado do festival para dar vitórias ao Garantido e prejudicar a disputa do festival. “Eles achavam que éramos beneficiados porque sempre homenageávamos o Gláucio. Mas não era nada disso. Nós sempre soubemos que o prefeito era torcedor do Caprichoso, mas em respeito o homenageávamos com belas toadas”, acentuou Paulinho. Sem o Caprichoso na briga, pela segunda vez, o Garantido fez um verdadeiro passeio em cima do Campineiro e levou para casa o tetracampeonato.

João Cabral lembra os apertos que o verde e amarelo teve para duelar com o Garantido. O boi do Camoca tinha dificuldades para conseguir até brincantes e itens oficiais para sair nas noites de apresentação. “Numa das vezes saímos atrás de uma jovem bonita. Já havíamos acertado previamente para que ela fosse item oficial do boi. Ficou tudo certo. Conversamos com a família dela e a moça já tinha até tirado a medida da roupa. Mas, no calor do festival, se aproximava a hora do boi Campineiro se apresentar e ela não aparecia na concentração. Nervosos, nos dirigimos à casa da bela jovem e fomos atendidos, a distância, por um dos irmãos do nosso item, que tascou lá de dentro da casa, em voz alta: a mana já saiu. Ela foi lá pro Garantido”, conta o apresentador, que esboça um sorriso, ao recordar o episódio.

O artista do boi Garantido, Antônio Cansanção, foi o primeiro de ponta que o Campineiro teve. Ele veio da escola do consagrado artista Jair Mendes, o maior artista do festival de Parintins e, por circunstância do destino, o enfrentaria naquelas três noites do evento. “Veio o convite para ser o artista principal do Campineiro, vi pessoas incentivadas em botar o boi e aceitei. Eu era praticamente um aprendiz, mas aceitei enfrentar o mestre Jair. Naquela época, minha mãe fazia parte da diretoria e ficou mais fácil me entrosar no grupo”, conta.

Antes de ingressar no boi verde e amarelo, Cansanção morava em Manaus e nas férias do mês de junho, quando retornava a Parintins, trabalhava com Jair em seu QG pelo Garantido. Depois de ajudar o Campineiro no festival, Cansanção foi trabalhar no Caprichoso, onde atuou em 1991 e 1992. “No ano seguinte, o Fred Góes era o presidente do Garantido e me convidou para ser artista do boi, onde per-

maneço até hoje”, disse. A especialidade de “Cansas”, como os artistas o chamam no galpão da Cidade Garantido, é a produção do ritual indígena.

FIGURA 9 – Artista do Campineiro, Antônio Cansanção, que hoje trabalha no boi Garantido, foi auxiliar do mestre Jair Mendes. É especialista em alegorias para ritual indígena. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.



No Campineiro, Cansanção trabalhou em um QG improvisado, que funcionou no quintal da casa de Camoca, bairro de Palmares. E no festival o artista não fez feio. O “boi do Palmares” – naquela época o Caprichoso era conhecido como o boi do Esconde, reduto localizado na rua Sá Peixoto, bairro da Francesa – ainda conseguiu vencer em três itens o Garantido: figura engraçada, toada e alegoria. E vencer o mestre das artes não era fácil. Jair era um mago.

O item figura engraçada, já extinto do concurso de bumbás, era um sapo que Cansanção levou para a quadra do tabladão. “Era um brincante com a fantasia que dava saltos na quadra”, disse. “A alegoria era uma cachoeira”, acrescenta. E a toada que desbancou os poetas da Baixa do São José foi “Velhos Tempos de Tablado”. Um trecho da toada dizia o seguinte: “[...] Vim recordar velhos tempos de tablado, eu vim dançar, eu vim cantar o meu refrão”. Até hoje é toada mais conhecida do boi. O refrão se popularizou e virou jargão na cidade.

Jaime Ferreira, 72, o Lamparina, foi o tripa do boi na época. Sua tarefa era ainda mais difícil porque Jair Mendes era também o tripa do Garantido. Além de ser o artista de alegorias, de tribos, de produzir roupas e fantasias de itens oficiais, ser ilusionista por ofício, Mendes confeccionava e dava vida ao boi. Ele fez, por exemplo, o boi Garantido ganhar movimentos de forma geral na arena. No início da década de

1980 o Garantido já mexia a cabeça, a orelha, o rabo, piscava, comia capim e sal. Jair o chamou de “boi biônico”, numa menção a série de sucesso de TV, daquele ano, intitulada de “O homem de seis milhões de dólares”, exibida na Rede Globo. O Campineiro, ao contrário, não tinha nenhum truque e estava obrigado a se conter com o gingado tradicional do balanceio, do rodopio e do dois-pra-lá-dois-pra-cá do seu tripa.



FIGURA 10 – Tripa do Campineiro, Jaime Ferreira, 72, o Lamparina, foi convidado para dançar debaixo do boi durante um ensaio do Caprichoso, na rua Cordovil.

FONTE – Jonas Santos, 2012.

“Eu estava acompanhando a saída do Caprichoso, que foi brincar na travessa Cordovil, quando o Camoca me convidou para ser o tripa do Campineiro e eu aceitei”, acentuou Lamparina. O ex-tripa, que era torcedor do Caprichoso, não soube dizer quem confeccionou o Campineiro. “Não sei contar quem fez o boi. Quando eu cheguei para brincar debaixo do boi, ele já estava pronto”, confessa o brincante. Por outro lado, se Lamparina desconhece quem produziu o Campineiro, no ano em que ele participou como tripa, outra pessoa destaca com precisão o trabalho: “Foi o Jair Mendes quem fez o boi Campineiro naquele ano”, revelou o artista Cansação.

Nos anos de 1978 e 1983, o Campineiro entrou na disputa do Festival Folclórico de Parintins porque o Caprichoso se recusou a participar e deixou de comparecer à festa. Em 1983, quando o Caprichoso desistiu de concorrer, o gerente do Banco da Amazônia S.A. (Basa) em Parintins, Cardovan Felisberto de Santana, 66, natural da cidade de Itacoatiara/AM, distante 273 quilômetros da capital Manaus, assumiu a presidência do Campineiro e decidiu, com a ajuda de alguns amigos e de dissidentes do Caprichoso e do próprio Garantido, enfrentar o boi do São José. “O Garantido já tinha vencido dois ou três anos seguidos

e o Caprichoso dizia que não sairia mais em protesto, pois estavam apanhando muito. Eu disse ao mestre Camoca que no ano seguinte eu iria para o Campineiro e íamos disputar com o Garantido”, afirmou.

Com a confirmação oficial da saída do Caprichoso anunciada pela organização do festival, Cardovan conversou com Camoca e formou uma diretoria. Trouxe ainda artistas e pessoas envolvidas em ambos os bumbás, como integrantes das famílias do empresário Dodó Carvalho e do então vereador Geraldo Medeiros (ambos do Caprichoso). Veio também a costureira Dirce Cansação (Garantido), que ocupou lugar de destaque na linha de frente do boi, e o filho dela, Antônio Cansação, além de diversas mulheres bonitas, filhas de comerciantes, as quais desfilavam com fantasias de destaques ou eram convidadas para encenar como item oficial.

Os universitários do Projeto Rondon, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que cumpriam uma etapa do programa, em Parintins, foram grandes incentivadores e entusiastas da participação do Campineiro no combate. Eles se juntaram ao grupo de dissidentes dos bumbás. “Eu era gerente do Basa e chamamos a turma nova de Caprichoso e Garantido. Juntamos a turma toda e brincamos, fizemos uma festa bonita. Havia dissidentes dos dois bois e como o Caprichoso não ia disputar, o pessoal do azul veio todo pro meu lado. Perdemos o festival, mas disputamos”, avaliou. Segundo o presidente, naquele ano, o Campineiro levou para o “Tabladão do Povo” uma média de 600 brincantes.

O padrinho do boi Caprichoso, Alcinécio Vieira, refuta a ideia de que o bumbá azul e branco tenha “corrido” do confronto. De acordo com ele, o motivo foi um regulamento mal elaborado pela prefeitura e Comissão Organizadora do Festival, que supostamente beneficiaria de algum modo, na avaliação da diretoria do Caprichoso, o arquirrival Garantido. “Eu estava na reunião e a Odineia Andrade coordenava a comissão do Caprichoso que discutia o regulamento. O Edu Costa, vice do prefeito Gláucio, bateu o martelo sobre o regulamento. Toda a presidência, incluindo o Geraldo Medeiros, que era presidente, não concordou e decidimos não participar. O Tonzinho (Saunier), que era

o presidente da Comissão Organizadora, pegou corda do Edu e ficou do lado dele”, afirmou Vieira.

Franco Costa, que acabara de chegar ao Caprichoso e preparava a garganta para animar a galera azulada, foi também surpreendido com a decisão do presidente Medeiros. “O prefeito Gláucio colocou o Edu como presidente das Comissões Julgadora e Organizadora, mas ele também era o apresentador do Garantido, com o Paulinho. Desconfiamos, porque acreditávamos que seríamos enganados e o Geraldo não aceitou. Nesse ano eu já estava no Caprichoso e fomos brincar na quadra da CCE”, completou Franco Costa.

O presidente do Caprichoso, em 1983, Geraldo Medeiros, culpou a prefeitura pelo fato de o boi não participar do festival folclórico daquele ano. Medeiros disse que partiu do poder público municipal a decisão de afastar a agremiação da disputa. Ele culpa o vice-prefeito, na época Eduardo da Costa Ferreira, 73, o Edu Costa, de ser o pivô da polêmica. Edu fora nomeado pelo prefeito Gláucio Bentes Gonçalves para presidir a Comissão Organizadora do Festival, a qual também tinha poderes pela escolha de jurados. Geraldo acusou Edu Costa de produzir um regulamento que beneficiaria o boi Garantido. No regulamento atual da festa folclórica existem Comissões Organizadora e Julgadora, com funções distintas.



FIGURA 11 – O presidente do Caprichoso, Geraldo Medeiros, decide retirar, em 1983, o boi da disputa com o Garantido. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

A decisão do Caprichoso em se afastar da competição ocorreu durante uma reunião convocada por Edu na sede do Palácio Cordovil, localizado na praça Edu-

ardo Ribeiro, Centro, onde funcionava a prefeitura. Representando o Caprichoso estavam Geraldo Medeiros, Odineia Andrade, Maurício Viana

e Alcinélio Vieira; pelo Garantido, Zezinho Faria, ex-deputado estadual, e o ex-presidente da Câmara Raimundo Rui Mendes, chamado pelo boi contrário de “Frasquinho de Veneno”. O historiador Antônio Pacífico Siqueira Saunier, o Tonzinho Saunier, era quem secretariava o encontro. A reunião tinha por finalidade tratar da organização da festa, da compilação do regulamento e da seleção de jurados. “Quando eu assumi a presidência do Caprichoso, o Gláucio era o prefeito e o Edu foi nomeado presidente da Comissão Organizadora e, na elaboração das regras da disputa, ele apresentou uma proposta que eu não lembro no momento, mas que nós não concordamos. Não achávamos correto porque beneficiaria o boi contrário”, afirmou Medeiros.

Nesse dia, Edu também exercia a função de prefeito em exercício, uma vez que Gláucio estava em Manaus. “Com isso, o Edu virou-se para mim e disse que o Caprichoso estava eliminado do festival e Tonzinho prontamente concordou. Eu disse que queria que isso constasse em ata. Se não rasgaram, a ata ainda está lá. Não concordamos porque era prejudicial, puxava mais para o Garantido”, completa o ex-dirigente. Geraldo retirou-se da sala da prefeitura, com a sua diretoria, e partiu para um encontro com o padre da paróquia do Sagrado Coração de Jesus, Francisco Lupino, já falecido, que era torcedor do Caprichoso e pediu que o sacerdote autorizasse a utilização da quadra do Parque das Castanholeiras para que o boi brincasse. “Encontramos o padre na Igreja e pedi que ele me cedesse o Parque das Castanholeiras. Brincamos as três noites do festival. Foi tudo muito bonito e a torcida acompanhou a gente”, lembra o ex-presidente, enfatizando como se deu a resposta ao fato de o Caprichoso ter sido retirado da disputa.

FIGURA 12 – Sede do Palácio Cordovil, antiga prefeitura, local da reunião que marcou o dia da desistência do Caprichoso de não disputar o 18.º Festival de Parintins. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.



O presidente Geraldo ainda aguardou por uma contraordem do prefeito Gláucio, no seu retorno de Manaus, que, de acordo com ele, colocaria um fim na decisão do vice Edu. “Mas o Gláucio chegou de Manaus e não fez nada, não deu uma palavra. Sinal que aprovou”, protesta.

Sobre esse episódio, Gláucio relata no livro *Parintins nas minhas lembranças*, publicado em 2012, o seguinte: “[...] falo agora do primeiro ano do meu segundo mandato de prefeito. O Edu Costa como vice-prefeito foi nomeado por mim para presidir a comissão encarregada do festival folclórico desse ano de 1983. Tive de viajar a Manaus para tratar de assuntos do município. No meu retorno encontrei a confusão formada. O Caprichoso, pelo seu presidente Geraldo Medeiros, não quis aceitar o Edu na presidência dessa comissão; alegava-se que o vice-prefeito era ou continuava simpático ao Garantido”.

A nomeação de um novo presidente para a Comissão Organizadora que Geraldo esperava não aconteceu. Mesmo com a pressão dos fanáticos torcedores do azul e branco, o prefeito manteve Edu na presidência. “Acontece que eu e o Edu havíamos acabado de sair de uma eleição vitoriosa; não tinha como deixar de prestigiar o companheiro que se mostrava tão entusiasmado em presidir essa comissão. Não tive como atender ao apelo que me foi enviado. Paciência”, cita o ex-prefeito Gláucio Gonçalves, em trecho do livro.



FIGURA 13 – A cerimônia de posse do prefeito Gláucio Gonçalves (esquerda) e do vice-prefeito Edu Costa, em 1983.

FONTE – Álbum de família, 2012.

Na mesma obra, ele faz uma ponderação sobre a decisão tomada. “Se ele, o Edu, não encontrou uma saída honrosa, muito menos eu, seu companheiro de campanha. Hoje, com mais

experiência, certamente teria adotado um ‘modus vivendi’ e tudo teria sido resolvido sem desdobramentos. Mas o certo é que o Caprichoso, nesse ano, não participou do festival oficial, o que foi para muitos profundamente lamentável”, atenua Gláucio. O ex-prefeito abre pouco mais de duas páginas de seu livro, com o subtítulo “O boi Campineiro salvou o festival de 1983”, para revelar detalhes do momento singular do boi verde. Para ele, sem o embate tradicional dos dois grandes rivais, o festival esfriaria e traria prejuízo para a cidade. Gláucio ressalta que foi durante uma reunião realizada na prefeitura que surgiu a ideia de convidar o Campineiro, que um ano antes já havia participado do festival, em disputa com Caprichoso e Garantido. “[...] Para amenizar o prejuízo com a ausência do Touro Negro, eu e minha equipe reunimos e tomamos a decisão de procurar os responsáveis pelo boi Campineiro, que havia se apresentado no ano anterior”.

Zeinho Faria lembra que não foi na sede da prefeitura que o presidente Geraldo Medeiros tomou a decisão de retirar o Caprichoso da disputa. “Eu participava de todas as reuniões sobre o regulamento. Era eu e o Raimundo Rui Mendes, meu parceiro, que representávamos o Garantido. A reunião encerrou e fomos todos para nossas casas. Fomos saber depois que o Geraldo havia decidido retirar o contrário do festival. Foi uma decisão que nos pegou de surpresa”, recorda. Em 2013 completam três décadas que o boi verde e amarelo não concorrem mais pelo título do festival e também 30 anos que o Caprichoso deixou de participar oficialmente daquele ano histórico. Mas o tempo não foi suficiente para apagar a indignação do ex-presidente Geraldo Medeiros. Para ele, a entrada do Campineiro foi um arranjo, como meio de colocar um boi para entrar na disputa com o Garantido.

“Foi nesse dia que nasceu o Campineiro, porque não íamos participar. Ele foi criado somente para disputar o título com o Garantido. Procuraram o Cardovan e junto com o grupo do Camoca colocaram o boi”, protesta, contestando a data de criação do verde e amarelo do Aninga. “Fomos afastados pela prefeitura na pessoa do Sr. Edu Costa. Todo mundo na cidade sabia que o Edu era do boi Garantido”, acrescenta. No dia da abertura do festival de 1983, realizado no primeiro

ano do Tabladão do Povo, no terreno do antigo aeroporto Júlio Belém, Geraldo recebeu em casa a visita do poeta Thiago de Mello, amigo de Tonzinho e do irmão do ex-prefeito Gláucio, Tico Gonçalves. Thiago tentou convencer Geraldo a voltar para a disputa do festival folclórico, mas recebeu um sonoro não.

“Thiago e Tico vieram aqui em casa implorando para que o Caprichoso voltasse, mas não aceitei. Disse a ele que criaram o Campineiro para a disputa e agora queriam me levar para participar. Reuni minha diretoria e todos foram unânimes em não voltar. Ninguém concordou em levar o boi para lá”, afirmou Medeiros. Geraldo Soares de Medeiros ainda foi presidente do Caprichoso em 1991/1992, todavia também não cumpriu todo o mandato. Ele renunciou no primeiro ano, por conta de um desentendimento com as autoridades do município que não permitiram que a direção do Caprichoso instalasse placas de publicidades no curral, situado na antiga área da pista do aeroporto, atual endereço da rua Gomes de Castro, Centro.

A Secretaria Geral de Cultura do governo federal havia liberado 150 mil cruzeiros para cada boi (cerca de R\$ 75 mil na moeda atual). As associações folclóricas também tiveram aporte financeiro no valor de 150 mil cruzeiros da Fundação Banco do Brasil para os dois bumbás. “Mas esse dinheiro não foi usado e voltou, porque não permitiram que eu colocasse a propaganda dos patrocinadores no curral”, diz Medeiros, que afirma ter sido o montante a primeira verba federal liberada para a festa folclórica de Parintins.

Geraldo Medeiros revelou que quando se instalou, em Parintins, recebia em sua casa a visita do Garantido. “Naquela época os bois brincavam nas casas das pessoas. E eu queria que meus filhos, minha família, vissem os bois e decidissem por qual deles torcer. Então, eu trazia o Garantido e o Caprichoso para brincar em frente de casa. Naquela época eu ajudava os dois”, confessa.

No ano na disputa entre Campineiro e Garantido, em 1983, a cidade comemorava o 18.º Festival Folclórico de Parintins. O Tabladão do Povo tinha sido construído em madeira, com estrutura de camarotes, cadeiras e lances de arquibancadas. Havia uma rampa por

onde os bois entravam para se apresentar. O prefeito Gláucio Gonçalves escolheu o lugar por estar concentrado numa área central, que colocaria um fim às desavenças entre os bois rivais. Quatro anos depois, em 1987, ele convida o então governador Amazonino Mendes para assistir ao festival, ainda no tabladão de madeira, ora chamado de anfiteatro Messias Augusto, e convence o “Negão”, como amigos mais próximos chamam Amazonino, a construir um novo bumbódromo em Parintins. Esse novo bumbódromo em alvenaria e em estrutura metálica é inaugurado no dia 28 de junho de 1988. No ano da inauguração o Garantido foi campeão.

No festival de 2013, ano do centenário dos bois, o governador Omar Aziz inaugura um novo bumbódromo, maior e com a fixação de um arco metálico sobre a arena que serve de suporte para equipamentos de iluminação e sonorização.

FIGURA 14 – O Tabladão do Povo, construído em 1983, pelo prefeito Gláucio Gonçalves. **FONTE** – IGHP, 2009.



O vice-prefeito de Parintins e presidente da Comissão Organizadora do Festival, em 1983, Edu Costa, diz que o Caprichoso não foi preterido pela prefeitura e também não existiu nenhuma proposta adicional ao regulamento que resultou na saída do touro preto da competição. Quando abordado sobre a declaração feita pelo ex-presidente Medeiros, referente às regras da disputa, Edu afirma: “As regras? Vou colocar umas aspinhas aí. Não houve nenhuma proposta da minha parte. Se referia a minha pessoa, porque sempre fui Garantido declarado. Eu brinquei e apresentei o Garantido ao lado do Paulinho Faria. Eu entrava na arena, preparava a galera para o Paulinho e agora como vice-prefeito o Caprichoso não me aceitava

como presidente da Comissão Organizadora”, afirma. Edu é radialista e comandava, antes de ingressar na política, programas de audiência da rádio Alvorada. O ex-vice-prefeito era um marqueteiro de grande capacidade criativa. Ajudou a eleger Gláucio duas vezes para o cargo de prefeito, coordenando as campanhas eleitorais, e no segundo mandato foi convidado pelo próprio político para a composição da chapa. Portanto, gozava de prestígio e da confiança do prefeito.

“Mas agora, como vice-prefeito e presidente da Comissão Organizadora, eu teria de esquecer que tinha preferência pelas cores vermelha e branca e passar a pensar no festival. Só que o Geraldo (Medeiros) achava que, por eu ser Garantido, eu poderia influir no resultado do festival e o Caprichoso se negou a participar”, esclarece Edu. Ele lamentou a desistência do Caprichoso, mas disse compreender que esse processo faz parte da rivalidade da festa dos bois parintinenses. “Vamos ser sinceros, o Caprichoso se negou a participar porque não gostava de mim. Eles não me olhavam como presidente ou como vice-prefeito. Até hoje eu morro de rir de tudo isso”, frisa o ex-presidente da Comissão Organizadora do Festival Folclórico.

O atual vice-prefeito de Parintins, Carmona Filho, que tomou posse no dia 1.º de janeiro de 2013, foi no período de cinco anos (2006-2010) presidente do boi Caprichoso. Além de ganhar três títulos no período de sua gestão, Carmona ainda realizou ousada façanha de contratar o levantador de toadas do Garantido, David Assayag. Em tese, o que Geraldo Medeiros apontou poderia ser observado hoje de modo inverso, caso o atual prefeito de Parintins, Alexandre da Carbrás, nomeasse Carmona para presidir a Comissão Julgadora do Festival Folclórico de Parintins. Qual seria a reação do boi Garantido a essa situação? Todavia, a incógnita vai permanecer porque essa dedução não poderia ser aplicada hoje. O regulamento da festa diz que cabe aos bois escolherem dez jurados, dentre os quais um é eleito para ser o presidente da comissão julgadora.

A desistência do Caprichoso, naquele ano, foi assunto dos jornais e programas da rádio Alvorada, única emissora da cidade. A reunião que resultou nessa decisão foi na sede da prefeitura, à tarde. À

noite, a população inteira da Ilha já tinha tomado conhecimento do caso. O fato se espalhou rapidamente, como qualquer outra polêmica em Parintins que envolva os bois. Sem o Caprichoso no páreo, a prefeitura incentivou o Campineiro a entrar na briga pelo título. Edu contou que torcedores e pessoas influentes do Caprichoso ajudaram o Campineiro a brincar naquele ano e frequentavam os ensaios do boi verde na quadra do Projeto Rondon, da Uerj, onde se situa a antiga biblioteca da Ufam, na esquina da rua Fortaleza com a Maués, bairro Palmares. “Foi uma decisão pessoal do boi Caprichoso, na parte do seu Geraldo Medeiros. Mas se o Caprichoso não se apresentou na cor azul, passou a se apresentar na cor verde que era a cor do Campineiro, porque muita gente do Caprichoso brincou pelo Campineiro naquele ano”, revela.

FIGURA 15 – Antiga quadra do Projeto Rondon, que serviu de local de ensaios do boi Campineiro, em 1983. Atualmente, o terreno abriga o prédio da antiga biblioteca da Ufam. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.



“O Campineiro não tinha tambor e o Caprichoso cedeu vários tambores. A prefeitura ajudou sem dúvida alguma o Campineiro. O importante era ter o adversário do Garantido para que o festival não caísse”, acrescentou o vice-prefeito. Por desistir de participar da festa, o Caprichoso não recebeu o repasse financeiro da prefeitura e o dinheiro que seria destinado ao boi azul e branco foi entregue ao boi do Camoca. Nesse ano, as associações folclóricas ainda não recebiam o aporte financeiro do governo do Estado.

O festival folclórico começava no dia 12 de junho. Os dias que antecediam as exhibições dos bois-bumbás eram destinados às apresentações das quadrilhas. As mais conhecidas eram Filhos de Híppies

e Discípulos de Shao-Lin. Em 1983, antes da disputa entre Campineiro e Garantido, o tabladão recebeu ainda a presença de 400 índios da tribo Sateré-Mawé, que realizaram a dança original da Tucandeira. A ideia partiu do historiador Tonzinho Saunier. Os indígenas viajaram em três barcos das aldeias do rio Andirá, município de Barreirinha (distante 328 quilômetros de Manaus). A prefeitura teve de pedir autorização da Fundação Nacional do Índio (Funai) para que Edu e Tonzinho fossem à reserva indígena convencer os caciques a participar do festival folclórico. “A presença dos Sateré nesse festival não me sai da cabeça. Era uma novidade. Uma atração a mais para a festa”, ressalta Edu Costa.



FIGURA 16 – Parque das Castanholeiras (CCE), na rua Sá Peixoto, Francesa, atual Ginásio Poliesportivo Padre Silvío Miotto, quadra onde o Caprichoso foi brincar em 1983. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

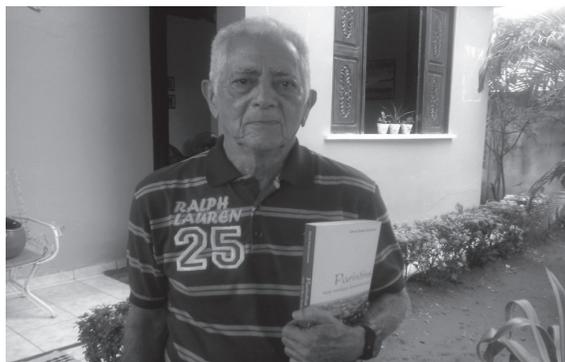
Para Edu, se o Campineiro não se apresentasse naquele ano com o Garantido, mesmo assim o festival aconteceria. Mas admitiu

que seria uma perda para o município e para o processo de consolidação da festa. “Sinceramente, eu acho que o Garantido se apresentaria. O boi realizaria uma apresentação especial, tenho certeza. É claro que não ficaria bom para o município, porque a alegria do festival quem faz é o Garantido e o Caprichoso”, comentou.

Edu Costa advoga que o boi Campineiro reunia todas as condições para continuar no festival folclórico e que a sua permanência deixaria a festa mais democrática. “Se o Campineiro tivesse permanecido teríamos uma terceira força, seria uma coisa maravilhosa. A cidade seria dividida em três partes. Haveria mais espaço para todos e o festival seria mais simpático e mais atraente. Não sei por que não levaram adiante”, comenta.

Posteriormente, ele atribuiu esse esfriamento do boi verde e amarelo ao próprio retorno do Caprichoso. “No ano seguinte, com a reorganização e retorno do Caprichoso, o Campineiro não participou do festival. A maioria dos brincantes, que estava no Campineiro, era do Caprichoso e o boi voltando, o que sobriaria para o Campineiro?”, indaga.

FIGURA 17 – Edu Costa, vice-prefeito e presidente da Comissão Organizadora e Julgadora do Festival Folclórico de Parintins em 1983. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.



Apesar da desconfiança dos dirigentes do Caprichoso, Edu Costa diz que o ex-prefeito Gláucio Gonçalves era torcedor declarado do boi azul e a preferência não influía nos resultados dos festivais. “Eu era Garantido e o Gláucio era torcedor do Caprichoso e isso nunca interferiu na festa”, lembra ele. Com 70 anos de idade, Eduardo da Costa Ferreira vive entre Boa Vista, capital do Estado de Roraima, e Parintins. Em Boa Vista é assessor da prefeitura. Ele defende que o Festival Folclórico de Parintins deveria adotar uma nova programação, que na opinião dele atrairia mais turistas para a cidade. “Não gosto de três dias seguidos. O festival poderia ser realizado em três dias alternados. Em 13, 24 e 29 de junho, datas marcantes dos festejos juninos. Os bois teriam tempo para se apresentar, corrigir erros e a presença de turistas aumentaria”, diz. As datas são referentes a Santo Antônio, São João e a São Pedro, respectivamente.

O presidente do Campineiro, Cardovan, disse ainda que apesar do resultado desfavorável, com a vitória do Garantido naquele ano histórico, os brincantes foram para as ruas comemorar como se o boi verde e amarelo fosse o grande campeão da festa. Vencer o Garantido, em itens importantes, foi considerado pela diretoria e artistas um feito vitorioso. O Campineiro desfilou impecavelmente e alguns diretores sonhavam

com um milagre, com uma grande zebra: vencer o Garantido. “Nós perdemos o festival para o Garantido, mas fomos comemorar nas ruas também. Não lembro ao certo, mas vencemos o Garantido em alguns itens que acredito serem os principais. Ganhamos em toada, alegoria, figura engraçada e comemoramos a vitória nesses quesitos”, lembra o presidente do Campineiro, que hoje é bancário aposentado.

Mas, entre tantos outros documentos guardados com Carlos Leocádio, o Camoca, há uma peça do seu acervo inédito que me intrigou. Havia uma cédula de votação de jurados do Festival Folclórico de Parintins, ainda organizado pela Juventude Alegre Católica (JAC), com timbre oficial da entidade, que chamava a atenção para a data de fundação do festival, em 1965. Nessa cédula do jurado o ano do festival é redigido em máquina de datilografia e atesta o ano de 1981 da disputa entre o Garantido e o Campineiro. Entretanto, a disputa ocorreu em 1983 como é de domínio popular. Essa dúvida nem mesmo Camoca

soube responder, uma vez que todos os personagens que trouxeram à baila o embate ocorrido entre o boi da Baixa e o bumbá do Aninga, ano da desistência do Caprichoso, pouco citam a data de 1981. Aliás, não há fundamentação teórica que comprove que Campineiro competiu no festival de 81, com o Garantido, uma vez que sua participação na festa tinha alternância de datas. Pressupõe-se, portanto, que o ano tenha sido grafado equivocadamente por mero descuido (Figuras 18 e

FESTIVAL FOLCLÓRICO PARINTINENSE
 Fundação em 19 de Junho de 1965
 Organização
 Juven. Alegre Católica
 Rua. São Francisco Alberto Maia, 107
 PARINTINS - AMAZONAS

FOLHA DE VOTAÇÃO
 1981

GRUPO "A" BUMBÁS

	GARANTIDO	CAMPINEIRO
Organização	10	03
Ritmo e Animação	10	04
Marcação	10	04
Vestuário	10	05
Opinião Pública	03	01
Número Individuais	10	04
Total de Pontos	52	23

Fernando da Costa Souza
 Assinatura do Membro

Presidente da (JAC)

FIGURA 18 - Cédula de votação histórica da disputa do festival entre Garantido e Campineiro. **FONTE** - Camoca, 1983.

19). É fato, porém, que entre 1978 a 1983 foi o período em que o Campineiro esteve mais presente no seio cultural da comunidade parintinense.

A resposta mais coerente para essa incerteza poderia ser dada por Raimundo Muniz Rodrigues, um dos fundadores do festival de Parintins e que liderou a organização oficial da festa folclórica naquele período. Muniz, porém, morreu em dezembro de 2004, aos 65 anos de idade. Um personagem ilustre da cidade que também não teve o reconhecimento merecido dos bumbás e dos atuais organizadores do festival.

FIGURA 19 – Imagem ampliada da cédula de votação histórica da disputa entre Garantido e Campineiro. Curiosamente está descrito o ano de 1981. No canto superior esquerdo do documento, o timbre da JAC, que iniciou a organização do festival a partir de 1965.² **FONTE** – Camoca.

	GARANTIDO	CAMPINEIRO
Organização	10	03
Ritmo e Animação	10	04
Marcação	10	04
Vestudário	10	05
Opinião Pública	03	01
Números Individuais	10	04
Total de Pontos		

Cardovan guarda um fato inusitado no festival daquele ano. Ele conta que dois itens principais do boi, “Rei do Sol” e “Deusa da Lua”, tiveram problemas de última hora para entrar na quadra do tabladão. “Os dois eram namorados e momentos antes da disputa se desentenderam. Era uma bela moça, filha de um comerciante da rua João Melo, e ele um rapaz bem aparentado. Para não ficarmos desfalcados encontramos ali mesmo na concentração uma jovem e convencemos ela a vestir a fantasia do item”, recorda. “Dona Dirce (Cansação) conversou rapidamente com a moça, que pegamos de improviso, e recomendou que ela fosse

-
- 2 O que se chama a atenção é para o fato de, no topo do documento, centralizado, estar grafada a data de 1981, e o ano da disputa entre Garantido e Campineiro ter sido, como historicamente se sabe, o ano de 1983. Ou seja, há discordância entre as datas e o autor da pesquisa indica que, como a única coisa datilografada com timbre de cor mais clara no papel é a data, o equívoco pode ter ocorrido por mero descuido.

simpática com os jurados. O detalhe é que, na hora do desfile, nosso item não sorria de maneira alguma e dona Dirce, enlouquecida, fazia gestos bruscos para que ela sorrisse. Para a nossa surpresa, quando a moça, já em evolução, abriu o sorriso, descobrimos que ela não tinha dois dentes da frente”, conta Cardovan. “Imediatamente, dona Dirce ordenou: não ri, porra (*sic*), não ri!”, acrescenta.



FIGURA 20 – Boi Campineiro em evolução. Enquanto o Garantido é branco e o Caprichoso todo preto, o Campineiro se apresentou no tom cinza e destacado na testa um sol. **FONTE** – Camoca, 1983.

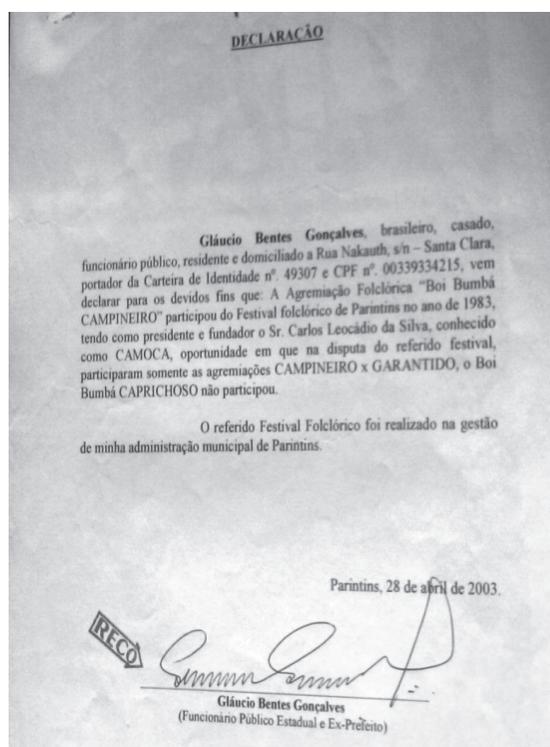
Essa versão de Cardovan é rapidamente confirmada por dona Dirce Cansação, 85 anos, a grande baluarte do Campineiro. “Na verdade, não eram dois dentes que faltavam, eram quatro. Era uma moça muito bonita, do bairro de Palmares, que convidamos para ser item oficial. Para o meu desespero, quando percebi aquilo, corri para o palco (tablado) e chamei a atenção dela, para que parasse de rir para os jurados”, afirmou, aos risos. Apesar da idade, Dirce conserva a lucidez e o bom humor característico de uma jovem de 20 anos. Uma mulher que, ainda hoje, vive muito além do seu tempo. “Era eu quem escolhia as moças para desfilar, para se apresentar no boi. No Campineiro, eu criei tudo”, disse, com seu jeito espirituoso.

E o que a senhora fazia no Campineiro? Que cargo ocupava? A resposta veio fulminante: “eu não fazia nada, eu mandava, eu só mandava”, disse. Dona Dirce era a grande organizadora do boi. Ela fazia os figurinos, as roupas dos destaques e reunia as famílias tradicionais para apoiar o Campineiro na sua apresentação no festival. Ela disse ainda que ocupou também o cargo de presidente do Campineiro nessa década gloriosa do início dos anos 80. “Praticamente eu era a presidente do boi, porque era eu quem mandava. O Camoca não era dono coisa nenhuma. A dona era eu. Ele gostava mais era de beber cachaça. Tudo ficava sob a minha responsabilidade”, conta dona Dirce Cansanção.

FIGURA 21 – Declaração assinada em Cartório pelo ex-prefeito Gonçalves atestando a participação do boi Campineiro no festival de 1983, em disputa com o Garantido. **FONTE** – Camoca, 2003.

O gerente do Basa comandou o Campineiro somente no ano do histórico embate com o boi de Lindolfo. Em 1984, o prefeito Gláucio o chamou em seu gabinete na sede da prefeitura e propôs que ele continuasse a levar o boi verde e amarelo adiante, para uma nova apresentação no festival. Mas o presidente recuou e decidiu deixar a direção do bumbá.

“O prefeito Gláucio me disse: olha, Cardovan, nós queríamos que você colocasse o Campineiro de novo, que ficou muito bonito e agora serão três bois. Eu disse: prefeito, o senhor tem dinheiro para me ajudar e ele respondeu que



não. Eu disse que tava fora, que não aguentava mais, que não queria”, afirma o ex-presidente. Cardovan admite que o Campineiro recebeu doações em materiais, dinheiro e o apoio de muitas pessoas com o objetivo de levar o bumbá para o tabladão, em 1983, mas as despesas que ficaram para ele pagar logo após o festival eram muito numerosas, e isso acabou lhe desencorajando. “Quando terminou o festival eu estava devendo até o último fio de cabelo da cabeça e passei um ano pagando conta. O negócio foi brabo. Muita gente me ajudou, é verdade, mas o problema é que o custo para colocar um boi é muito grande e complicado e ainda mais enfrentar o Garantido. Não foi fácil”, assegura o bancário aposentado, que voltou a residir em sua terra natal.

Foi por telefone que o dirigente relembrou “dos velhos tempos de tablado” e narrou fatos inesquecíveis do festival folclórico que marcou sua vida. Cardovan foi transferido da agência do Basa para trabalhar em Manaus, em 1985. Hoje, de volta a Itacoatiara, ele diz que não quer mais saber de boi. “Hoje não torço mais por ninguém. Eu era torcedor do Garantido, mas agora não torço mais por boi. Não vou mais nem a Parintins, no festival. Faz uns 15 anos que não assisto. Vou à cidade fora da época do boi, em julho ou agosto. Nem em curral de Manaus eu vou. Não quero mais saber de boi. Já fiz a minha parte”, afirma o ex-presidente do Campineiro. A mudança de Cardovan para Manaus, por conta de sua transferência

para outra agência bancária, abriu uma lacuna na diretoria do bumbá e a presidência voltou para as mãos do antigo coordenador, Camoca. “Quando deixei Parintins, não me

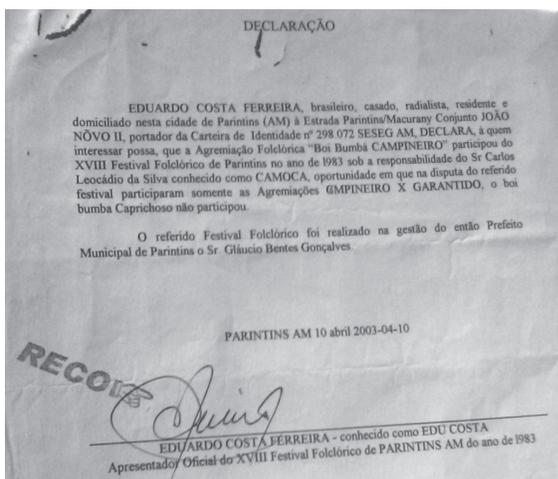


FIGURA 22 - Declaração registrada em Cartório da participação do Campineiro no festival folclórico de 1983, com assinatura do vice-prefeito Edu Costa, na época presidente da Comissão Organizadora e Julgadora do evento.

FONTE – Camoca, 1983.

recordo bem, mas acho que o Camoca voltou a assumir a presidência do boi”, completou Cardovan.

Camoca recorda que até tentou colocar o Campineiro novamente na disputa do festival, que contaria dessa vez também com a presença do Caprichoso, de volta ao embate. A sua intenção, porém, não foi adiante. Sem o bancário na linha de frente e com nenhum projeto tangível, as dificuldades aumentaram, os patrocínios desapareceram e o retorno do boi azul e branco complicara ainda mais o processo de se fechar acordos.

Mesmo com a ajuda de padrinhos financeiros, o Campineiro “[...] ficou devendo até os tambores. Depois desse ano, que enfrentamos o Garantido, não tivemos mais ajuda e sem condição (financeira) não tem como brincar. Corremos para um lado, corremos para o outro e não tivemos mais ajuda”, queixou-se Camoca. O ex-apresentador João Cabral diz que o Campineiro não conseguiu se firmar no Festival Folclórico de Parintins porque houve um grande trabalho nos bastidores de Caprichoso e Garantido para tirá-lo da disputa. Segundo Cabral, em 1983, a Prefeitura de Parintins fez o repasse de recursos financeiros e teve de dividir igualmente entre as três agremiações folclóricas e isso teria incomodado os dirigentes do vermelho e do azul, na opinião dele. “Houve uma pressão muito grande dos dois bois junto às autoridades. Eles não queriam dividir o bolo com o Campineiro”, ressalta Cabral.

Outro motivo, de acordo com o ex-apresentador, foi o desentendimento ocorrido entre os membros da diretoria do Campineiro para eleger um novo presidente. “Houve briga interna entre a comissão que organizava o boi na disputa pela presidência e isso enfraqueceu o Campineiro. Um grupo de pessoas demonstrava interesse em ampliar a participação do boi na disputa. Havia uma grande expectativa de empolgação e que esse seria o grande momento do bumbá para crescer e se igualar a Caprichoso e Garantido. Mas a desunião enfraqueceu o grupo. Quando Cardovan deixou o Campineiro, praticamente o boi acabou e não conseguiu mais espaço no festival”, afirma o ex-apresentador.

O boi verde e amarelo estava, portanto, excluído da disputa. Entretanto, a toada de maior sucesso do festival de 1983 levantou uma

dúvida. Quem foi o autor da poesia que fez o tabladão inteiro cantar, empolgou os jurados e até hoje está na memória de muita gente que viveu a disputa do Campineiro? Entre todos os personagens entrevistados, foram observadas divergências e desencontros de informações.

Camoca diz que o dono da toada é o artista Cansação. Este, por sua vez, ressalta que o letrista foi um funcionário público. “Não recorde se ele era funcionário da Funai ou do IBGE. Não recordo o nome dele agora”, acrescenta. Para Eduardo Paixão, quem escreveu “Velhos Tempos de Tablado” foi o compositor e ex-amor do Campineiro e do Caprichoso, Wilson Sanches. Dona Dirce achava que era Camoca o autor da toada. O brincante, todavia, desmente a autoria. “Não fui eu e não sei dizer quem é o dono da toada”, confessou. Paulinho Faria, grande conhecedor da história do festival, também não sabe quem foi. “Eu não lembro”, completa. Nem o presidente Cardovan, que vibrou quando a música foi escolhida a melhor toada na avaliação dos jurados em 1983, não soube informar o nome do verdadeiro compositor.

Na sequência, a letra escolhida como a toada mais bela naquele início da década de 1980.

TOADA: Velhos Tempos de Tablado

AUTOR: Desconhecido

Vim recordar
Velhos tempos de tablado
Eu vim dançar, eu vim cantar o meu refrão
Peço licença, com educação
A este povo e também à comissão
Balança o boi
Balança o boi
Vamos lá rapaziada
Esquenta o coro e bate forte a batucada
Peço licença com educação a este povo e também à comissão

A exclusão do boi Campineiro

Em junho de 1984, o boi Caprichoso voltou a duelar com o Garantido e o Campineiro já estava oficialmente fora da festa. Nesse ano, o título saiu mais uma vez para o Garantido, que arrebatou o pentacampeonato. No ano seguinte, o Caprichoso rompe essa hegemonia do vermelho e vence o festival, debaixo de muita polêmica e protestos.

Até o ano de 1985 os jurados do festival eram pessoas ilustres de Parintins e personalidades advindas de Manaus. A apuração dos votos não tinha transmissão ao vivo pelos veículos de comunicação da cidade. “Os jurados eram pessoas bem conceituadas que moravam na cidade, mas que recentemente haviam chegado para fixar residência em Parintins. Eram médicos, advogados ou empresários. Em 1977, por exemplo, o advogado Félix Valois foi jurado do festival”, conta Paulinho Faria. O resultado da contagem dos votos dos jurados era anunciado na rádio Alvorada, sem delongas. O locutor entrava no ar em edição extraordinária, do estúdio, e soltava o resultado final das três noites.

Segundo Faria, o Festival Folclórico de Parintins passou a convidar jurados que não fossem radicados na cidade e nem dos Estados da Região Norte em 1986, em decorrência da grande polêmica do ano anterior. Os dirigentes do Garantido atribuem a culpa da derrota para o Caprichoso à professora Maria de Lourdes Bagatelli Belém.

Em 1985 ela era uma das juradas do festival e nas cédulas de votação atribuiu as notas máximas ao Caprichoso e economizou tinta

aferindo notas mínimas, em todos os quesitos, ao boi vermelho. A nota máxima era 5 e a mínima 1. “Nesse ano eu perdi para o Franco Costa, no item apresentador. Nas três noites eu peguei 1 e ele 5. Os jurados julgavam mais de 30 itens”, assinala Paulinho Faria.

FIGURA 23 – Paulinho Faria, o primeiro apresentador do boi Garantido. **FONTE** – Álbum da família Faria, 2000.



O resultado motivou revolta popular de grandes dimensões entre os torcedores do Garantido. Dezenas de torcedores da Baixa saíram às ruas em protesto. Membros do movimento foram para a frente da casa da professora Bagatelli, localizada no conjunto residencial da Sham e apedrejaram a residência. A

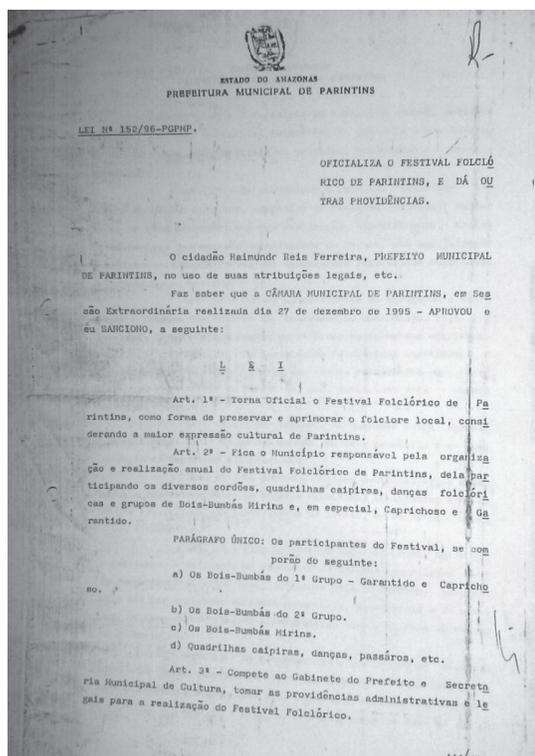
educadora foi obrigada a se mudar para Manaus e nunca mais retornou a Parintins. Zezinho diz que nesse ano a professora Bagatelli foi jurada e ele pensou em votar contra a indicação dela para a função. “Eu havia saído para convidar os italianos para serem jurados com um grupo do contrário e o Rui Mendes ficou com um outro grupo. O Caprichoso levou o Rui para a casa da Bagatelli e lá acertaram que ela seria jurada. Eu queria votar contra porque vi uma bandeira na casa dela do Caprichoso. Portanto, ela era declarada torcedora. Mas o Rui já havia sacramentado”, sublinha Faria.

Zezinho Faria relata que Bagatelli ainda demorou para se mudar de Parintins por causa da votação polêmica. “Ela passou alguns meses e depois decidiu se mudar. Não acredito que tenha sido pelo resultado do festival. Agora, recente, a encontrei numa viagem que fiz a São Paulo e indaguei que ela havia maltratado meu boi naquele ano. Rimos da situação”, comenta. O novo critério de escolha de jurados,

que define a não participação de pessoas dos Estados da Região Norte, exceto Tocantins, permanece até hoje. Outra mudança que a festa sofreu foi a alteração da data de realização do festival, que desde a sua fundação, em 1965, acontecia nos dias 28, 29 e 30 de junho. Em 2005, pelo projeto de lei do Executivo Municipal, aprovado pela Câmara de Vereadores e sancionado pelo prefeito Bi Garcia (PSDB), a saga dos bois na arena passou a acontecer na última semana do mês de junho. A justificativa apresentada foi de que, aos finais de semana, a demanda de turistas na cidade seria maior.

O boi Campineiro não estava mais inserido nessas mudanças. Após sua última aparição no festival folclórico, o “boi do Camoca” ficou enclausurado e se ausentou do cenário sociocultural. Nem convites para a abertura oficial do espetáculo ou outros eventos culturais do município os dirigentes do Campineiro recebem. Apesar dos seus 48 anos de existência, completados em 2013, o Festival Folclórico de Parintins tornou-se evento oficial do município a partir do ano de 1996, após decreto-lei assinado pelo prefeito daquele ano, Raimundo Reis Ferreira, que assumira o segundo mandato. O artigo 1.º da Lei n.º 152/96-PGPMP tornou oficial o Festival Folclórico de Parintins como forma de aprimorar e preservar o folclore local, considerando a maior expressão cultural de Parintins.

FIGURA 24 – Decreto-lei assinado pelo prefeito Raimundo Reis, que oficializa o Festival Folclórico de Parintins como evento do município e exclui o Campineiro da disputa. **FONTE** – Camoca, 1996.



Em seu parágrafo único, porém, a lei estabelece os participantes do evento e apresenta uma categoria de bambás do 2.º Grupo, uma vez que Garantido e Caprichoso possuem cadeira assegurada no 1.º Grupo. O documento, produzido em 1995 e sancionado em 1996, decreta a exclusão total do boi Campineiro do grupo de elite do festival parintense.

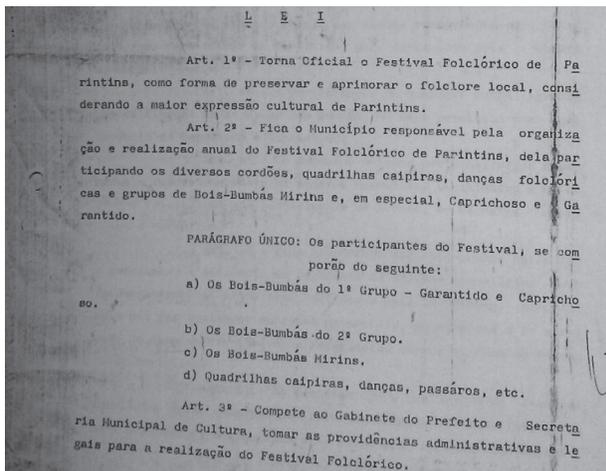


FIGURA 25 – Imagem ampliada do Decreto-Lei n.º 152, PMP, redigida em máquina de datilografia, que oficializa o festival de Parintins e exclui o Campineiro do grupo de elite. **FONTE** – Camoca, 1996.

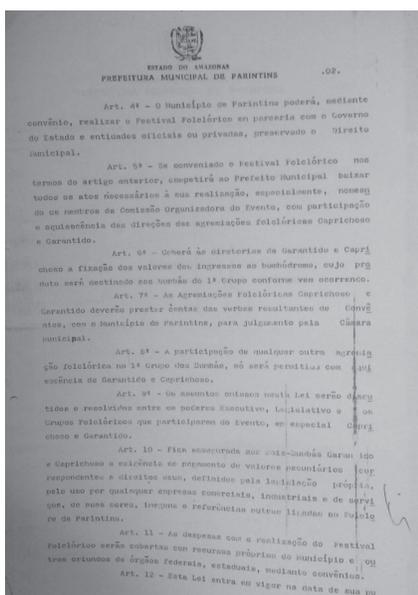
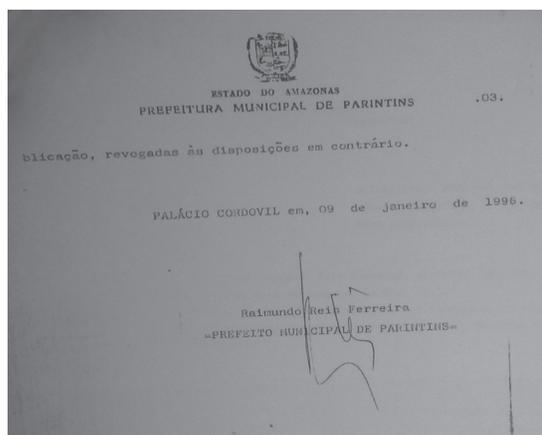


FIGURA 26 – Segunda página do decreto-lei que oficializa do Festival Folclórico de Parintins como evento oficial do município e exclui o Campineiro do grupo de elite. **FONTE** – Camoca, 1996.

FIGURA 27 – Terceira página do documento assinado pelo prefeito Raimundo Reis, em 1996. **FONTE** – Camoca, 1996.



Em 1980, na gestão de Raimundo Reis, a prefeitura, pela primeira vez, toma para si a responsabilidade de organizar, com a JAC, a festa folclórica e leva o embate para o estádio Tupy Cantanhede, no Centro, também como meio de atenuar as desavenças bovinas. “Assisti ao festival nas quadras e prometi que, no ano seguinte, a prefeitura teria de participar da organização. Acreditei na força da festa”, disse o ex-prefeito Reis. Ele também assinou um decreto-lei que divide a cidade ao meio, delimitando o território dos bois, apontando como marco a praça da Catedral da padroeira de Parintins, Nossa Senhora do Carmo. Em 1983, Gláucio tirou o festival do estádio e levou para um anfiteatro de madeira construído pela prefeitura. Em 1987, ele consegue ter a promessa do governador Amazonino Mendes, presente em Parintins, de construção do bumbódromo.

FIGURA 28 – Site www.parintins.com reproduz matéria do jornal *A Crítica* sobre proposta que alterou a data do festival, tradicionalmente realizado dias 28, 29 e 30 de junho. **FONTE** – internet, 2012.





FIGURA 29 – A praça da padroeira de Parintins, Nossa Senhora do Carmo, marco que delimita os territórios, como um divisor de águas. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

Apesar da desarmonia sobre o nome do fundador do Campineiro, Camoca e Eduardo guardam opiniões afinadas quando o assunto é o efeito sociocultural que o atual boi do Aninga teria causado se tivesse prosseguido na competição com Garantido e Caprichoso.

“Naquele festival, o Campineiro incomodou muita gente e, se tivesse continuado, sem dúvida o festival hoje seria diferente. Teríamos três galeras e a história do festival seria outra, com certeza absoluta. Em Parintins, até hoje tem muitas pessoas que são torcedoras do Campineiro”, assegura Paixão.

O início da década de 1980 foi um período de muito acirramento e de conflito entre as torcidas dos bois. O Garantido havia conquistado o tetracampeonato (80/81/82/83), partia para levantar a taça do penta e uma paralisação do festival acarretaria prejuízo econômico e cultural incomensurável para a cidade. Sem disputa, o festival perderia a força. “O festival teria uma queda brusca, porque os bois iam sair um para um lado e um para o outro e o que faz a festa viva é a disputa,

a concorrência. Olha! Os bois têm aquela briga toda, mas a verdade é que um não sobrevive sem o outro”, avalia Cardovan. “Na hora, a gente nem avalia que a participação do Campineiro no festival de 1983 foi importante para o crescimento da festa. Nós fomos participar porque a brincadeira era boa e também para não deixar o festival morrer. Esse foi o nosso grande objetivo: não deixar o festival cair. No ano seguinte, o Caprichoso voltou e não teve mais problema”, acrescenta o bancário aposentado.

O protesto contra as vitórias consecutivas do Garantido motivou o Caprichoso a fazer uma festa na quadra de esportes do Parque das Castanholeiras, rua Sá Peixoto, enquanto o festival acontecia no tabladão. “Se o Campineiro não tivesse saído, não haveria aquela animação e não deixamos o festival ficar sem disputa. O Caprichoso foi se apresentar lá no Parque das Castanholeiras e por lá realizou sua festa particular”, acentua o ex-presidente do Campineiro, Cardovan.

O ex-prefeito Gláucio Gonçalves, que já ocupou cargo de deputado estadual e atualmente é conselheiro aposentado do Tribunal de Contas do Estado (TCE), relata em seu livro *Parintins nas minhas lembranças* o reconhecimento pela contribuição que o “boi do Camoca” creditou ao festival parintinense. Para Gláucio, o “Campineiro salvou o festival de 1983” e admite que sua aceitação em enfrentar o Garantido foi importante para manter o espetáculo.

“É justo e necessário que se registre a importância do boi Campineiro no festival folclórico de 1983, na cidade de Parintins. Valeu o grande esforço e sacrifício do meu amigo Carlos Lima, do meu compadre Camoca e de dona Dirce Cansação e tantos outros folcloristas e artistas do boi esmeraldino que muito contribuíram para que aquele festival fosse realizado com sucesso”, assinala Gláucio, que, contrariando informações prestadas por vários personagens da brincadeira, afe-re que o taxista Carlos Lima foi o presidente do Campineiro à época. Dirce Cansação fala que a participação do Campineiro no festival de Parintins seguramente ocorreu umas quatro ou cinco vezes. “Foi esse período que eu fiquei no Campineiro. O Cardovan ficou apenas um ano. Eu já vinha participando bem antes. O boi ficou comigo vários

anos. Tudo funcionava na minha casa, no beco José Luiz de Menezes, Centro. Eu já estava no Campineiro bem antes. Eu comandava o boi”, acrescenta a afamada costureira de Parintins, que em 1976 já confeccionava as indumentárias dos itens oficiais do Garantido. “Levei toda a minha família para o Campineiro, mas nós todos éramos do Garantido”, comenta Dirce, que é a mãe do artista Cansanção.

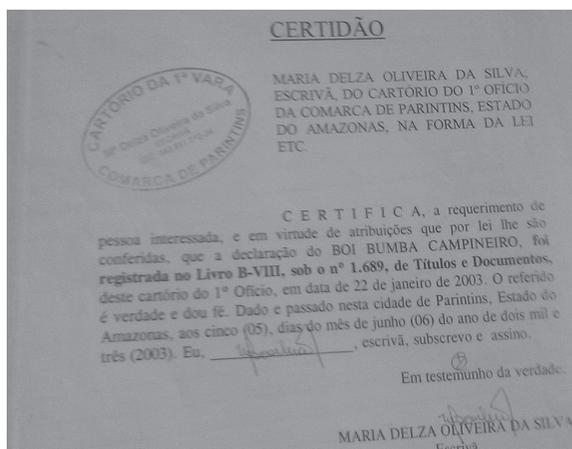
“O Campineiro é o único boi que até hoje tem condições de entrar no festival a hora que ele quiser, por ter história e se encontrar todo documentado e organizado”, avalia Camoca. “Se hoje o nosso boi estivesse [na disputa], quem sabe não estaria melhor. Não teria toda essa lenga-lenga (*sic*) dos dois bois. Acho que hoje teria mais notoriedade e as autoridades dariam mais atenção para a gente. Hoje seriam três torcidas, seria tudo muito lindo. E se a gente não tivesse parado, quem sabe o Campineiro já não teria tomado conta do festival e da cidade”, acentua Camoca.



FIGURA 30 – Para Camoca, boi Campineiro foi excluído da disputa porque Garantido e Caprichoso não quiseram dividir recursos milionários que recebem do governo e da iniciativa privada. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

A ‘lenga-lenga’ a que Camoca se refere são as constantes arengas ocorridas durante a montagem do regulamento do festival, que é renovado há cada três anos e resulta na escolha de novos jurados. Os dirigentes dos bois se amuam quando contrariados em reuniões e esses aborrecimentos findam em muito bate-boca.

FIGURA 31 – Registro de Títulos e Documentos do boi Campineiro, no Cartório da 1.ª Vara da Comarca de Parintins. **FONTE** – Camoca, 2003.



Para apoiar a linha de pensamento de Camoca sobre a escolha do júri, nos remetemos ao ano de 2004, quando um impasse ocorrido entre as diretorias quase deixa o festival sem a grande disputa dos bumbás. Era 28 de junho, primeira noite de folclore. As torcidas desfraldavam bandeiras nas arquibancadas e a mídia cobria o evento em transmissão regional. Com a demora dos bumbás em se apresentar, uma inquietação já emergia das galeras. O silêncio, porém, foi rompido pelos organizadores do festival, que adentraram a arena do bumbódromo para justificar que o horário tardio dava-se pela falta de jurados. Em outras palavras, sem júri os bumbás não poderiam rivalizar e sem competição não haveria boi campeão naquele ano. Em consequência desse empecilho, os jurados do dia 28 de junho foram escolhidos pouco tempo antes da festa, o que provocou o atraso de 1 hora para o início das apresentações.

Nos bastidores, o desfecho para uma solução paliativa do imbróglio foi resolvido assim: o secretário de Cultura do Estado (SEC), Robério Braga, convocou uma reunião de emergência em uma das salas do bumbódromo com o presidente do boi Garantido, José Walmir de Lima, e o presidente do Caprichoso, César Oliveira, além de representantes do Ministério Público Estadual (MPE) e da prefeitura. Ficou decidida a formação de uma comissão do júri da própria plateia. Foram convidadas pessoas de fora do Estado, de preferência de renome nacional, como foi o caso do ator global Marcos Frota, que naquele ano era um dos convidados da multinacional Coca-Cola. Seria um meio de passar credibilidade ao julgamento. Os jurados do 39.º festival folclórico chegaram a Parintins somente no segundo dia da

festa. O dia 28 de junho foi impugnado porque os fiscais dos bois não assinaram a cédula de votação dessa noite.

Não se sabe se teve concordância das partes para que seus nomes não constassem no documento, se foi descuido ou mesmo esquecimento dos representantes das agremiações. O fato é que se registrou um dia de muita confusão no decorrer da apuração dos votos, que aconteceu na sala de imprensa do bumbódromo. Nesse ano, o Garantido venceu o festival com uma diferença de 14 pontos.

A trama que afastou o Campineiro da disputa

Há 16 anos, a Coca-Cola tornou-se patrocinadora do Festival Folclórico de Parintins. A festa recebeu ainda o apoio de outras empresas da iniciativa privada como Bradesco, Nestlé, Natura, Kaiser, TV Bandeirantes, além das estatais Petrobras e Correios e de órgãos governamentais como Ministério do Turismo e Secretaria de Cultura do Estado. Aliás, o festival ganhou dimensão mesmo com a construção do bumbódromo em 1988 e quando a Coca-Cola abraçou a festa.

A importância do festival para o Estado é notória, haja vista que há aproximadamente 30 anos o Governo do Amazonas transfere a sede da capital Manaus para Parintins durante a última semana da festa folclórica. A realização do festival dos bois de Parintins arregaça toda a estrutura da administração estadual, abarcando sistemas de segurança pública, saúde, cultura, infraestrutura, turismo e demais setores do governo. A população da cidade, estimada em 102 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (Censo 2010/IBGE), chega a dobrar em decorrência do volume de turistas que aporta à Ilha Tupinambarana.

Em 2012, o orçamento financeiro de cada boi alcançou o aporte de R\$ 9 milhões. Da parte do Governo do Estado, o repasse aos presidentes dos bois Telo Pinto (Garantido) e Márcia Baranda (Caprichoso) foi de R\$ 1,4 milhão, respectivamente. Até o ano passado, a TV Bandeirantes detinha direitos de transmissão exclusivos da festa e

pagou aos bumbás R\$ 2 milhões – R\$ 1 milhão para cada. Os recursos da Petrobras e Eletrobras somam juntos mais R\$ 2 milhões, também para cada agremiação.

Em 2013, houve um impasse inicial sobre qual emissora de TV transmitiria o evento. A diretoria do Caprichoso fechara contrato de transmissão com a TV Amazonas/Amazon Sat, emissora afiliada da Rede Globo, e os representantes do Garantido com a TV A Crítica, emissora que tem como cabeça de rede a TV Record, que ofereceu às associações folclóricas o aporte de R\$ 600 mil, mas somente o vermelho aceitou. O Amazon Sat não pagou pela transmissão do boi Caprichoso. As imagens do desfile do boi azul no festival serão captadas por uma produtora independente, contratada pela diretoria do boi. Ou seja, cada boi teve uma televisão oficial para transmitir a sua apresentação.

Na década de 80 a prefeitura já estava envolvida de cabeça no festival e o município dispunha de orçamento financeiro para investir na festa e nos bois. Não havia, entretanto, o aporte financeiro dos governos do Estado e federal e nem da iniciativa privada, como ocorre hoje. Foi o período de grande romantismo dos bois, dos conflitos e da grande explosão artística de Jair Mendes. A maturação do festival começava a se firmar e já despertava o interesse da grande imprensa, como da TV Globo que exibia em reportagem especial no Fantástico o “espetacular Festival de Parintins”. E um terceiro boi, disputando o título do festival folclórico, não foi visto com bons olhos pelos comandantes dos bumbás Caprichoso e Garantido. Na época houve rumores de que o Campineiro fora banido por conta de uma trama arquitetada pelos representantes do azul e do vermelho junto à prefeitura. Esses comentários, porém, não tinham sustentação para assegurar que a exclusão do Campineiro era fruto dessa manobra de bastidores.

O trabalho de bastidores é coisa que os bumbás Caprichoso e Garantido sabem fazer muito bem. Até hoje, por exemplo, ambos se acusam de fraudes nos resultados dos festivais, com subornos e aliciamento de jurados. O que se passa nos bastidores daria, então, para ser contado em demais livros, mas esse assunto fica para outro momento.

Os episódios que ocorrem no decurso de cem anos da brincadeira do boi parintinense são cheios de criatividade, beleza, emoção – sem dúvida! – mas, nos bastidores, assistimos também *lobbys* e muita habilidade maquiávelica.

Há determinadas articulações feitas por detrás da cortina dos bastidores – desde a época em que os bumbás brincavam nas quadras diversas da cidade – que me remetem ao “bico de pena” e à “dego-la”, instrumentos então usados ao longo dos tempos para fraudar o processo eleitoral brasileiro, quer seja no alistamento, na votação ou na contagem de votos da chamada Primeira República (1889-1930). O bico de pena era assim denominado porque consistia na adulteração das atas escritas pela comissão eleitoral que apurava a votação. A degola era o método que funcionava como filtro arregimentado por parlamentares da base governista, que nos bastidores usavam de manobras para invalidar diplomas de legisladores que conseguiam se eleger pela oposição. Esse fator interveniente não incide hoje, em adulteração de notas, por exemplo, mas que ocorre aliciamento de jurados, em todas as vias bovinas, isso existe.

Mas, retomando o boi de pano parintinense, Eduardo Paixão também defende que houve na coxia da festa folclórica pressão de representantes de Caprichoso e Garantido para eliminar o Campineiro do festival. “Depois que o Cardovan deixou a presidência, quis botar o Campineiro, mas não houve ajuda. Temos todos os documentos de fundação do boi, mas Caprichoso e Garantido não querem dividir o bolo”, completa Camoca. “Naquele ano, o Campineiro recebeu recursos da prefeitura, mas foi uma parcela menor, enquanto que Caprichoso e Garantido recebiam parcelas maiores e iguais. Esse foi o motivo pelo qual, inclusive, eu não aceitei mais levar o Campineiro para a disputa. Questionei o porquê da discriminação”, protestou o ex-presidente Cardovan Felisberto.

Para o artista de ponta do boi Garantido, Antônio Cansanção, o Campineiro deveria ter insistido e brigado mais para não ficar de fora do festival. “Havia duas situações. A primeira a de que o Campineiro não se manteve porque a festa já estava polarizada entre Garantido e

Caprichoso. A segunda, eu entendo que se o Campineiro tivesse insistido mais um pouco teria ficado. Naquela época, havia viabilidade. O boi era feito com a participação da comunidade, na base da cooperação. Em Manacapuru, o Festival de Cirandas comportou três cirandas e há espaço para todas elas dentro do contexto da sociedade”, justifica Cansas.

O jornalista e escritor Wilson Nogueira defende que o Campineiro foi excluído do festival pela pressão do monopólio capitalista e pela articulação dos dirigentes do Garantido e Caprichoso. “Ele (Campineiro) foi excluído pelos bois e pela pressão do mercado, porque dois fica mais fácil de patrocinar e também de manipular, e de manipular inclusive a opinião pública, nesse caso os torcedores. Esse interesse pelos dois bois veio ao encontro dos interesses do poder público e da iniciativa privada”, argumentou. Para ele, tanto prefeitura quanto iniciativa privada têm prioridade em investir nos bois já conhecidos, em detrimento a uma terceira via. Além disso, a divisão de recursos poderia enfraquecer o poder das agremiações azul e vermelha.

“O poder público, em tese, faria menos esforços para atender ao festival, porque a entrada de uma terceira agremiação seria mais dispendiosa, do mesmo modo que seria também para a iniciativa privada. Haveria ainda, o aumento de custos com despesas e também a pulverização do público, dos torcedores, porque o festival passaria a ter três torcidas. Haveria também uma pulverização do poder. Sem essa mudança, o poder ficaria somente entre os dois bois Garantido e Caprichoso. E com um terceiro boi poderiam surgir mais contradições”, completa Nogueira. “Os dois bois têm receio até hoje de que o Campineiro volte. Quando houve a pintura da arquibancada verde no bumbódromo, não houve aceitação por parte deles. Seríamos o único boi em condições de entrar na disputa e o Campineiro tem direito a essa vaga no folclore popular da Ilha. Mas quem sabe um dia a gente consiga chegar a um patamar igual a eles ou mais ou menos”, comenta o atual presidente do bumbá do Aninga.

Eduardo se reporta ao festival de 2011, quando a Secretaria de Cultura do Estado (SEC), os dirigentes do azul e do vermelho e a Tu-

cunará Turismo, empresa responsável pela venda dos ingressos, definiram a existência de uma arquibancada verde no Centro Cultural. O espaço era o local com melhor visão da festa, área frontal ao desfile dos bois, na arquibancada especial do bumbódromo. O secretário de Cultura Robério Braga avaliou que a medida seria um meio de receber torcedores indecisos e que mais tarde teriam discernimento melhor para escolher o boi-bumbá.

O preço do ingresso da arquibancada verde também seria o mais caro naquele setor. Em vez de R\$ 500 os torcedores “sem-boi”, como a imprensa denominou os indecisos, desembolsariam R\$ 700. Houve reação das torcidas azul e vermelha e de intelectuais sobre a arquibancada verde. O principal argumento seria a descaracterização do festival. “Hoje cedemos um metro, amanhã eles vão querer a metade da arquibancada”, afirmou o pesquisador Simão Assayag, que já dirigiu o Conselho de Artes do Caprichoso. “E esses sem-boi irão fazer o que no bumbódromo?”, indagou o cantor e compositor Chico da Silva, autor de várias toadas de sucesso nas duas agremiações, com destaque para a música “Vermelho”.

No show folclórico, o bumbódromo é dividido literalmente pelas duas galeras: azul (Caprichoso) e vermelho (Garantido). Por causa da disputa acirrada entre as agremiações, a regra da festa reza que enquanto um boi se apresenta, a torcida adversária permanece em silêncio sob pena de ser punida com a perda de pontos. Com a novidade do setor verde, porém, somente os torcedores “sem-boi” poderiam dançar e pular à vontade, independente do bumbá que estivesse se apresentando na arena, sem haver penalidade. Na avaliação de Robério, a medida era legítima.

A arquibancada verde animou o presidente do Campineiro, Eduardo Paixão, que se adiantou em declarar que o novo lugar no bumbódromo poderia ser ocupado pelos torcedores do boi do Aninga, já que a cor do bumbá era verde, conforme matéria publicada no jornal *A Crítica*, de Manaus, e no portal de notícias *acritica.com*, edição do dia 9 de abril de 2011.

Mas o apelo do presidente de nada adiantou. A reação dos grupos adversos à instalação da arquibancada verde foi aniquiladora e ganhou eco na comunidade. O governador do Estado, Omar Aziz, também não gostou da novidade e mandou acabar com o espaço. “Em Parintins, só tem lugar para Garantido e Caprichoso”, sentenciou o governador, em entrevista.



FIGURA 32 – Reprodução do portal acritica.com sobre matéria relacionada à arquibancada verde, do bumbódromo. **FONTE** – www.acritica.com, 2012.

Excluído do grupo de elite do festival de Parintins, o Campineiro aparece no cenário como o primo pobre dos afortunados Garantido e Caprichoso, que açambarcaram para si todo o monopólio do mercado. Com o apagamento social e cultural, o boi do Aninga já tentou por inúmeras vezes se reerguer, e a almejar seu lugar de volta, porém sem sucesso. Uma vez banido pelas elites, o Campineiro encontra dificuldades em conseguir patrocinadores para seus eventos comunitários. Em 2007, a Coca-Cola e a Rede Bandeirantes visitaram os dirigentes do bumbá na comunidade. Entretanto, um impedimento contratual com os bois vermelho e azul fez com que o bumbá verde e amarelo não pudesse firmar parceria. No contrato assinado, segundo Paixão, a multinacional e a rede de rádio e televisão não poderiam patrocinar outra agremiação fruto do mesmo objeto cultural.

“Encontramos muitas barreiras, porque empresas interessadas já têm compromisso com os dois bois e não sobra nada para o Campineiro. Desse modo, fica muito difícil a gente chegar ao patamar dos dois. Garantido e Caprichoso já chegaram a um nível internacional e o nosso boi ainda está em nível de comunidade. Desse modo, as empresas não acreditam no crescimento da agremiação”, avalia o presidente do Campineiro.

No ano em que o Campineiro disputou com o Garantido, o empresário Zezinho Faria, irmão do apresentador oficial, à época, Paulinho Faria, era quem comandava o Garantido. Trinta anos depois da última participação do Campineiro no festival de 1983, no Tabladão do Povo, é que Zezinho decide quebrar o silêncio e revela que foi articulado um encontro secreto entre os dirigentes do Garantido e do Caprichoso para impedir que o boi Campineiro continuasse na disputa do festival de Parintins. Em 1984, uma nova diretoria tomou conta do Caprichoso e o bumbá decidiu retornar ao festival. Era aparente o desconforto que a presença do boi do Camoca provocava nos bumbás rivais, principalmente depois da exuberante disputa com o boi do São José, em 83. Foi aí que aconteceu o acordo ultraconsensual entre Garantido e Caprichoso. “Chamei o Acionélcio Vieira e o João Andrade, que comandavam o Caprichoso, e acertamos que teríamos de impedir que o Campineiro continuasse na disputa. Havia um risco muito grande, tanto para eles quanto para nós se o boi do Camoca permanecesse no festival”, revela Zezinho.

Zezinho admite que o Campineiro havia empolgado os jurados e impressionou o público na disputa de 1983, no tabladão. “O Campineiro fez bonito, disputou em igualdade de condições. O boi cresceu muito”, diz o empresário. Para derrubar com as pretensões dos dirigentes do boi do bumbá verde e amarelo, os líderes do Garantido e Caprichoso bateram o pé e não aceitaram que representantes do Campineiro participassem das reuniões para o festival de 1984. “Eram os bois que comandavam tudo referente à organização e o que nós decidíssemos a prefeitura somente acatava. Pactuamos e decidimos que a disputa seria somente entre Garantido e Caprichoso”, conta Faria.

O comandante do Garantido admite que, com o Campineiro no páreo, o bumbá poderia se transformar em uma potência do festival de Parintins, porque os arquirrivais – Caprichoso e Garantido – estariam sempre à mercê dessa terceira via. Como Garantido e Caprichoso sempre entravam em divergências sobre a feitura do regulamento e de outras definições para a organização da festa folclórica, caberia então ao Campineiro decidir e tomar as decisões que desempatariam as discussões. “Nós passaríamos a ficar na mão do Campineiro porque ele iria decidir por nós. O boi do Camoca seria o maioral. E iríamos ter de ficar bajulando o Campineiro para ter o voto dele, quando dependêssemos de aprovar uma proposta. Essa suposição valia para nós e para o contrário”, completa Zezinho Faria.

Zezinho recorda que naquela época era muito mais difícil encontrar uma solução para aprovar o regulamento do festival. “Era muito mais complicado, muito mais que agora. Tudo era motivo para uma discussão”, afirma. O empresário José Pedro Faria, pai de Paulinho e Zezinho, colocou o seu empreendimento, a Loja A Jotapê, disponível ao Garantido. A família foi responsável em dar sustentação ao boi da Baixa do São José. Com o acordo tácito entre os dirigentes de azul e vermelho, e com a desistência de Cardovan da presidência do Campineiro, em decorrência do volume de dívidas que ficou do festival, a Comissão Organizadora da festa foi acuada ferozmente pelos diretores do Caprichoso e Garantido. “Depois que nós chegamos à conclusão de que o Campineiro iria decidir a nossa sorte, a gente teria de fazer um boi muito grande porque íamos ter de ajudar o Campineiro, pela conveniência. O Camoca iria negociar bacana com os dois lados, meu irmão”, avalia Faria. Zezinho não se intitulava o presidente do boi na década de 80, mas era quem decidia e quem exercia a função de articulador da agremiação.

Memória esmaecida

Durante um ano de pesquisas, garimpagens de informações, acolhimentos de relatos orais e testemunhos de quem assistiu ao fim do Campineiro, é notória a existência de provas subjetivas e mesmo documentais que atestem a passagem do boi pelo festival de Parintins e sua presença viva no seio do meio cultural do município.

Foi recorrente, porém, o fato de os próprios brincantes dos grandes momentos do boi Campineiro não terem guardado documentos escritos, fotografias, vestuários, material audiovisual e outras peças importantes que marcaram a sua passagem pelo festival e suas saídas de rua. Somente por meio de uma pesquisa no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) localizamos, no banco de dados de sua biblioteca, uma fotografia inédita do boi do Camoca, desfilando na festa folclórica.

O documento imagético (Figura 26) traz como plano principal a vaqueirada desfilando no tablado de madeira, bem como as tribos indígenas presentes na apresentação. Destacam-se fitas nas cores verde, branco e amarelo das lanças dos vaqueiros montados em cavalos confeccionados em tecido de veludo preto. É importante ressaltar, no retrato, uma mulher trajando um vestido branco. A hipótese é de se tratar de um item do boi. Nesse período era comum os itens oficiais femininos desfilarem de vestidos simbolizando costumes e tradições locais, como, por exemplo, a rainha do Artesanato, a rainha da Fauna, a rainha da Fazenda, dentre outros personagens.

O documento é datado do ano de 2001, porém é improvável que a fotografia tenha sido registrada nessa data, uma vez que o Campineiro deixara de participar da competição anos antes. Pelo acabamento das indumentárias das tribos indígenas e demais adereços dos brincantes, a hipótese mais segura é atestar que a imagem, de um dos raros anos de desfile do boi verde no festival, pode ter sido registrada entre o final dos anos 70 ou início dos anos 80.



FIGURA 33 – Foto inédita de brincantes do Campineiro desfilando no tablado de madeira em momento raro do boi. Fantasias e indumentárias indígenas antigas remetem aos primeiros anos do evento. **FONTE** – IBGE, 2001.

Um detalhe que chama a atenção é o piso do palco de apresentação construído em madeira, o qual os brincantes dos bumbás de Parintins denominavam de tablado. Os locais dos festivais em que a prefeitura construiu palcos nesses moldes para as apresentações dos bois foram o estádio Tupy Cantanhede e o conhecido Tabladão do Povo, no terreno do antigo aeroporto, onde foi construído o atual bumbódromo da cidade. Em 2008, conforme reportagem publicada

na edição de 5 de maio, do jornal *A Crítica*, de Manaus – impresso de maior circulação no Amazonas –, com o título “Campineiro está voltando”, revela que a associação folclórica do boi do Aninga tentaria ainda dar um novo suspiro com o anúncio de seu possível retorno ao meio cultural e social da Ilha Tupinambarana.

A aposta da vez, segundo o presidente cabo Cecílio, não seria mais brigar com as autoridades e organizadores do festival para aceitá-lo novamente no grupo de elite da grande festa folclórica. O novo projeto do Campineiro era o boi de rua. “Engana-se quem imagina o Campineiro em um novo confronto no bumbódromo. Seus dirigentes querem vê-lo organizando um boi de rua como meio de resgate da brincadeira. É que os integrantes da terceira via da festa folclórica perceberam que Garantido e Caprichoso polarizaram a disputa e os deixaram de fora da apresentação”, diz um dos parágrafos da matéria jornalística.

A mesma reportagem fala ainda na organização de uma coletiva de imprensa, marcada para o dia 24 de junho, em Manaus, na sede da Associação dos Funcionários da Zona Franca de Manaus (Asframa), localizada no Distrito Industrial, zona sul da cidade.

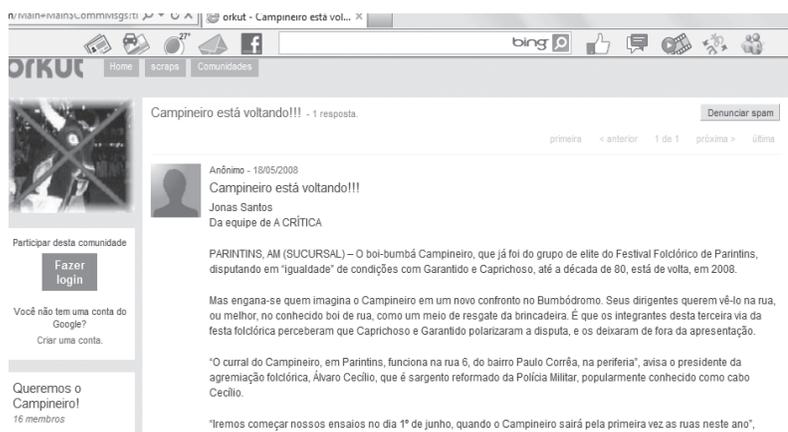


FIGURA 34 – Reportagem de 2008, reproduzida do jornal *A Crítica*, na página de um usuário anônimo do Orkut. **FONTE** – www.acritica.com, 2012.

Na literatura, o Campineiro também sofre o desprezo. Escritores que lançaram seus livros na última década e se propuseram a discorrer sobre o festival não falam sobre a existência do “boi do Camoca”. Tonzinho, no livro *Parintins, memória dos acontecimentos históricos*, faz apenas algumas referências bastante superficiais. São sete linhas sobre o Campineiro em toda a obra e nada mais. Dos livros e artigos acadêmicos publicados sobre o festival de Parintins, não há explanação conceitual sobre a história do boi Campineiro.

O presidente do Instituto Geográfico e Histórico de Parintins (IGHP), Fernando Silva, informou que a entidade não possui pesquisa referente à história do Festival Folclórico de Parintins, mas que o assunto já foi motivo de pauta de uma das reuniões dos membros. “Debatemos o assunto da história do festival. Ainda não possuímos nada nesse sentido. Queremos envolver também a história do Campineiro nessa pesquisa, que ainda não marcamos data para iniciar”, finaliza Silva.



FIGURA 35 – Presidente do IGHP, Fernando Silva. **FONTE** – Jonas Santos, 2012

O Instituto Memorial de Parintins também não tem trabalho etnográfico que guarde a memória e as tradições dos eventos juninos e do maior festival folclórico do município. “Não temos nada sobre o Campineiro. Não tenho informações a fornecer. O que tenho são conhecimentos empíricos”, admitiu a presidente do Instituto, historiadora Irian Butel. O Instituto possui um *blog* na internet, mas não apresenta nenhuma informação acerca da inserção do Campineiro no Festival Folclórico de Parintins.

Rivalidade polarizada entre vermelho e azul priva Campineiro da disputa

Parintins funciona como se fossem três cidades em uma. A primeira é aquela que tem o prefeito eleito pelo mandato popular e as outras duas que são administradas pelos presidentes do Caprichoso e do Garantido. Nesse caso, são os bois que comandam a massa, o povo. Ou seja, as duas nações.

O poder dos bumbás é tamanho que em 2004 os candidatos à eleição para prefeito realizaram uma reunião de emergência com os presidentes dos bois, para que o pleito das associações folclóricas, também marcado para o mesmo ano, fosse transferido para 2005. Há ocasiões, inclusive, que o poder dos bumbás esteve acima da lei, mas não é um assunto que vamos explorar aqui. O motivo da preocupação dos candidatos a prefeito era que as campanhas eleitorais dos bois esvaziavam os comícios e reuniões políticas deles, comprometendo a eleição municipal do mês de outubro em Parintins. Os eleitores davam preferência em participar das reuniões dos candidatos a presidentes dos bois a ter de ouvir os discursos dos candidatos a prefeito e a vereador da cidade.

O desfecho do encontro culminou com a decisão dos dois presidentes dos bumbás de convocar os sócios para uma Assembleia Geral Extraordinária, em seus currais-sede, e José Walmir (Garantido) e César Oliveira (Caprichoso) conseguiram ampliar seus mandatos por mais um ano, decisão que cancelou o processo eleitoral. Atual-

mente, o Estatuto do Garantido indica que a eleição para a escolha da presidência acontecerá no final do mês de agosto, a cada biênio, e a Lei Orgânica do Caprichoso estabelece o pleito para eleger a diretoria em setembro, para um mandato de três anos, sem direito à reeleição. Apoiadores de Márcia, porém, conseguiram prorrogar seu mandato, que encerrava em 2013, até o ano de 2016, durante Assembleia Geral de sócios, realizada no ano passado. A oposição, liderada pelo ex-presidente do azul Joilto Azêdo, chamou o ato de golpe e ingressou com ação na Justiça. O juiz da 3.^a Vara da Comarca de Parintins, Itamar Gonzaga, suspendeu a prorrogação do mandato da presidente.

Em seus mandatos, os ex-presidentes José Walmir de Lima e César Oliveira receberam, em Brasília, das mãos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o título de comendador. O levantador de toadas do Caprichoso, David Assayag, na época levantador do Garantido, também teve a honraria. Lula conheceu Parintins em 2003, por causa do festival. A comenda, antigamente concedida a eclesiásticos e cavaleiros de ordens militares, atualmente designa distinção puramente honorífica.

A última eleição popular do Campineiro de fato aconteceu com a escolha do presidente Cardovan e foi por aclamação do grupo. Depois, os colaboradores do boi desapareceram. O interesse para formar uma nova diretoria com proposta de organizar a agremiação ocorreu duas décadas depois, com o cabo da PM, Álvaro Cecílio. Wilson Nogueira explica que esse processo de maturação do Campineiro sofre resistência porque o boi não participou do início do festival, na sua criação, e por isso sente o peso da falta de tradição.

“Quando o festival folclórico surge, em 1966, só havia os dois bois. O Garantido e Caprichoso eram da cidade e o Campineiro da zona rural (comunidade do Aninga). Os dois bois monopolizaram e dividiam a preferência do torcedor. Já existia essa disputa somente entre o vermelho e o azul. Os outros bois não disputavam. Quando o Campineiro quis entrar no festival, os dois já estavam lá, disputando os dotes da iniciativa privada, do poder público e dos torcedores”, avalia o jornalista.

Nogueira recorre ao Festival de Cirandas de Manacapuru para ilustrar sua proposta. Ele relata que diferente das tradições do boi-bumbá e do carnaval do Rio de Janeiro, em que as manifestações populares começaram nos terreiros, a Ciranda começou como evento escolar. “Em Manacapuru, a tradição começa de outra forma, com o festival de escola. Como concurso de escola, havia vários grupos de cirandas. Elas foram reduzidas e o festival oficial contou, desde o início, com três agremiações. Hoje, esses grupos representam bairros da cidade, mas existe pressão para que fiquem na disputa somente duas cirandas, Mundurucu e Flor Matizada”, acentua. Wilson Nogueira diz que em seu livro não menciona o boi Campineiro porque se delimitou a “analisar os bois Caprichoso e Garantido e o mercado”.

A despeito disso, Eduardo Paixão argumenta que o Campineiro possui uma história sólida, inabalável e que, sobretudo, ainda possui robustez capaz de se reerguer e dar a volta por cima. Sua confiança está baseada na atenção que turistas devotam ao boi verde quando visitam o centro cultural da agremiação folclórica na comunidade do Aninga. Esse interesse e zelo dos visitantes, na opinião de Eduardo, são decorrentes de o bumbá Campineiro ainda manter suas raízes e traços culturais e também por estar envolvido com a comunidade do lugar. O atual presidente diz, inclusive, que Caprichoso e Garantido foram absorvidos pelo mercado cultural e perderam suas identidades. “O Campineiro ainda é o único boi de raiz, que mantém suas tradições. É o único boi tradicional de Parintins, enquanto que os dois viraram bois comerciais e deixaram de lado suas identidades. A tradição já não existe mais, até as toadas se perderam”, argumenta.

O pesquisador Raimundo Dejard Vieira Filho, que defendeu em 2000 dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam) com o tema “Boi-Bumbá de Parintins: tradição e mudança cultural”, apresenta hipóteses que podem ajudar na explicação acerca do desaparecimento do boi Campineiro. Uma delas está relacionada a processos políticos, culturais e econômicos.

“O Garantido e o Caprichoso sempre tiveram relação forte com pessoas envolvidas na brincadeira, mas que também participavam

desse processo político-partidário e estiveram ou estão muito juntos ao poder local. Ambos possuíam grupos formados por pecuaristas, comerciantes, pessoas de posses e o Campineiro tinha o quê?”, indaga. Na defesa de sua pesquisa, Dejard também não menciona o boi verde, apesar de indiretamente se referir a ele quando investiga Garantido e Caprichoso e o apadrinhamento político-econômico dos bumbás. O estudo se pauta na descrição da gênese da rivalidade entre Caprichoso e Garantido e segue defendendo que essa rivalização saiu das ruas para o anfiteatro.

Dejard Vieira afirma que a rivalidade entre vermelho e azul equivale a um clã binário indígena formado de um mesmo tronco por duas etnias e que vivem numa estrutura organizacional com seus ritos, costumes e crenças. O ordenamento, na análise dele, não teria espaço para uma terceira via. O pesquisador defende que sem a base estrutural a inserção do boi Campineiro se complica e o afasta da competição, contribuindo para o seu desaparecimento. “A rivalidade não se reduz e nem é amenizada porque há um envolvimento emocional na gênese da disputa. A arquirrivalidade denota essa postura de enfrentamento em relação ao seu oponente mais ferrenho. O que há de melhor entre os bois e para os bois é vencer um ao outro. O Garantido tem o prazer e o sabor de vencer o Caprichoso e vice-versa. Que gosto tem vencer o Campineiro?”, questiona.

O pesquisador diz ainda que há uma grande dificuldade de se inventar a rivalidade com o Campineiro, porque existe uma espécie de totemismo concreto com os bumbás polarizadores da disputa do festival. “Essa rivalidade entre o Caprichoso e o Garantido sempre existiu, inclusive gerando brigas corporais. Não me lembro de algum momento do Caprichoso rivalizar com o Campineiro ou com o Garantido”, afirma Dejard Vieira, sócio do Caprichoso e de família tradicional de torcedores do boi azul. Dejard acrescenta que mesmo nos dois anos em que o Campineiro substituiu o Caprichoso no embate com o Garantido, era sabido que o boi do Camoca não seria páreo para derrotar o boi de Lindolfo e que a rivalidade continuava entre os dois maiores agrupamentos folclóricos. “Reinventamos essa rivalidade quando os

bois deixaram de brigar nas ruas. Tivemos de nos adequar por causa da vinda de turistas para a cidade e criamos uma rivalidade artística na arena. Queríamos colocar Parintins na pauta dos investimentos do município, do Estado e governo federal”, destaca Dejad.

Dirce Cansação diz que o que afastou o Campineiro do combate foi a escassez de recursos financeiros, porque não havia no grupo do boi verde e amarelo famílias de posses, como era um fator recorrente no Garantido, com os Faria, e no Caprichoso, com os Vieira e os Belém. “Faltou dinheiro. A gente não tinha dinheiro e nem quem patrocinasse. Tínhamos de tirar do nosso próprio bolso”, aponta dona Dirce.

Para o presidente do IGHP, Fernando Silva, o Campineiro não permaneceu na disputa porque o boi encampou um formato elitista. Na avaliação dele, os organizadores da brincadeira esqueceram de envolver as famílias do bairro de Palmares, onde o Campineiro realizava seus ensaios com a batucada. “Mesmo com apoio dos universitários do Projeto Rondon, o boi encampou uma visão elitista. Não teve raiz familiar verdadeira. Não houve inserção da comunidade do Palmares na brincadeira e os moradores desse bairro não participavam da diretoria”, analisa. “Havia várias correntes favoráveis para que o Campineiro continuasse no grupo de elite do festival. Essa possibilidade era real e defendo que essa permanência deveria ocorrer para o bem da festa”, completou.

Silva não considera como fator preponderante a polarização das torcidas como meio que culminou na exclusão e no apagamento do Campineiro. Na opinião dele, faltou gestão administrativa. Silva apontou falhas da diretoria na condução do processo administrativo do boi. “A questão da rivalidade existe, mas não considero que seja a causa da exclusão. Faltou competência no ato de conduzir o Campineiro. Não teve pessoas que pegassem o Campineiro e lutassem pela participação dele. Algumas pessoas até tiveram iniciativa, mas se isolaram e esse isolamento é um problema sério. As pessoas, quando assumem um boi, querem ser presidente, secretário, artista, apresentador do boi, e assim não dá”, critica.

Um segundo elemento importante nesse contexto de identificação de prejuízos para a sustentação cultural do Campineiro, citado ainda pelo presidente pelo IGHP, foi a mudança geográfica da diretoria do bumbá, que decidiu morar na cidade de Boa Vista do Ramos, interior do Amazonas. “Outro fator foi a ausência do Camoca. O Campineiro tinha nele o seu principal expoente e a mudança dele foi um fator que influenciou nesse enfraquecimento do boi. Ele foi embora e não ficou ninguém para tomar de conta do Campineiro”, destacou Fernando Silva.

Um possível retorno

Em 2007, quando o cabo PM aposentado, Álvaro Cecílio, comandou o boi, houve um grande movimento para que o Campineiro retomasse a posição de terceiro boi de Parintins. Cecílio formou diretoria, fez reuniões com segmentos da comunidade local, chamou a imprensa e divulgou programação relatando que o Campineiro aspirava retornar, até o final de junho, daquele ano, quando aconteceria sua participação na festa folclórica. A principal bandeira da nova diretoria era trabalhar de imediato a volta do boi do Aninga ao grupo de elite do festival.

FIGURA 36 – PM aposentado Álvaro Cecílio, presidente do Campineiro, ao centro, ladeado pelos compositores Braulino Lima (D) e Wilson Sanches (E).
FONTE – blog do Campineiro, 2012.



O cabo Cecílio conseguiu um aliado para o seu projeto. O pescador e compositor do Garantido, Braulino Lima, letrista da toada “Tic Tic Tac”, que conquistou sucesso internacional com o grupo Carrapicho e até hoje obtém lucros por direitos autorais, ficou como vice-presidente da agremiação. Braulino descreve o Campineiro no cenário do Festival Folclórico de Parintins em 83 dessa forma:

“eu era compositor e da batucada do Garantido quando o Campineiro entrou na disputa de 1983. Mas o Campineiro sabia que não teria condições de vencer o Garantido, por exemplo. Se para o Caprichoso já é dureza, imagina o Campineiro, que não tinha brincantes, torcida e nem patrocinador”.

Com o dinheiro dos direitos autorais entrando na conta, Braulino suspendeu as longas noites de pescaria, comprou uma casa nova, se mudou da Baixa do São José e foi morar no Centro. “Nesse processo atual, por gostar da brincadeira do boi, eu aceitei o convite do cabo Cecílio de a gente reerguer o Campineiro. Mesmo sabendo que não seria um trabalho nada fácil”, completa. Apesar dos entraves, dirigentes do bumbá passaram a se reunir nas casas de seus diretores, avisaram a imprensa sobre o retorno do Campineiro e agendaram programações e eventos. No primeiro ano, o boi verde realizaria ensaios com a batucada e se apresentaria nas ruas da cidade, como antigamente os bumbás de Parintins faziam antes da criação do festival. O boi de rua ajudaria a divulgar o Campineiro. As saídas aconteceriam no mês de junho e se intensificariam na semana do festival.

O ponto alto desse período seria percorrer as ruas do centro de Parintins, que nos dias da festa folclórica ficam lotadas de pessoas. Seria uma grande ação de *marketing*, na avaliação do cabo Cecílio. A diretoria chegou a marcar uma coletiva com a imprensa em Manaus. Foi um período de alvoroço na cidade. Muitos brincantes de Caprichoso e Garantido, que estavam de fora de seus bois, começaram a aderir a nova proposta do boi do Camoca. Por muito pouco o Campineiro não contrata os serviços do artista do Caprichoso, Juarez Lima, segundo Lima.

Naquele ano, o Campineiro realizou o boi de rua na cidade e chamou a atenção de muita gente. A movimentação dos camisas amarelas e suas pretensões ganhou destaque na imprensa local e principalmente em Manaus. Afinal, o Campineiro movimentou a comunidade não só do Aninga, mas de diversos pontos da Ilha, realizando no mês de junho três eventos de médio porte. As apresentações no barracão e o desfile nas ruas de chão da comunidade do Aninga atraíram dezo-

nas de pessoas. Animados, os dirigentes do Campineiro mantiveram esperança e alimentaram o intento de que o boi poderia entrar novamente na disputa oficial do evento. A diretoria anunciou, inclusive, que Izabel Souza, que deixara o posto de cunhã-poranga do Caprichoso, tinha aceitado defender o item pelo boi do Aninga.

Os ensaios do Campineiro aconteceram em um terreno no bairro Paulo Corrêa. “Nos primeiros ensaios foi tudo muito lindo. O Caprichoso nos forneceu alguns tambores que não precisava mais. Muita gente compareceu ao curral e até contratei trio elétrico para animar o ensaio”, diz o vice-presidente. Todavia, Braulino notou que a cada dia que se aproximava o festival o público esvaziava os ensaios no curral do verde e amarelo. “As noites no Paulo Corrêa começaram a enfraquecer e às vésperas do festival não dava quase ninguém”, afirma.

Entretanto, ainda havia expectativa de que se conseguiria colocar o boi na rua na semana do festival, o que não ocorreu. A atividade não foi realizada por falta de brincantes. “Eu mandei confeccionar 30 camisas de cetim, com chapéus, tudo muito bonito e anunciei no curral que quem quisesse sair e brincar com a gente deveria ir pegar as camisas na minha casa. Para minha surpresa, não apareceu ninguém. Não tinha quem quisesse a camisa do Campineiro. Não achei para quem dar”, recorda Braulino, aos risos. Ele mora hoje em uma casa de alvenaria com dois pisos, na esquina da rua Armando Prado, com a travessa Senador Álvaro Maia, Centro.

“Eu gastei na época R\$ 500 para mandar fazer as camisas e os chapéus, mas não tinha brincante para vestir. E o boi de rua não foi realizado. Hoje, não tenho nenhuma camisa para lhe mostrar. Eu embalei tudo numa sacola e um ano depois comecei a doar para os meus trabalhadores no interior”, acrescenta. Além de acumular a função de vice-presidente, Braulino era o principal compositor do Campineiro.

O Campineiro chegou até a inaugurar, em 2007, um blog <http://boibumbacampineiro.blogspot.com.br>, com informações sobre as atividades do boi naquele ano. Entretanto, o investimento na internet rendeu somente três páginas, com postagem em apenas um único dia. Em uma delas é publicado resumo da criação do Campineiro, em que

é atribuída sua fundação ao mestre Emídio, pai de Eduardo Paixão. No *blog* oficial sua história é contada em poucas linhas (Figura 37).

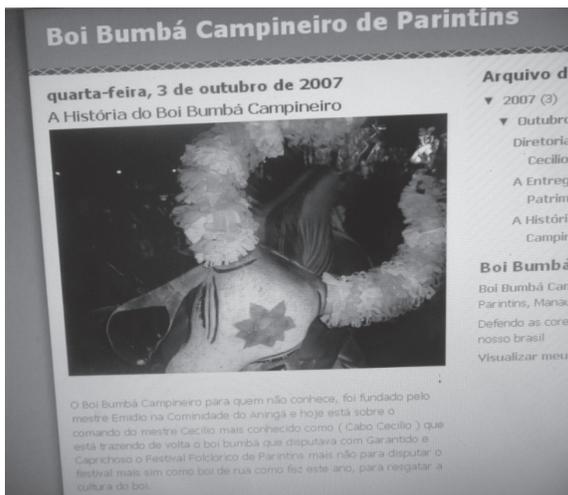


FIGURA 37 – *Blog* do Campineiro lançado em outubro de 2007. Página que relata história do boi não traz detalhes da fundação. Momento histórico de criação é contado em sete linhas. **FONTE** – boibumbacampineiroblogspot.com.

O compositor e membro da diretoria do boi verde, Wilson Sanches, que também acumulava a função de levantador de toadas, nesse audacioso processo reen-

trante do Campineiro, conta que a agremiação não conseguiu levar o projeto adiante por conta de uma nova briga interna. “O cabo Cecílio era o presidente e pela falta da prestação de contas sobre um dinheiro que o Campineiro recebeu, houve desavença entre ele e o Eduardo (Paixão)”, conta Sanches. Esse movimento organizado pela diretoria sobre a presidência do cabo Cecílio chega ao fim em 2008.

Sanches diz que na época em que Cecílio era presidente do Campineiro, o interesse de grandes empresas privadas e órgãos governamentais não era animador. Todavia, um dos momentos importantes dessa fase, em 2007/08, foi a participação do verde e amarelo em evento promovido pela Secretaria de Cultura do Estado, em outubro, cuja finalidade era transformar o boi de Parintins e as pastorinhas em Bem Imaterial Brasileiro. Foi o único momento em que o Campineiro pisou no bumbódromo, ainda da era Amazonino Mendes.

Com o desentendimento, Álvaro mudou-se para Manaus, o Campineiro voltou a ser responsabilidade de Eduardo Paixão e, após a derradeira tentativa do verde e amarelo de se firmar na disputa no bumbódromo, Braulino sugeriu que o boi retornasse para a co-

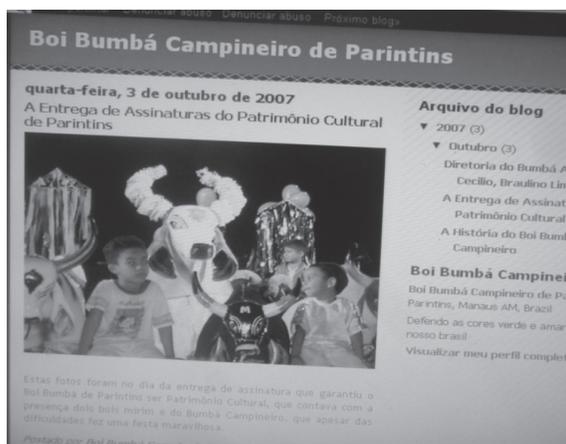
FIGURA 38 – Rara imagem do boi Campineiro no bumbódromo, durante promoção para título de bem imaterial brasileiro. **FONTE** – boibumbacampineiroblogspot.com.

munidade do Aninga. Por fim, acertou-se a mudança com Eduardo Paixão e foi na zona rural de Parintins que o Campineiro encontrou acolhimento. Nos últimos cinco anos, o “boi do Camoca” exilou-se no Aninga. Na comunidade, foi construído um barracão de madeira e boi tem feito apresentações na localidade, no mês de junho e também dia 22 de agosto, data em que se comemora o Dia Nacional do Folclore.

FIGURA 39 – Vice-presidente do Campineiro em 2007/08, Braulino Lima. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

Apesar de afastado da disputa e alijado totalmente do processo midiático de divulgação em Parintins, o Campineiro tem conseguido parcialmente envolver a comunidade. Os moradores do Aninga brincam, atualmente, no barracão do bumbá. Evidente que sem a grandiosidade mercadológica de azul e vermelho, mas o boi de rua passou, enfim, a ser realizado nas poucas vielas daquele bairro rural.

Uma parcela de visitantes de Parintins tem ido, anualmente, para o Aninga prestigiar esses eventos, sobretudo pesquisadores e estudiosos do folclore popular amazônico. O barracão do Campineiro,



na entrada principal da comunidade, a poucos metros da Igreja de Santa Terezinha, é o local das festas. Na época do festival, alguns eventos são realizados aos finais de semana. Finalmente, o Campineiro virou atração. Não da forma como esperava, mas dentro das possibilidades atuais. Ao admitir as dificuldades para manter a brincadeira, o presidente Eduardo diz que a intenção do Campineiro hoje não é mais brigar para voltar ao festival, mas continuar com eventos culturais na sua comunidade suburbana. “Temos dificuldades em erguer o Campineiro, mas queremos montá-lo aqui mesmo, no seu berço, na sua origem. Não aceitaram que a arquibancada verde do bumbódromo fosse nossa, tudo bem. Não queremos entrar no festival, o Campineiro não quer mais isso. Queremos organizar o nosso festival, os nossos eventos culturais, aqui mesmo na comunidade”, comenta Paixão, ressentido.



FIGURA 40 – Eduardo diz que Coca-Cola e TV Bandeirantes tiveram interesse em patrocinar o Campineiro, mas esbarraram no contrato de exclusividade com Garantido e Caprichoso. Boi mantém apresentação no estilo tradicional na própria comunidade. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

Eduardo lembra que quando o Campineiro surgiu na comunidade do Aninga, seus pais tiveram grande ajuda de integrantes do boi Caprichoso. Havia envolvimento da família com os marujeiros. O atual presidente recorda ainda que Camoca – residente por vários anos no Aninga – levou o Caprichoso da sede urbana para a comunidade. Foi a época em que Camoca dirigiu o touro preto.

Na opinião de Eduardo, essa relação fortaleceu o crescimento de simpatizantes e torcedores pelo Caprichoso. “O Camoca botou o Caprichoso aqui no Aninga por vários anos. O curral do Caprichoso era na casa dele, onde hoje é o balneário do Cantagalo. Quando ele decidiu voltar para a cidade e levou o boi para a Cordovil, lá tiraram o boi dele e ele colocou novamente o Campineiro para brincar”, conta Paixão.

Camoca diz que ficou com o Caprichoso após a morte de Luiz Gonzaga. “Eu brinquei no Caprichoso desde os meus 14 anos. Fiquei por lá até os 18 anos. Eu ia brincar na travessa Rio Branco. Depois que o Luiz Gonzaga morreu, o boi parou por uns três anos e eu segurei a brincadeira. Eu disse à minha mãe que levaria o Caprichoso para o Aninga e assim eu fiz. Se não fosse a minha pessoa, o Caprichoso não estaria aqui hoje, comemorando esse centenário. Queria que esses peitudos do Caprichoso viessem agora”, diz Carlos Leocádio, embarcando a voz.

O protesto dele diz respeito ao esquecimento e desvalorização a muitos integrantes da velha-guarda, que contribuíram no passado em ambas as agremiações. Camoca afirma ainda que, para ele, não foram os irmãos Cid os fundadores do Caprichoso. “Que eu me lembre não foram os Cid, foi Luiz Gonzaga”, revela. Camoca não conta, entretanto, o que o motivou a deixar de lado o Caprichoso, para em seguida apostar todas as fichas no Campineiro. Sobre o tema de fundação do Caprichoso, os familiares de Luiz Gonzaga realizaram protestos nas ruas, neste ano do centenário, e colheram abaixo-assinado para que a diretoria do boi reconhecesse o patriarca da família como o legítimo e verdadeiro criador do bumbá.

“Depois que eu deixei o Caprichoso, resolvi pegar o Campineiro do Aninga e levá-lo para o bairro de Palmares. O seu Emídio, com quem meu pai deixou o boi, já estava parado por alguns anos”, afirma Camoca. O “dono” do Campineiro era cunhado de seu Luiz Pereira, da travessa Cordovil, no Centro, que ficou com a guarda do Caprichoso por 20 anos e morreu em 2009.

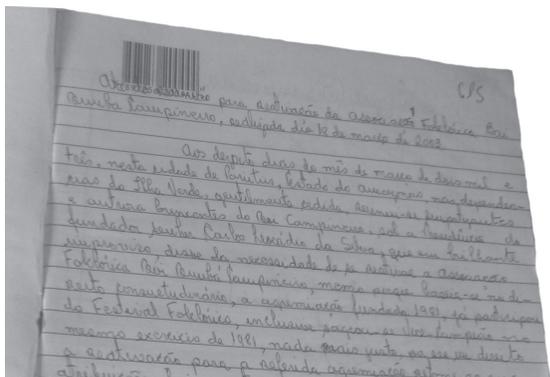


FIGURA 41 – Livro de ata da reunião que reativou o Campineiro, em 2003, em mais uma tentativa de reerguer a agremiação. **FONTE** – Camoca, 2003.

“No período em que meu pai dirigia o boi aqui na comunidade do Aninga, na época de sua fundação, o pessoal do Caprichoso ajudava bastante a gente”, ressalta Eduardo. Já Camoca disse que durante sua gestão à frente do Campineiro recebeu ajuda dos dirigentes do Garantido, apesar de saberem do seu envolvimento com o azul.

“Da parte do Garantido, eles sempre me ajudaram quando o Campineiro estava comigo”, conta. Camoca se afastou diretamente do Campineiro e foi morar na cidade de Boa Vista do Ramos, distante 270 quilômetros de Manaus, onde residiu por quase dez anos. “Em Boa Vista participei da organização do boi Tira Fama, a convite da prefeita da cidade”, diz. No final do mês de dezembro de 2012, pouco dias antes do começo do ano do centenário dos bois azul e vermelho, Camoca voltou a morar em Parintins.

O comandante do Garantido, Zezinho Faria, diz que o Campineiro nasceu de uma dissidência do Caprichoso. De acordo com ele, havia numa época – a data não recorda – que existiam dois bois Caprichosos, que seria um que brincava no Esconde (Francesa) e o outro no Palmares, sob a responsabilidade do Camoca. “Por vários anos, o Garantido disputou com dois Caprichosos. Lembro bem que

eram dois bois. Depois, por causa das brigas, o Camoca, que também dirigia um desses Caprichosos, decidiu colocar o Campineiro”, diz. A versão de Zezinho é amparada pelo ex-levantador de toadas e amo do boi azul e branco, Wilson Sanches. “Eram dois Caprichosos que existiam, sim”, afirma. Carlos Leocádio da Silva diz que o seu boi foi batizado de Campineiro porque o bairro de Palmares havia nascido de uma invasão e o antigo terreno da pista do aeroporto parecia uma campina. “Coloquei o nome Campineiro por causa disso”, assegura.

Eduardo Paixão confia que não participou das apresentações do Campineiro nos festivais em que o boi disputou com o Garantido. “Nessa época do Camoca eu assistia da arquibancada. O Campineiro fez uma apresentação magnífica, fantástica. Depois que o Campineiro saiu do páreo eu fui morar em Terra Santa (PA), onde fui vereador da cidade. Voltei a Parintins e retomei ao Campineiro, com o cabo Cecílio, que foi fundado pelo meu pai”, afirma. No mês de junho, durante realização do Festival Folclórico de Parintins de 2012, o boi Campineiro não realizou nenhum evento. As promoções não saíram por falta de aporte financeiro e de patrocínios. O boi pobre e esquecido do Aningá fora mais uma vez encurralado pelo sistema capitalista e pela lei do mercado.

Os organizadores do festival de Parintins cometem um erro grave em relação à história do boi Campineiro. O verde, cor da bandeira oficial da agremiação, vem sendo divulgada na festa folclórica como uma cor neutra, como se o boi não existisse. A arquibancada verde, dos supostos torcedores neutros, foi apagada, mas os ingressos representando a cor do boi Campineiro para esses lugares do bumbódromo permaneceram. Ou seja, a organização do evento continua a usar o verde, desconhecendo o Campineiro como o terceiro boi de Parintins. No bilhete de acesso ao bumbódromo vem descrito: “arquibancada especial de turistas”. Na parte inferior da entrada de torcedores pagantes, está identificado: área verde e as datas das noites do festival folclórico. No entendimento da Tucunaré Turismo, agência oficial que vende ingressos da festa e da própria Secretaria de Cultura do Estado (SEC), usar trajes na cor verde, em Parintins, significa dizer

que você não tem boi, como se o Campineiro tivesse desaparecido e banido do cenário cultural.

A prefeitura municipal, que também organiza a festa, se cala diante da perda de sua memória, seja por desconhecimento ou ingenuidade ante a grandiosa história do folclore popular da Ilha Tupi-nambarana. “Eu até falei numa entrevista que dei para o jornal *A Crítica*, de Manaus, dizendo que a arquibancada verde era nossa, porque o Campineiro defende a cor verde, mas também não nos ouviram”, protesta Paixão.

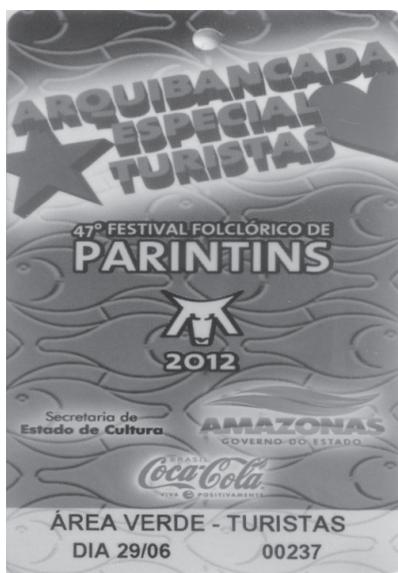


FIGURA 42 – Ingresso da arquibancada “verde”, do bumbódromo, do 47.º Festival Folclórico de Parintins. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

Esquecido pelas autoridades, academia, órgãos de cultura estadual e municipal e imprensa, o Campineiro resiste na comunidade do Aninga como se vivesse um grande exílio. Até os bois mirins, Tupi, Mineirinho, Estrelinha, que acolhem as crianças da cidade, recebem recursos financeiros da prefeitura para participar do Festival Folclórico de Parintins. Essas agremiações mirins têm seu espaço e reconhecimento, mas o Campineiro não. A associação folclórica do verde e amarelo não recebe nada: nem convite e nem dinheiro. A fes-

ta folclórica parintinense é realizada em duas etapas. Primeiramente se apresentam as quadrilhas, danças e bois mirins na praça dos bois; somente no último fim de semana de junho Caprichoso e Garantido vão para a arena disputar o campeonato anual. Os boizinhos são badalados, contam com uma estrutura razoável, jurados com currículo acadêmico são chamados para avaliar as apresentações e eles recebem apoio dos bois grandes.

As quadrilhas, mesmo não se apresentando mais nas mesmas datas que antes, nos três dias de festa dos bumbás Garantido e Caprichoso na arena, vêm sendo incentivadas pelo poder público. É que antes da mudança para o bumbódromo, em 1988, as quadrilhas folclóricas mostravam suas performances em momentos que antecederiam as exposições de Garantido e Caprichoso, nos três dias da disputa. Ao praticar o apagamento cultural do boi Campineiro, governo e município não consideraram o artigo 195, capítulo IV, da Lei Orgânica do Município de Parintins, que trata da Família, da Educação, da Cultura e do Desporto: “cabe ao município incentivar festas populares, folclóricas e religiosas, apoiar atividades artísticas, festivais e feiras de artesanato”. Também o artigo 196 do mesmo documento estabelece que “cabe ao município proteger o patrimônio histórico-cultural local, observada a ação fiscalizadora federal e estadual”.

O Campineiro teve ainda o seu direito violentado porque não foi obedecido o que diz o Plano Diretor do Município de Parintins, relativo ao capítulo V, que trata sobre o patrimônio cultural. Em seu artigo 29, a lei cita que “integram o patrimônio cultural do município as diversas formas de expressões culturais dos grupos que constituem a sociedade, com destaque as influências das populações tradicionais”. Ademais, o mesmo Plano Diretor, em seu artigo 34, que trata sobre o Programa de Valorização do Patrimônio Cultural, diz que é responsabilidade do município “inventariar, registrar e preservar as manifestações culturais, tradições, hábitos, práticas e referências culturais de qualquer natureza existentes no município, que conferem a identidade de suas populações e dos espaços que habitam e usufruem”.

CAPÍTULO V
PATRIMÔNIO CULTURAL

Art.29. Constituem o patrimônio cultural do Município de Parintins os bens tangíveis e de natureza material e imaterial, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade.

§ 1º - Integram o patrimônio cultural do Município:

- I - as diversas formas de expressões culturais dos grupos que constituem a sociedade, com destaque às influências das populações tradicionais;
- II - os modos de criar, fazer e viver dessa mesma sociedade;
- III - o ambiente e sua composição de homem, flora, fauna e recursos hídricos;
- IV - as criações científicas, tecnológicas e artísticas locais;
- V - as obras e objetos de arte ou valor histórico, bibliotecas e arquivos, edificações e monumentos, de propriedade do Município de Parintins ou de particulares, a partir do respectivo tombamento ou outro instrumento;
- VI - os conjuntos urbanos, sítios ou lugares de valor histórico, paisagístico, cultural, arqueológico, arquitetônico ou científico;
- VII - outros que vierem a ser tombados, adequados ou doados ao Município de Parintins.


Praça Eduardo Ribeiro, 2052 – Centro – CEP: 69151-271 – Fone/Fax: (092) 3533-1801/ 3533-3077
Parintins – AM
CNPJ: 04.329.736/0001 - 69



ESTADO DO AMAZONAS
PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS

15

Art.34. O Programa de Valorização do Patrimônio Cultural visa:

- I - executar inventário atualizado de todos os bens imóveis considerados de interesse cultural, em articulação com órgãos e entidades federais e estaduais de cultura e patrimônio;
- II - inventariar, registrar e preservar as manifestações culturais, tradições, hábitos, práticas e referências culturais de qualquer natureza existentes no município que conferem a identidade de suas populações e dos espaços que habitam e usufruem;
- III - aperfeiçoar os instrumentos de proteção dos bens de interesse cultural, definindo os níveis de preservação e os parâmetros de abrangência da proteção, também em articulação com os demais órgãos e entidades de preservação;
- IV - estabelecer mecanismos de fiscalização dos bens culturais de caráter permanente, no âmbito da Prefeitura de Parintins, e articulada com as demais instâncias de governo;
- V - instituir meios de divulgação sistemática junto à população, especialmente nas escolas, através do ensino das artes em adequação curricular e de propaganda institucional, para despertar o interesse de preservação do Patrimônio Cultural, em todas as formas e manifestações;


Praça Eduardo Ribeiro, 2052 – Centro – CEP: 69151-271 – Fone/Fax: (092) 3533-1801/ 3533-3077
Parintins – AM
CNPJ: 04.329.736/0001 - 69

FIGURA 43 – Artigo 29, do Plano Diretor do Município de Parintins. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

FIGURA 44 – Artigo 34, do Plano Diretor do Município de Parintins. **FONTE** – Jonas Santos, 2012.

Nos seus mais de cem anos de fundação, conforme atesta o atual presidente Eduardo Paixão, o Campineiro nem sequer é convidado para ter lugar de espectador no bumbódromo ou para as

comemorações locais montadas pela prefeitura nas praças da cidade. No festival, a Secretaria Municipal de Turismo promove palcos alternativos, com música ao vivo, tudo bancado pelo poder público, nas praças do Comunas, Chapão, Liberdade e no Cantagalo, sendo esse espaço localizado na própria comunidade do Aninga. Ao Campineiro, porém, não sobra nada, nem um incentivo para arregimentar uma boa aparelhagem de som para o modesto barracão de madeira do bumbá, que serve também de centro social na comunidade do Aninga. “Ano passado (2011), ficou até mais difícil realizamos qualquer evento aqui no barracão. Para completar, o Detran decidiu fazer uma *blitz* e as motos não vinham mais para a estrada. Os fiscais deixavam para fazer ‘batida’ bem na entrada da nossa comunidade, na última

semana de junho, e ninguém mais veio para cá. Este ano foi uma lástima”, diz Paixão.

Para 2013, o presidente da agremiação busca incrementar ações que arregimentem doadores financeiros. No ano histórico de centenário dos bois Garantido e Caprichoso, o Campineiro tenta manter sua luta para não ser apagado culturalmente do cenário folclórico da cidade de Parintins. “Vamos esperar que neste festival, em um ano histórico para Parintins, eles abracem a nossa causa”, finalizou o presidente do boi verde e amarelo, um boi que chega em 2013 fragmentado, após 30 anos de completa exclusão do Festival Folclórico de Parintins.



RELATÓRIO **TÉCNICO-CIENTÍFICO**

Contexto do documento

Depois de participar da disputa do Festival Folclórico de Parintins com os bumbás Garantido e Caprichoso, a agremiação folclórica foi banida do cenário cultural da cidade e viu-se obrigada a procurar refúgio na comunidade do Aninga, área suburbana de Parintins, num ato de desespero para não desaparecer completamente.

Não menos tradicional que os bois azul e vermelho, indiscutivelmente, o Campineiro teve sua característica folclórica turvada e viveu seus últimos anos relegado pela sociedade, pelo poder público constituído, órgãos que representam a cultura e esquecido por pesquisadores e pela imprensa. Com a voracidade da indústria cultural e sem despertar o interesse dos meios de comunicação de massa, o boi Campineiro foi violentado e desvinculado da tradição cultural pós-moderna.

A história de resistência do Campineiro ao apagamento cultural, diante das forças hegemônicas dos bois Caprichoso e Garantido, equivale à divisão das classes sociais, entre pobres e ricos. A exclusão social, por ser taxativa e agressora, nega a humanidade do outro (CATÃO, 2001). E quando se opera tal negação, principalmente as minorias desassistidas e agrupamentos desfiliaados são acometidos pela falta de acesso a direitos básicos como moradia, alimentação, educação e saúde.

A exclusão social do terceiro boi de Parintins remete a temas relacionados a humilhações, privação e segregação. O Campineiro teve sua identidade negada pela sociedade parintinense, sejam políticos,

investidores ou mesmo moradores tradicionais da Ilha Tupinambarana, que se deparam atualmente com um bumbá invisível, ou seja, não notam sua presença ou mesmo desconhecem que ele existe.

Passados 30 anos após a última aparição oficial do verde e amarelo no festival, foi delineado, neste livro-reportagem, uma parte significativa de sua trajetória histórica, versando sobre a exclusão social e o processo de apagamento cultural imputado ao boi. O trabalho teve por finalidade auxiliar o resgate da memória, das tradições e do valor material e imaterial do folguedo do Aninga, principalmente pela contribuição dada ao espetáculo folclórico realizado ainda hoje na Ilha Tupinambarana.

Foram investigadas a origem do boi do Camoca, suas implicações históricas, as referências que diversas pessoas fazem ao boi Campineiro, sua resignificação, vertentes epistemológicas, narrativas orais, testemunhos de personagens da brincadeira, registros documentais, fotos inéditas da época e os principais momentos de existência que estavam guardados no prumo da memória.

Foi abordado o contexto social do folclore da Amazônia relativo à era da pós-modernidade que se instala de forma avassaladora provocando mudanças de costumes e forçando a reestruturação brusca dos saberes locais. De igual modo, o boi-bumbá também é atingido pela indústria cultural e a manifestação folclórica, antes comunitária, é invadida por uma avalanche publicitária e de *marketing* que resultou na transformação das tradições, deslocando a identidade da brincadeira para um formato de produto mercadológico.

O enfoque requerido perpassou pelo traçado do autor, que conseguiu explicitar um fundamento sobre o apagamento cultural e a exclusão social, propostas utilizadas para dar coerência conceitual e tentar explicar os motivos da trajetória dramática do Campineiro, sobretudo aqueles que ajudam a entender o desaparecimento do boi verde e amarelo do cenário cultural da Ilha Tupinambarana.

Procurou-se ainda descrever os principais critérios e técnicas utilizadas para a exploração, captação e observação da área de estudo, sendo necessário selecionar personagens que tiveram relação próxima

com o folclore popular da cidade, que testemunharam ou que estiveram envolvidos na brincadeira do Campineiro durante as aparições no festival de Parintins. Esse processo instigante inferiu em desenvolvimentos inéditos sobre a trajetória histórica do boi do Aningá.

As discussões abrangeram questões relacionadas ao levantamento etnográfico referente ao Campineiro, sustentado em relatos orais e documentos pouco estudados, os quais apontaram caminhos para delinear a investigação proposta na grande reportagem. Ao se verificar a involução do bumbá verde e amarelo, foi notório perceber que houve desinteresse da mídia pela agremiação em função dos bois Garantido e Caprichoso polarizando a disputa.

Concluiu-se que, anos depois da exclusão social, o apagamento da cultura do boi Campineiro continua. Esse ato de banir o bumbá teve como consequência a instauração do ideário de pós-modernidade no cenário folkmediático de Parintins – que a tudo torna transitório e descartável.

A elitização do festival, o desdém às minorias culturais da Ilha Tupinambarana, a estruturação administrativa do boi e o desaparecimento fatal no decurso dos últimos 30 anos resultaram nos processos de degradação e aniquilação cultural vivenciados pelo Campineiro ainda hoje.

Campineiro, um boi sem lugar na arena: o embate entre saberes locais e pós-modernidade

A Amazônia é uma região rica, tanto em relação à sua biodiversidade quanto no tocante a saberes locais (ACCIOLY, 2011). Sobre o conceito de saberes sociais, destaca-se que este pode ser compreendido como um “[...] produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao espaço vivido” (COSTA, 2007, p. 40).

A palavra “produto” no começo da citação em destaque pode não representar na realidade o que os saberes locais significam, mas, por outro lado, ajuda a situar a nós dentro da seguinte preocupação: em que medida o saber produzido localmente, hoje, tende a ser comercializado como um produto?

Para responder à questão, explanemos um pouco mais acerca da região amazônica.

A Amazônia, nos dias atuais, mantém grande parte de sua economia em funcionamento a partir da venda de *commodities* fomentados em seu território. Seja gado, soja ou madeira, tais produtos inevitavelmente rendem muito a grandes investidores que detêm imensos nacos de terras no bioma, boa parte deles conseguida por vias ilegais e predatórias.

Apesar disso, essas *commodities* cobram preço alto para gerarem a renda que alcançam, sendo que tal renda fica concentrada nas mãos de poucos. E ainda, por causa das *commodities*, o bioma vem so-

frendo com queimadas, desmatamento e retirada florestal bruta, além de pressão à fauna e flora, para ceder espaço à produção em massa que atende a um mercado consumidor fetichista. Tudo para dar vazão à sanha da pós-modernidade.

Segundo Bauman (1998), “[...] pode-se definir a pós-modernidade como a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do dismantelamento da ordem ‘tradicional’, herdada e recebida; em que ‘ser’ significa um novo começo permanente” (p. 20).

É essa pretensa mutação, modificação de sentidos, que marca a pós-modernidade na Amazônia. Tudo flui e se desgasta, e, sobretudo, os saberes locais são postos à prova de maneira descomunal. Se os saberes locais não estão sedimentados, então que sejam modificados por causa do pós-moderno e sua necessidade de refundamento de tudo e de todos no mundo.

Na cidade grande, o corpo e o espírito precisam de refundação, segundo clama a pós-modernidade; os fazeres do dia a dia devem ser mudados para o bem dos hábitos do cotidiano. Na Amazônia, que não é modificada de modo tão veloz quanto as urbes, mas também não fica inerte quanto às mudanças, essas transformações são, sim, observadas e tendem a ocorrer na medida em que o modo de vida das urbes remodela a vida fora das capitais.

O físico e o metafísico tenderam a ser alterados. O cotidiano passou a ser reinventado e tudo aquilo que antes era feito de maneira artesanal, recebeu o toque da digitalização, da informática, do grande capital, da pretensa higienização (GEERTZ, 2007). A economia, então praticada a partir do sistema comunal de apropriação e com seu viés solidário, não se sustentou a partir da lógica da propriedade privada, o que fez ruir toda uma cadeia de costumes.

O modelo capitalista da propriedade em urbes amazônicas veio de encontro ao sistema comunitário dos tradicionais moradores de áreas rurais e ribeirinhas e tudo o que era comunitário ficou à mercê do individualismo. Foi a pós-modernidade se instalando. A pós-modernidade, interpretada e criticada por Harvey (2006), também

pode ser compreendida como uma espécie de evolução maligna da modernidade.

Entretanto, como não é o nosso intuito tratar sobre tal definição neste trabalho, apenas chamamos a atenção para o fato de que a modernidade instaurada na Amazônia iniciou um processo de reestruturação dos saberes locais, acelerado juntamente com a pós-modernidade. O espaço mudou e os planos governamentais para o ambiente também foram modificados. O pós-moderno a tudo afeta e torna fosco grande parte do que entra em sua zona de influência:

O planejamento territorial, inexistente desde meados da década de 1980, foi retomado pelo governo federal entre 1995 e 2003. Este novo planejamento apontou tendências territoriais divergentes e conflitos entre políticas setoriais, registrando, de um lado, infraestrutura econômica e de outro, o aumento de territórios protegidos (MELLO, 2003, p. 240).

Como se observa na citação, a pós-modernidade mexeu realmente com os saberes locais e fez com que o governo recriasse planos de desenvolvimento para a região amazônica. Nesse imbróglcio de criações e recriações, de aproveitamento do velho como se fosse algo novo, de requentamento de ideias, até mesmo as ultrapassadas, as práticas simbólicas evaporaram e perderam parte de seu sentido.

Não apenas a economia mudou; não somente o exercício profissional mudou. A vida foi revirada a partir de uma pressão por coisas novas, ágeis, informatizadas, digitalizadas, limpas e bonitas. Na Amazônia, até então tradicional, lenta, coletora e extratora muito mais que produtora, uma Amazônia com ritmo próprio, viu-se imersa em um turbilhão de agilidades fúteis.

A despeito das mudanças no modo de observar e praticar a existência em comunhão, a diminuição da pobreza não foi observada, muito menos a melhoria global da qualidade de vida e a redução na concentração de renda. A economia globalizada, dessa maneira, ser-

viu muito mais para alargar o já extenso fosso entre os ricos e pobres, sem reduzir a fome intelectual e física das sociedades.

Para além da economia, o boi-bumbá – como prática simbólica, cultural, amparada no culto à figura do boi de promessa – efetivado principalmente na região do baixo Amazonas, porção centro-leste da Amazônia brasileira, já na divisa entre os Estados do Amazonas e Pará, em Parintins, sofre com o novo e melancólico *status quo*.

O afetamento ocorreu tal como se esperaria dentro de um contexto de avanço do capitalismo e dos individualismos. Sendo assim, a exemplo do que ocorreu com o Carnaval carioca, reestruturado sob mantos de luz de néon, artefatos pirotécnicos, megaestruturas de aço e ferro, cobertura midiática internacional, o folclore parintinense se fez implodir.

Demorou um pouco mais para que a avalanche publicitária transformasse um punhado de brincantes de boi-bumbá em uma torrente de afoitos em busca de um lugar na arena. O boi-bumbá não despontou para o país inteiro de maneira tão rápida quanto o Carnaval carioca, que hoje possui escala planetária e representa até mesmo o Brasil como país tropicalista e mimético. Mas hoje é uma realidade concreta.

Dessa feita, é importante entender que tudo o que antes se fazia como folclore e representação folclórica no baixo Amazonas foi modificado, sofrendo ação tanto dos organizadores quanto dos brincantes e patrocinadores do evento. Isso ocorreu porque existe uma relação intrínseca entre economia e meio ambiente: tudo o que é proveniente da modificação de recursos naturais afeta a biodiversidade de uma forma geral (LEFF, 2000; LEFF, 2001).

O autor, em ambas as obras, aponta para um quesito essencial, acerca da necessidade da “construção de um saber que ressignifica as concepções do progresso, do desenvolvimento e do crescimento sem limites, para configurar uma nova racionalidade social” (LEFF, 2001, p. 71). Ele direciona sua análise para o fato de que os espaços naturais e construídos estão em constante diálogo com a economia. Se ela for

efetivada de maneira ética e correta, o ambiente ganhará com isso; caso seja de outra forma, só haverá perdas e degradações.

O folclore, investigado como ação artesanal, é muito bem avaliado por meio de uma alegoria. Se não, vejamos:

Sempre que se cante a uma criança uma cantiga de ninar; sempre que se use uma canção, uma adivinha, uma parlenda, uma rima de contar, no quarto das crianças ou na escola; sempre que ditos, provérbios, fábulas, estórias bobas e contos populares sejam reapresentados; sempre que, por hábito ou inclinação, a gente se entregue a cantos e danças, a jogos antigos, a folguedos, para marcar a passagem do ano e as festividades usuais (...) aí veremos o folclore em seu próprio domínio, sempre em ação, vivo e mutável, sempre pronto a agarrar e assimilar novos elementos em seu caminho. Ele é antiquado, depressa recua de primeiras cidadelas ao impacto do progresso e da indústria modernos; é o adversário do número em série, do produto estampado e do padrão patenteado (BRANDÃO, 1984, p. 23).

Se folclore é toda uma cadeia ou arrendamento de ações originadas de práticas tradicionais, as quais são repassadas por meio de informações orais, é importante destacar que atividades folclóricas contêm em si mesmas saberes humanos, informações preciosas para sociedades que possuem lastro histórico.

Fernandes (1979) identifica que mudanças sociais, em grande parte das vezes, são operadas a partir de saberes populares, de conhecimentos não científicos. O folclore, nesse caso, atua como um agente modificador da realidade e fomenta novas visões de mundo, contrastante ou não com o regime experimental de pesquisas científicas.

Cavalcanti e Vilhena (1990) chamam a atenção para o fato de que a pós-modernidade, como era de globalização e aceleração, executa mudanças substanciais na vida dos seres humanos, degradando pouco a pouco as relações de confiança, passadas pela oralidade de pais para filhos e assim por diante.

O folclore, nesse caso, é afetado de modo significativo por conta da fragmentação da vida, operada a partir do culto à pós-modernidade. De tal feita, estudar em que medida o embate entre os saberes locais e aquilo que é pós-moderno pode impactar o folclore foi meta neste trabalho.

A ação de pesquisar tal temática foi direcionada para a construção de um produto, uma grande reportagem, tendo como foco o boi-bumbá de Parintins, na porção centro-leste da Amazônia Brasileira. A proposta foi investigar e descrever o apagamento de traços culturais do folclore parintinense tendo como figura principal o boi Campineiro.

A questão primordial para o boi verde e amarelo

O folclore do boi-bumbá parintinense é formado, atualmente, por uma disputa hegemônica entre duas agremiações folclóricas, Caprichoso e Garantido. No último fim de semana do mês de junho, ano após ano, eles duelam em um local denominado arena, localizado no centro da sede urbana do município de Parintins.

Mas nem sempre foi assim. A verticalidade de Caprichoso e Garantido foi posta à prova por um terceiro boi, o Campineiro. Este bumbá chegou a despontar por diferentes anos no cenário folclórico da Ilha Tupinambarana. Mas, segundo hipótese levantada neste trabalho, o grande capital e a mídia, orquestrados por uma forte pressão dos aparatos da pós-modernidade, fizeram desaparecer o Campineiro.

A investigação buscou traçar esse percurso histórico, resgatando a evolução da questão ao longo dos anos e avaliando as implicações da possível existência de um terceiro boi atualmente em Parintins. Suposições relacionadas às esferas sociais, econômicas e culturais foram levantadas para dar suporte à pesquisa.

A justificativa do estudo repousa sobre as possibilidades de se compreender melhor os meandros humanos, subjetivos e objetivos, a partir dos quais a cultura é estabelecida e se faz presente na vida dos moradores da região que fica na extrema do Estado do Amazonas com o vizinho Pará.

A importância da pesquisa incide sobre as necessidades da comunidade acadêmica obter informações menos desconstruídas

acerca da problemática da exclusão do boi Campineiro do Festival Folclórico de Parintins. E mais. Obter informações sobre como se deu a exclusão e quais os principais motivos que culminaram na retirada do boi da disputa folclórica em Parintins.

Foi um verdadeiro apagamento da cultura do boi verde e amarelo, no sentido em que a figura folclórica do boi-bumbá Campineiro é retirada de maneira violenta da cena cultural da Ilha Tupinambarana. Sobre essa linha de pensamento tendeu a percorrer a pesquisa, procurando juntar argumentos coerentes para embasar essa perspectiva.

O sentido empregado para a palavra apagamento diz respeito, segundo foi trabalhado no estudo, a um conjunto de ações ou atividades, direcionadas ou não, intencionais ou aleatórias, que culminou no silenciamento do bumbá em questão. Esse conjunto de ações teve a mídia como causadora ou o próprio acaso histórico foi o propulsor da saída de cena do Campineiro?

Na grande reportagem, a partir de uma vertente descritiva e etnográfica sobre o apagamento cultural do bumbá, buscou-se investigar o pressuposto, trazendo à baila inúmeros depoimentos de pessoas que participaram da construção e do desmoronamento desse conjunto folclórico.

A questão do boi Campineiro é transversal ao próprio entendimento sobre o fazer folclórico realizado em Parintins. Seus meandros e significados; as vertentes epistemológicas e sua prática cotidiana foram investigadas não só teórica, mas buscando elementos práticos, depoimentos incidentes, narrativas de personagens que presenciaram a história e a construção do conhecimento sobre o Campineiro, fotos da época e registros documentais.

Para comparar depoimentos e fazer correlação entre percepções e resgates históricos acerca do boi Campineiro, diversos integrantes (administradores e brincantes, além de itens e financiadores) do folclore parintinense foram contatados para narrar suas opiniões ante a retirada, ora por Caprichoso e Garantido, ora pelo processo avassalador da indústria cultural, desse bumbá da disputa anual.

A investigação contou também com uma boa dose de interpretação sobre os relatos e apoio incondicional de brincantes novos e antigos dos bumbás Garantido, Caprichoso e Campineiro. Essas pessoas foram fundamentais para a composição do bojo do trabalho.

Levando em consideração esses pressupostos e tomando a contento a problemática destacada, foram destacados os objetivos a seguir:

I) Geral: Investigar em que medida ocorreu a exclusão da disputa do boi-bumbá Campineiro do Festival Folclórico de Parintins, buscando analisar implicações da exclusão na diversidade folclórica do folguedo.

II) Explorar a influência da mídia na exclusão do boi-bumbá Campineiro e descrever o impacto cultural da exclusão do boi-bumbá Campineiro do festival.

Enfoque teórico

Três conceitos foram discorridos: I) esgotamento, II) exclusão social e III) apagamento cultural foram investigados no levantamento teórico descrito a seguir.

A perspectiva foi sublinhar nuances de interpretações feitas por diferentes autores, na tentativa de compreender a intensidade do problema, com implicações direcionadas para a cidade de Parintins, interior do Amazonas.

Esgotamento e exclusão social, dois conceitos para se pensar a prática folclórica em Parintins

Arcabouços teóricos concretos permitiriam a leitura do caso de desaparecimento do bumbá Campineiro do Festival Folclórico de Parintins. A proposta de análise enfatizada no estudo trouxe o aporte de duas concepções teóricas interligadas na tentativa de apresentar coerência conceitual.

A meta foi tecer congruências que subsidiassem teoricamente e ajudassem a pensar a questão do desaparecimento do Campineiro em termos de pós-modernidade, em que a mídia angula grande parte das decisões da sociedade.

O esgotamento foi a primeira vertente a ser avaliada.

Em Ferreira e Rodrigues (2012) observa-se o seguinte comentário: “em Deleuze encontramos a ideia do esgotamento como um ponto de abalo [...] e ainda como uma possibilidade de fuga dessa prisão histórica” (p. 8).

Os autores relembram o fato de que tal questão foi desenvolvida por Deleuze em seu último longo texto, intitulado *Lépusé* (O esgotado). Esgotamento, nesse sentido, é a finitude do ser humano como ser de vontade; é o decaimento geral pelo qual enfrenta a pessoa em confronto com a sociedade e consigo mesma:

A desordem das palavras, dos espaços e dos atos humanos compõem cenários possíveis de uma compreensão sistemática, cujo campo de

análise é o mundo diário em sua profusão de gentes, falas, gestos, movimentos, invenções, intervenções anônimas e os desvios em relação às práticas consideradas normais. Esses fragmentos sugerem possibilidades objetivas para uma sociologia do cotidiano que alinhavará a escrita, sobretudo para que possamos estabelecer a relação entre o que propomos ver e o que propomos desvendar (FERREIRA e RODRIGUES, 2012, p. 3).

O esgotamento é uma situação que não deve ser considerada como definitiva e inalterável, muito menos como estado inerte de paralisia ou catarse. Estar esgotado é, sim, estar cansado do mundo, estar sofrendo com essa situação, mas também é um passo para tornar-se apto a uma mudança de estado físico e mental, um passo ao engajamento.

Estar esgotado, na visão de Deleuze (*apud* FERREIRA e RODRIGUES, 2012), não é estar inapto para a realização de feitos importantes. O que o autor quer mostrar, e se faz entender por esse viés, é uma visão de esgotamento baseada na crítica a valores sociais. Ela se interliga com a exclusão social justamente porque os dois conceitos são complementares entre si.

Quanto ao boi Campineiro, o esgotamento sofrido por ele e sua posterior saída de cena da disputa do Festival Folclórico de Parintins se deu em circunstâncias um tanto nebulosas, em que nem Caprichoso e muito menos Garantido possuem explicações confiáveis e plausíveis para mostrar à sociedade a segregação orquestrada contra o referido bumbá.

Sobre a questão da exclusão social, vejamos.

A exclusão social na Amazônia ocorre em sociedades que guardam correlações distintas apesar de repartirem o mesmo ambiente. Segundo Rodrigues e Catão (2012), o processo de exclusão social é uma grave apartação em que o físico e a psique do excluído são afetados, denegando, rebaixando e humilhando a pessoa.

Feijó e Assis (2004) indicam o seguinte, sobre a problemática da exclusão social das populações em meio a situações de calamidade econômica e restrições educacionais:

A exclusão social assinala um estado de carência ou privação material e imaterial, de segregação, de discriminação, de vulnerabilidade em alguma esfera. À exclusão associa-se um processo de desvinculação social/espacial. O excluído não escolhe a sua condição; ela se dá numa evolução temporal como resultado das mudanças na sociedade (ID., op. cit., p. 2).

A exclusão social, por ser taxativa e agressora, nega a humanidade do outro (CATÃO, 2001). E quando se opera tal negação a minorias desassistidas, ocorre a falta de acesso a direitos básicos como moradia, alimentação, educação e saúde.

Apagamento cultural

Excluir-se ou ser excluído pressupõe uma situação de desaparecimento, ou apagamento, como sugere Nora (*apud* FONSECA, 2002).

O historiador francês Pierre Nora, ao refletir sobre tendências de recuperação e preservação da memória, indica que o apagamento das tradições reforça o temor ao completo desaparecimento e esse, por sua vez, impulsiona a recolha de lembranças, mas ratifica a certeza de que a recuperação do passado, no mundo em que vivemos, só pode ser efetuada enquanto ilusória preservação daquilo que não pode mais ser vivido (p. 10).

O fenômeno da comunicação metamorfoseia a mídia e faz com que as relações com a sociedade sejam empreendidas por meio de um prisma áspero e opaco, desnaturalizado, no qual as tradições são rejeitadas continuamente para o surgimento do novo: ou seja, algo diferente do que existia, sem nenhum traço de semelhança.

Apagar uma cultura popular, como ocorreu no caso do boi Campineiro, de Parintins, significa esconder de forma ininterrupta uma manifestação, até que ela seja sufocada e perca a autenticidade.

Com a perda da autenticidade, que é um dos últimos estágios do apagamento, a manifestação tende a desaparecer e torna-se apenas história passada, em que não se pode mais fazer o resgate efetivo, apenas lembrar e avaliar as questões referentes ao fato consumado.

Nora (ID. *op. cit.*), nesse pormenor, reafirma aquilo que se apresenta como um fenômeno da era da comunicação de massa: o desaparecimento das tradições a partir de um processo de apagamento cultural, em que apenas a comunicação massiva vinga e ganha força.

Esse processo já havia sido descrito pela Escola de Frankfurt (ADORNO e HORKHEIMER, 1985), quando em *A Dialética do Esclarecimento* eles afirmaram uma ferrenha crítica à sociedade ocidental contemporânea e seu culto à técnica e à racionalidade, o que culmina em uma dominação dos homens por parte de procedimentos e técnicas:

As massas desmoralizadas por uma vida submetida à coerção do sistema, e cujo único sinal de civilização são comportamentos inculcados à força e deixando transparecer sempre sua fúria e rebeldia latentes, devem ser compelidas à ordem pelo espetáculo de uma vida inexorável e da conduta exemplar das pessoas concernidas () Todos podem ser como a sociedade todo-poderosa, todos podem se tornar felizes, desde que se entreguem de corpo e alma (p. 28-29).

A submissão ao estereótipo dos meios de comunicação de massa é um problema e isso foi justamente o que Campineiro não quis aceitar, sendo por isso repellido e afastado; sendo relegado e moralmente desvinculado de uma tradição que se completava com Garantido e Caprichoso.

Neves e Levy (2009), quando estudam as modificações no plano sociocultural e comunicacional daquilo que é manifestação popular e se molda a partir da mídia, afirmam que processos políticos, econômicos e sociais concorrem para o apagamento na medida em que a pós-modernidade se concretiza até mesmo nas pequenas cidades, como é o caso da Ilha Tupinambarana.

A pós-modernidade reconfigura o popular de tal maneira que ele passa a ser modificável e mutável ao prazer das convenções sociais, políticas e econômicas, as quais, por sua vez, estão atreladas aos meios de comunicação de massa e dependem de dinâmicas factuais.

Entende-se, assim, que o apagamento é o resultado de uma complexidade da sociedade, cujo alinhamento advém da relação que a mídia constrói em meio à realidade e dos processos de repetição de fazeres e saberes que ocorrem diariamente nos meios de comunicação de massa e na relação sociedade-indivíduo.

A transitoriedade e a vulnerabilidade das coisas e das pessoas não são exatamente algo ruim. Trata-se de algo natural. O ápice e a derrocada são processos naturais, mas o apagamento forçado, compulsório, por sua vez, é uma violência. E foi sofrida pelo boi Campineiro, que poderia estar na disputa folclórica com Garantido e Caprichoso até hoje:

O Garantido e o Caprichoso sempre tiveram essa relação muito forte com pessoas envolvidas na brincadeira, mas que também participavam desse processo político partidário e que estiveram ou estão muito juntas ao poder. Ambos possuíam grupos formados por pecuaristas, comerciantes, pessoas de posses e o Campineiro tinha o quê? (Raimundo Dejard Vieira Filho, pesquisador e sócio do boi Caprichoso).

A globalização inegavelmente acelera processos que poderiam levar anos para acontecer ou mesmo que não aconteceriam não fosse a força da mídia e suas inclinações econômico-culturais, sempre massivas. Em decorrência dessa aceleração, a arte e cultura locais sofrem altas pressões e manipulações por aquilo que é veiculado dentro do universo de produção acelerada da mídia.

Dos variados pontos de partida para se pensar as possibilidades de um apagamento das culturas locais diante de uma dominação cultural homogeneizante, a proposta foi descrever nuances relacionadas à pós-modernidade que pudessem indicar essa ação de supressão cultural (SILVA, 2010). E foi no contexto da comunicação social e do universo midiático que a avaliação se deu, em consonância com factualidades políticas e econômicas.

A partir do marco teórico do esgotamento, da exclusão social e do apagamento, foi possível trazer à tona propostas referentes à retirada do boi Campineiro do cenário da cultura popular de Parintins. Concomitante ao apagamento, a perda das informações sobre essa figura folclórica também ocorreu e hoje o que se sabe acerca do bumbá é restrito.

Correlacionou-se a isso a realidade amazônica, tão peculiar às comunidades do bioma, sobretudo porque

[...] O homem amazônida vive em profunda relação de harmonia com a natureza que o cerca, o que gera fecunda produção de imaginário próprio, emoldurado por uma espécie de sfumato (grifo do autor) que se instaura como uma zona indistinta entre o real e o surreal, onde os rios e as florestas tornam-se muito importantes para esse cotidiano (RODRIGUES, 2005, p. 43).

Vertentes relacionadas à mídia estão mais enfatizadas porque a visão geral deste trabalho enfoca a problemática da ação dos meios de comunicação de massa em detrimento às manifestações de pequeno porte, menos visadas por grandes redes de transmissão comunicacional.

Além disso, como a citação sugere, a convecção entre populações e bioma é sempre disposta no trabalho, para que fosse clarificada a exata noção que se pretendeu transmitir na pesquisa: das pessoas em conjuminância à natureza; dos seres em associação à vida.

Na sequência, está especificada a metodologia com a qual se moldou a grande reportagem apresentada. Nesta parte da pesquisa, teve-se como prioridade apresentar a sistemática de apuração de dados na investigação, bem como a preparação desses dados para sua interpretação.

Foi definida a seguinte estrutura: delineamento, universo e participantes, instrumentos, procedimentos de coleta e procedimentos de análise. Essa necessidade de divisão serviu para que o(a) leitor(a) pudesse perceber exatamente como foram as etapas do estudo e quais as dificuldades encontradas.

Metodologia

Delineamento

A escolha do tema da pesquisa se deu por conta da possibilidade de inferir acerca do esgotamento e apagamento do boi Campineiro em função dos bois Garantido e Caprichoso terem crescido e conseguido despontar no universo midiático e econômico.

Importou na decisão sobre a temática o fato da questão ainda merecer um debate mais aprofundado em Parintins/AM. Para o delineamento, tomou-se como pressuposto a hipótese de que, com a saída compulsória do Campineiro do cenário folclórico, houve um apagamento desse mesmo boi, o que fez com que a história folclórica da Ilha Tupinambarana fosse modificada.

Universo e participantes

O município de Parintins, interior a leste da capital do Estado do Amazonas, foi o local da pesquisa. Situada na região do baixo Amazonas, extremo leste territorial, a cidade foi o universo percorrido no intuito de formatar o levantamento da grande reportagem.

Foram contatadas 29 pessoas na pesquisa que originou o produto do presente estudo apresentado.

Instrumentos

Diários de campo e avaliação do contexto social, bem como registros fotográficos de documentos históricos, foram utilizados para

capturar as impressões das pessoas entrevistadas acerca da história do boi Campineiro.

Procedimentos de coleta

Os entrevistados foram escolhidos conforme dois critérios principais: I) ter relação próxima com o folclore parintinense; e (II) ter participado de alguma forma da história do boi Campineiro.

A maioria dos questionamentos da entrevista foi direcionada às expectativas das pessoas acerca do boi Campineiro, de sua história e das implicações que haveria para Garantido e Caprichoso uma possível viabilização, ainda hoje, desse bumbá na disputa do festival.

A coleta de dados foi realizada durante todo o ano de 2012, a partir de uma abordagem padrão aos participantes da pesquisa. Ocorreram os seguintes passos: (I) o pesquisador se apresentava e explicava à pessoa o objetivo da pesquisa; (II) havia uma breve conversação sobre assuntos próprios da região (*rapport*) e o boi Campineiro; (III) o pesquisador verificava se o participante podia ser enquadrado na amostra delineada e, em caso positivo, perguntava se ele aceitaria ser entrevistado.

Foram usadas técnicas de observação participante e exploração de campo, com composição de diário para interpretação de crenças e atitudes manifestas e latentes que ajudaram na contextualização das áreas e pessoas do estudo. A escolha da tipologia metodológica foi embasada nas indicações de Sá (1998) e Triviños (1987).

Coleta de documentos foi realizada no sentido de investigar possíveis incoerências significantes de discursos entre os participantes da pesquisa. É certo que correlações díspares existiram durante o percurso, haja vista que a tradição da oralidade repousa, sobretudo, na diferença de opiniões e declarações coletadas.

Todavia, o que foi possível de avaliar por meio de fotografia e documentos que registrassem um pouco da história do boi Campineiro, assim operou-se.

Procedimentos de análise

Foi realizada interpretação dos dados coletados por meio da técnica de avaliação de dados brutos (SÁ, 1998), em que o posicionamento teórico do pesquisador é decisivo para a composição dos dados, assim como é decisiva a posição de “leitor de mundo” do investigador.

A meta foi deduzir, de maneira lógica e inferencial, conhecimentos sobre o emissor da mensagem, pois, de acordo com Vala (1986), a passagem da descrição à interpretação se dá pela inferência. É ela que concretiza sentidos às características do material coletado, segundo o pesquisador.

A partir desses pressupostos, foi composta a grande reportagem, que trouxe consigo fotos e registros considerados relevantes acerca do apagamento cultural o qual caracterizou o boi Campineiro. Na construção textual, foram necessárias técnicas do jornalismo impresso, que busca sintetizar informações de modo a facilitar a leitura por parte de quem pretende analisar o trabalho.

Foi preciso ponderar acerca das informações coletadas tendo em vista que, muitas vezes, datas e acontecimentos similares tinham interpretações díspares em demasia, por conta da tradição da oralidade. Na coleta de dados, por via oral, entre moradores de Parintins, muitos eram os desencontros: fatos narrados e datas representavam as principais questões residentes de problemas.

Aportes teórico-metodológicos auxiliaram na demarcação de bases concretas para as reflexões interpretativas do trabalho. A atividade de reflexão, nesse contexto, teve como suporte a história de vida dos moradores e sua relação de proximidade com o folclore parintinense.

O contexto social em que era realizada a abordagem aos entrevistados também foi de fundamental importância, tendo em vista que muitas pessoas se intimidavam na hora de gravar as falas. Decorreu que o diário de campo acabou sendo um dos mais importantes instrumentos para se capturar as impressões dos participantes da pesquisa acerca do Campineiro.

Para o exercício da atividade etnográfica, a perspectiva foi poder inferir acerca das motivações que levaram moradores parintinenses a persistirem no folclore popular com o boi Campineiro, mediante informações relevantes concernentes à relação deles com o folguedo praticado.

Nas sociedades tradicionais, a memória e os registros orais são fatores essenciais na cultura. Ou seja, informações repassadas a partir de depoimentos e narrativas sobre o passado servem como parâmetro fundamental para a compreensão da realidade. Conforme Guerrero (2003, p. 47-48), “memória e tradição oral carregam um saber histórico, que procura recuperar o desenvolvimento do cotidiano individual”.

E continua: “[...] um testemunho comunica um fato que apresenta duas formas: a que não foi verificada e a registrada, e a que tem sido verificada pela testemunha que a aprendeu” (ID., *op. cit.*, p. 49).

A antropologia e a sociologia nutrem especial interesse pelos relatos da tradição oral, relacionados à memória do povo que conserva parte da história vivida e presenciada, mas não sistematizada. Romero (*apud* GUERRERO, 2003, p. 47) sugere que “a memória é um dispositivo essencial gerador de relatos de vida, cuja atividade é a de reconstruir o passado e o vivido”.

Com a troca de experiências, mediada pela observação participante, pretendeu-se atingir percepção sobre ações que impactaram praticantes do folguedo do boi Campineiro. Foi tomado como referencial para o resgate das experiências a entrevista. A meta foi tornar aparentes sentimentos relacionados ao folclore praticado historicamente por moradores de Parintins, bem como fomentar lembranças acerca dos rituais de apresentação dos bumbás.

Originariamente desenvolvida na antropologia, a pesquisa etnográfica propõe-se a descrever e a interpretar ou explicar o que as pessoas fazem em um determinado ambiente, os resultados de suas interações e o seu entendimento do que estão fazendo. Esse tipo de pesquisa procura descrever o conjunto de entendimentos e conhecimentos compartilhados pelos participantes. A perspectiva é ava-

liar comportamentos guiados em um contexto específico, ou seja, a cultura daquele grupo. Parece consensual que a etnografia descreva a cultura de um grupo de pessoas, interessada no ponto de vista dos sujeitos pesquisados (TRIVIÑOS, 1987).

Resultados e Discussão

Relatos de uma grande reportagem

Para investigar dados relacionados à história do boi Campineiro, foi importante ir a campo, desnudar casos e fatos que *a priori* não tinham relação entre si, mas que ao serem avaliados a fundo se mostravam próximos e bastante similares. Casos e relatos obscuros, pouquíssimo contados, escritos, que tampouco suscitaram interesse da mídia, instituições de reserva cultural, escritores e da própria sociedade civil organizada, foram o centro da análise.

Exemplo disso foi a problemática da história de criação do boi Campineiro. Ao se perceber que os relatos sobre a concepção do bumbá eram diferentes nos detalhes entre si, mas guardavam estreita relação em sua essência, a meta foi interpretá-los à luz do bom-senso, entendendo o que de melhor poderia ser considerado para cada ocasião, tomando como ponderação documentos e relatos orais fidedignos.

Nesse particular, destaca-se que para fazer o levantamento da história do Campineiro um trabalho de construção de relatos orais teve de ser executado a partir de relações de concordância entre história contada e documentos comprobatórios. Muitos foram os pedaços de narrativas juntados para que uma parte significativa da trajetória do bumbá pudesse ser descrita.

A oralidade serviu para a construção de uma história que parecia estar apagada, dormente, inerte há muito tempo e sem registros confiáveis. Os relatos sobre o boi Campineiro, ao serem coletados, indicaram que houve uma espécie de movimentação de bastidores de

Garantido e Caprichoso para que o terceiro bumbá fosse excluído da disputa, sobretudo usando-se da força econômica.

Talvez não tenha sido intencional essa movimentação dos bois vermelho e azul para a saída do Campineiro da disputa, mas cabe destacar que ela ocorreu e com a ajuda tácita dos meios de comunicação de massa e patrocinadores. Uma ajuda, inclusive, arregimentada por aparatos televisivos, radiofônicos e da mídia impressa, em meio a estratégias orçamentárias de grupos políticos.

A polarização entre azul e vermelho constituiu o Festival Folclórico de Parintins como festa popular e arrumou o evento para que houvesse a universalização dos preceitos de massa, tornando o acontecimento uma grande encenação para os meios de comunicação, um investimento de *marketing* para grandes empresas e um canal de escoamento de dinheiro em função de uma suposta necessidade identificadora de pão-e-circo em Parintins.

Nos tempos do boi Campineiro, era clara a aversão da mídia para eventos que não tinham um grande porte. Eram tempos em que jornais, rádios e TVs faziam cobertura pequena do evento, que tinha repercussão muito mais local. A cobertura no âmbito regional e nacional não era visada, mas isso mudou. Ao compilar a grande reportagem, notou-se que na atualidade a grande mídia dá um destaque imenso a Garantido e Caprichoso e nenhum ao Campineiro.

Não existe nenhuma menção ao boi esquecido do Aninga (zona rural de Parintins), que é o local onde se originou a brincadeira com o bumbá. Sem registros de vídeo, esse boi sobrevive na memória de brincantes, que ainda sustentam o folguedo, mesmo sem nenhum aparato midiático, o que mostra que o poder do capital e da mídia tem a capacidade de apagar uma manifestação folclórica, mas não de fazê-la sumir de vez da lembrança dos povos.

Trata-se de uma tradição colocar para brincar o Campineiro, um boi que tem quase o mesmo tempo de criação do azul e do vermelho. Mas é uma tradição que ninguém vê, comparando-se os espectadores de Garantido e Caprichoso e aqueles que assistem às apresentações de terreiro do Campineiro. O interior da comunidade em

torno da qual o boi esquecido se apresenta anualmente faz uma festa singular para seu bumbá. Entretanto, a manifestação é pouco vista e propagada.

O sentimento de domínio sobre uma representação de folguedo, exemplificada no boi de pano, não é tomado como fator preponderante pelos moradores da comunidade. Durante a grande reportagem isso ficou claro. O orgulho de torcer pelo Campineiro praticamente não existe entre as pessoas de Parintins. Apenas um ou outro integrante da comunidade do Aninga fala abertamente que seu bumbá de preferência é o bozinho de cor predominantemente amarela, o Campineiro.

A exclusão foi notada na prática e por isso ela foi posta em relevância dentro do contexto desta pesquisa. A retirada do Campineiro e de seus traços verde, amarelo e branco (com matizes acinzentadas) da cena folclórica da Ilha Tupinambarana mostra que os meios de comunicação de massa produzem, sim, uma espécie de esquecimento da história porque privilegiam apenas o que está em evidência.

Essa evidência foi norteadada também por um processo econômico, imposto por relações de poder em Parintins. Ao mesmo tempo em que na década de 1990 os bois vermelho e azul ganhavam magnitude milionária em termos de orçamento, o Campineiro empobrecia de tal forma que o esquecimento se apropriou daquele boi.

Não foi meta na pesquisa, entretanto, investigar as causas econômicas primordiais desse apagamento, mas foi impossível deixar de notar que o Campineiro sofreu a ação do capital na era da pós-modernidade (HARVEY, 2006).

O Campineiro recebeu doações e o apoio de muitas pessoas para levar o bumbá para o tabladão, em 1983, mas as despesas que ficaram logo após o festival eram muito grandes. 'Quando terminou o festival eu estava devendo até o último fio de cabelo da cabeça e passei um ano pagando conta. O negócio foi brabo. Muita gente me ajudou, é verdade, mas o problema é que o custo para colocar um boi é muito grande, complicado e ainda mais enfrentar o Garantido. Não foi fácil', assegura

ra o bancário aposentado que hoje reside e sua terra natal (Trecho da grande reportagem, p. 13).

No trecho deste estudo está comentada a situação de penúria monetária em que vivia o Campineiro. Como era o boi que tinha menos estrutura montada para suportar a pressão de pagar contas após a apresentação, o Campineiro foi o bumbá que mais sofreu com a necessidade de quitar débitos financeiros.

Sem recorrer a estratégias de *marketing* para se manter na disputa, foi excluído do festival. O verde e amarelo desapareceu do cenário por quase 20 anos e retomou nos meados dos anos 90 quando voltou a se apresentar em seu terreiro, no Aninga, mas com a magnitude do folguedo, sendo acrescida da mídia o boi logo esmoreceu e reduziu-se.

Outro trecho marcante acerca da disparidade financeira entre o Campineiro, o Garantido e o Caprichoso está relatado a seguir. O depoimento é de uma das pessoas que já participaram do festival folclórico parintinense como apresentador do Campineiro:

O ex-apresentador Cabral diz que o Campineiro não conseguiu se firmar no Festival Folclórico de Parintins porque houve um grande trabalho nos bastidores de Caprichoso e Garantido para tirá-lo da jogada. Em 1983, a Prefeitura de Parintins fez o repasse de recursos financeiros e teve que dividir igualmente entre as três agremiações folclóricas e isso teria incomodado os dirigentes do vermelho e do azul. 'Houve uma pressão muito grande dos dois bois junto às autoridades. Eles não queriam dividir o bolo com o Campineiro', ressalta o ex-apresentador (Trecho da grande reportagem, p. 13-14).

Nesse particular relatado, fica clara a trama alçada para afastar o boi Campineiro da disputa do Festival Folclórico de Parintins. Não foi por acaso que a exclusão do bumbá verde e amarelo foi decidida por lideranças de Garantido e Caprichoso. Houve toda uma conjuntura econômica a embasar a decisão.

Notou-se, durante o levantamento feito para a composição deste trabalho, que não ocorreu um decreto ou a assinatura de um documento nenhum que delimitasse a exclusão do boi Campineiro da disputa entre os bumbás da Ilha Tupinambarana. O discurso, por si mesmo, valeu como acentuador da exclusão.

Um acordo tácito, não declarado, exponencialmente econômico, barrou o Campineiro, que sendo um boi com torcida pequena, não conseguiu se organizar para, sozinho, angariar fundos e continuar a montar alegorias para participar do festival parintinense. Teve como legado o esquecimento.

Consequência direta do afastamento do Campineiro foi seu início dentro de uma trajetória de abandono, desfiliação e posterior apagamento das lembranças populares – o que tendeu a ser analisado na presente pesquisa. Muitas pessoas com idade média entre 20 ou 30 anos não têm noção sequer que existe um terceiro boi em Parintins e este possui o nome de Campineiro, com história e tradição folclórica de semelhante *status* comparando-se a Garantido e Caprichoso:

A exclusão do boi Campineiro do Festival Folclórico de Parintins e sua reclusão na comunidade do Aninga tem ainda outro agravante. O boi verde é completamente desconhecido entre a juventude. Jovens entrevistados na faixa etária entre os 16 e 25 anos não conhecem e nem nunca ouviram falar do 'primo pobre' de Caprichoso e Garantido. 'Não sei se eu já ouvir falar desse boi. Se ouvi não estou lembrada', disse Roberta Viana, de 25 anos. 'Nunca ouvi falar. Dá onde ele é?', completou Vera Rúbia Monteiro, 16 anos.

Em junho de 1984, o Campineiro já estava fora da disputa para nunca mais retornar até hoje e o boi Caprichoso voltava a duelar somente contra o Garantido. São 30 anos de ostracismo e paulatino afundamento no ostracismo.

Há toda uma geração de pessoas que nunca travou contato com o bumbá verde e amarelo do Aninga e os estudos acerca dele são es-

cassos. Com este trabalho, espera-se alcançar contribuição, para que ressurgam novos estudos e a história do Campineiro possa ser melhor registrada.

Se não há a possibilidade de travar contato com o bumbá, como espera-se replicar o conhecimento e ainda popularizá-lo? Esse problema só fortalece o fato de que a retirada forçada do Campineiro do festival parintinense ocasionou no desamparo do bumbá como representante do folguedo como manifestação popular, de bairro e comunitária.

Jovens sem conhecimento sobre o que ocorreu no passado não poderão assimilar e muito menos interpretar esse importante episódio da história do festival de Parintins, um festival que é construído todos os anos para mostrar a arte do caboclo, mas que nem sempre é aliado da população em geral.

Isso decorre porque grande parte do pessoal que trabalha na montagem do espetáculo acaba sem obter ganhos financeiros decorrentes de suas atividades. A questão foi tema de pauta no Garantido nos últimos dois anos (2012 e 2011), quando o bumbá teve uma crise financeira e não conseguiu arcar, em parte, com responsabilidades orçamentárias junto aos seus trabalhadores de galpão:

O Campineiro é o único boi que até hoje tem condições de entrar no festival, a hora que ele quiser, por ter história e se encontrar todo documentado e organizado. Se hoje o nosso boi estivesse, quem sabe não estaria melhor. Não teria toda essa lenga-lenga dos dois bois. Acho que hoje teria mais notoriedade e as autoridades dariam mais atenção para a gente. Hoje seriam três torcidas, seria tudo muito lindo. E se a gente não tivesse parado, quem sabe o Campineiro já não teria tomado conta do festival e da cidade (Carlos Leocádio, o Camoca, organizador do Campineiro).

A afirmativa de Camoca é utópica, positiva demais para uma agremiação folclórica de porte pequeno e que conta apenas com a

história para assegurar sua posição e querer se inserir dentro de um amplo contexto capitalista hoje instalado.

Todavia, serve para manter uma tradição instigante, sem que a história seja aniquilada. Trata-se de uma pessoa que pretende avivar uma perspectiva de festa popular tal e qual naturalmente foi concebida, mas que atualmente não consegue espaço pela força da mídia e do capital, ambos avassaladores e competitivos:

De fora do grupo de elite do festival de Parintins o Campineiro aparece no cenário como o primo pobre dos dois bois afortunados. Além da exclusão social e cultural, o boi do Aninga ainda encontra dificuldades em conseguir patrocinadores para seus eventos comunitários. Em 2007, a Coca-Cola e a Bandeirantes visitaram por mais de duas vezes os dirigentes do Campineiro na comunidade, mas por um impedimento contratual com Garantido e Caprichoso o boi verde e amarelo não pôde firmar parceria. No contrato assinado, segundo Paixão, a multinacional e a emissora de TV não poderiam patrocinar outra agremiação fruto do mesmo objeto cultural. 'Encontramos muitas barreiras, porque empresas interessadas já têm compromisso com os dois bois e não sobra nada para o Campineiro. Desse modo, fica muito difícil a gente chegar ao patamar dos dois. Garantido e Caprichoso já chegaram a um nível internacional e o nosso boi ainda está em nível de comunidade e as empresas não acreditam no crescimento da agremiação. Mas daqui a alguns dias, quando a gente começar a aparecer, teremos feito contrato com alguém', avalia o presidente do Campineiro (Carlos Leocádio da Silva, o Camoca, 63 anos, brincante e organizador do Campineiro).

O ato de impedimento de patrocínio ao bumbá Campineiro não apenas exerceu um forte impacto negativo no disputado orçamento do boi, mas mostrou que a força de Garantido e Caprichoso vai além do embate na arena. Ela perpassa por todo um arcabouço

mercadológico, que incide sobre relações contratuais e se encerra no campo da moral, em que a força da economia imprime problemas.

Nesse contexto particular do impedimento do Campineiro de receber verbas por conta de contratos firmados entre grandes empresas e os bois, forma-se uma conjuntura de exclusão voltada para o âmbito financeiro, o qual incidiu ao longo dos anos sobre a percepção geral dos parintinenses, que hoje não mais concebem o verde e amarelo como bumbá de presença consolidada e muito menos como agente de transformação social.

É importante trazer como resultado o fato de que o capital, fruto de uma sociedade com traços fortes de pós-modernidade, concorre para o impedimento da entrada do Campineiro na disputa oficial do festival folclórico parintinense. Disso, decorreu o isolamento do bumbá e seu encerramento na comunidade do Aninga, de onde se apresenta para poucas pessoas, longe dos holofotes do bumbódromo:

Com o enfraquecimento do Campineiro na cidade, Braulino sugeriu ao presidente Cecílio que o boi retornasse para a comunidade do Aninga. Eles acertaram tudo com o Eduardo Paixão e foi lá que o Campineiro encontrou acolhimento. 'Eu estava certo. O Campineiro envolveu a comunidade. Todos os moradores do Aninga brincavam com a gente. Realizamos várias festas no barracão e o boi de rua era realizado nas poucas ruas do Aninga. O povo da cidade começou a vim para o Aninga e prestigiava nossos eventos', diz Braulino Lima, compositor de boi-bumbá.

Na reportagem, o trabalho de campo buscou destacar essa fuga para o Aninga como um recurso para que não houvesse a total destruição da manifestação folclórica que é o boi Campineiro. Foi um ato de sobrevivência. Sem a ida para o Aninga, o verde e amarelo poderia ter desaparecido para sempre, haja vista que sua existência vem provocando reações adversas de Garantido e Caprichoso.

Braulino admite, na declaração, o afastamento do Campineiro do convívio social e que, desse modo, é aceitável manter-se de modo simplório na comunidade do Aninga, em face da pujança de Caprichoso e Garantido e das forças midiáticas que denotam a glamorização da festa folclórica. Eliminado por não suportar nem se enquadrar nesse contexto, o Campineiro sofre não somente a exclusão social, mas também política, cultural e econômica.

A rendição da agremiação a deixa impotente e incapaz de continuar uma luta cujos dirigentes começam a acreditar ser ingloria, pela ausência de um plano igualitário de distribuição de renda e pela falta de uma proposta tenaz que lhe garanta uma melhor qualidade de vida, reivindicações estas expostas por aqueles que sofrem marginalização e padecem do mesmo tratamento preconceituoso e depreciativo dispensado ao boi Campineiro.

Rejeitado e refugiado na comunidade do Aninga, o Campineiro convive com um processo conhecido como apartação social – que se diz do efeito de separação em que a vítima é expulsa do contato com seus pares – recolhendo-se ao isolamento tal como ocorre com quem mora em espaços desordenados ou áreas de risco, sujeitando-se a arriscar a vida numa luta inconsciente pela sobrevivência.

Relatando e interpretando o que a grande reportagem revela, vemos que o poder do capital, aliado à grande mídia, tende a descartar tudo aquilo que não possui ligação efetiva com o lucro; tudo aquilo que mesmo sendo cultura nata não representa ganhos financeiros. Essa força da indústria cultural acuou e excluiu o Campineiro.

A prova maior de desdém é realçada mediante o trato de vários grupos sociais com a permanência do Campineiro no meio urbano. Ao tentar reintegrar-se ao seio familiar social, por acreditar pertencer à mesma sociedade, o Campineiro foi banido. Desvalido e sem condições financeiras de manter-se intacto, de pé, o boi do Camoca sente o golpe, recua e se permite enclausurar.

Atualmente, dentro da comunidade do Aninga, o boi verde e amarelo tenta se reerguer. Ano após ano, desde 2007, o bumbá vem divulgando atividades e mostrando que não quer efetivamente ser

apagado da memória dos parintinenses. Algumas pessoas ligadas à história do Campineiro buscam reviver tradições e, para isso, procuram resgatar os melhores momentos da disputa dos três bois.

Não há um incentivo público para manter viva a identidade do Campineiro e nem mesmo expandir sua atuação para os bairros da cidade de Parintins. O que existe é apenas um pequeno conglomerado de pessoas que busca resistir às pressões do capital e dos meios de comunicação de massa para fazer vingar o bumbá.

Sem o apoio governamental, de Estado e prefeitura, que direcionam verbas apenas para as duas agremiações de grande porte da Ilha Tupinambarana, o verde e amarelo busca combater o processo de apagamento cultural a que foi submetido por força de inúmeras consequências tratadas na grande reportagem.

As dificuldades em erguer o Campineiro são grandes e hoje uma alternativa para esse bumbá tem a ver com sua credibilidade dentro do Aninga, ou seja, com sua força comunitária, construída ao longo de anos e edificada por meio da difusão cultural do folguedo:

Queremos erguê-lo aqui mesmo na nossa comunidade, no seu berço, na sua origem. Não aceitaram que a arquibancada verde do bumbódromo fosse nossa, tudo bem. Não queremos entrar no festival, o Campineiro não quer isso. Queremos organizar o nosso festival, os nossos eventos culturais aqui mesmo na comunidade (Eduardo Paixão, ex-presidente do Campineiro).

Alimentar-se por razão de sua estrutura, em meio ao calor da comunidade, é uma estratégia para manter a tradição do bumbá Campineiro. Mesmo com a mídia e o grande capital agindo contra, esse trabalho repetitivo rende frutos e se prolifera na medida em que a educação da população passa a auxiliar na manutenção da resistência contra o apagamento.

Nesse contexto, em que a exclusão do Campineiro do festival não tende a se configurar como um mistério – como muitas vezes os

meios de comunicação de massa propagam erradamente – é lúcido fomentar que o dinheiro e o *marketing* serviram como ferramentas negativas para que grupos agissem de maneira deliberada, embotando o bumbá pobre do Aninga.

Quando se fala em grupos, é feita referência a grupos folclóricos e no caso trata-se de Garantido e Caprichoso, bois tradicionais, assim como o Campineiro, mas que, por sua vez, ganharam ascensão de maneira muito mais ágil e objetiva e por isso trabalharam para manter suas respectivas hegemonias, fragilizando o bumbá exilado.

É verdadeira a afirmativa de que o Campineiro foi vítima de uma conjuntura pós-moderna, em que capital e publicidade, aliadas à inserção nos meios de comunicação de massa, interesses obscuros dos bumbás, agiram para desregrar a disputa. Evidente que fatores intervenientes, como a má administração dos próprios diretores do boi e a falta de torcedores e patrocinadores para a agremiação, fortaleceram essa tendência.

Os fatos elencados aqui tentam apontar nessa direção, justificar isso e ao mesmo tempo descrever em que medida o Campineiro viu desfalecer suas possibilidades de tornar-se um bumbá de grande porte, comparando-se receita financeira e inserção nas mídias local, regional, nacional e internacional.

O apagamento cultural do boi maculou, mas não esfacelou sua tradição. É notório que minimizou todos os efeitos que o bumbá havia conseguido junto a seus torcedores e brincantes. E com sua caracterização turvada, o Campineiro não resistiu e ficou refugiado no Aninga, de onde quase nunca sai, a não ser em situação de extrema importância, como, por exemplo, quando alguma “regra de mercado” é quebrada e o boi é chamado para se apresentar.

Conclusões

Anos depois da exclusão: o apagamento se configura?

No começo deste relatório foram questionadas quais teriam sido as principais problemáticas que fizeram com que o boi Campineiro praticamente desaparecesse do cenário folclórico parintinense.

Essa era uma justificativa plausível e necessária de ser feita no início do trabalho. Todavia, à medida que a grande reportagem e o relatório foram avançando, notou-se a necessidade de promover outra questão: apenas o grande capital e a mídia fizeram com que o Campineiro fosse apagado culturalmente ou demais fatores intervenientes contribuíram para isso?

A resposta, nesse momento, parece óbvia. Há, sim, inúmeros fatores que concorreram para o apagamento cultural do Campineiro em Parintins. Não apenas um quesito afetou o andamento dos trabalhos do bumbá verde e amarelo do Aninga, que hoje tem reduzido número de espectadores.

Dentre eles a má administração do boi, o não planejamento visando o processo de expansão do folguedo, a desorganização política e econômica do bumbá, tendo em vista a necessidade de uma profissionalização para enfrentamento e diálogo com o mercado midiático, a falta de torcedores e o amadorismo concernente ao conhecimento da cultura amazônica que baseia o boi-bumbá.

A disparidade em questão é tamanha que atualmente bois mirins de Parintins recebem auxílio financeiro da prefeitura, do governo

do Estado e do governo federal e o Campineiro não ganha sequer um centavo dos administradores públicos, que insistem em repetir o discurso de apagamento cultural já manifestado.

Não seria turvo pensar que há uma espécie de contracultura sendo efetivada, não intencional, no município de Parintins. Não ajudar uma manifestação folclórica histórica e importante é um desrespeito a uma tradição secular. Entretanto, na pesquisa notou-se que um desmembramento ocorreu dentro da estrutura do folguedo e dois bois saíram fortalecidos em detrimento de um bumbá, que ficou esquecido e isolado.

Significa dizer que a figura do isolamento é nítida em contraposição aos grandes indicadores comunicacionais dispostos ano após ano, nas últimas três décadas, para Garantido e Caprichoso. A propagação corroborou para fomentar a rivalidade manifesta e a crescente polarização entre os bois azul e vermelho.

De igual maneira como o Campineiro, as quadrilhas de Parintins convivem com a minimização de verbas para se apresentarem. Boa parte dos recursos é oriunda de incentivos particulares. A brincadeira foi banida da programação oficial do festival de Parintins e seus brincantes afastados sem direito a se apresentarem no bumbódromo.

No universo econômico em que se vive hoje, manifestações culturais possuem muitas vezes uma dependência grande de repasses de verbas. Ou seja, se uma empresa ou um conjunto delas, além do poder público, não auxiliam com vultosas quantias a prática da cultura popular, o movimento perde força e com isso quem ganham são os enlatados, programas pré-fabricados.

A tendência foi mais bem delineada a partir da década de 1990, quando houve a expansão dos bois de Parintins, a partir da transmissão televisiva em canal aberto do festival folclórico. Diferentes canais de televisão e rádios abarcaram para si a ideia do folguedo, “venderam-na” na mídia e prosperaram a partir da cultura popular da Ilha Tupinambarana.

A “despopularização” é massiva e representa uma tendência, no melhor estilo criado e fortalecido na pós-modernidade. O apagamen-

to, o embotamento, o esgotamento cultural e a exclusão foram consequências implicadas todas elas a partir da mídia e do grande capital.

Para além disso, há uma campanha mercadológica e marqueteira, ainda hoje, para arruinar de vez a história do Campineiro, como está descrito na grande reportagem apresentada. O apagamento quer ir além, quer transformar a Ilha parintinense em um ambiente onde dois bois confrontam soberanos, neutralizando a história de tradição do Campineiro.

O trabalho ora apresentado buscou apresentar elementos que desfizessem o equívoco. Trata-se de uma pesquisa que, futuramente, pode ser melhor delimitada a partir de esforços conjuntos. Por hora, todavia, é inadmissível que a história escrita do Festival Folclórico de Parintins não mencione a contribuição do boi Campineiro para a evolução e grandiosidade da festa.

Em contraposição a esse processo, o Plano Diretor do Município de Parintins e a própria Lei Orgânica de Parintins não estão sendo respeitados no tocante à preservação das manifestações culturais, memória e bem imaterial. Dessa feita, fica a sugestão para que novos estudos sejam efetivados, de maneira a auxiliar na compreensão dos motivos e das consequências do apagamento cultural de um boi, o Campineiro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ASSAYAG, Simão. **Boi-bumbá: festas, andanças, luz e pajelanças**. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 1.^a ed. 1982. Revisão: José W. S. Moraes Orlando Parolini. Editora Brasiliense, 1984, 107 p.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro, VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 3, número 5, 1990, p. 75-92.

CATÃO, Maria de Fátima. **Projeto de vida em construção na exclusão inserção social**. João Pessoa: UFPB/Ed. Universitária, 2001.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, 400 p.

ESTADO DO AMAZONAS, PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS. Regulamenta o Plano Diretor do Município de

Parintins e estabelece diretrizes gerais da política urbana e rural do Município e dá outras providencias. **Lei Municipal n.º 375/2006.**

FEIJÓ, Maria Cristina; ASSIS, Simone Gonçalves. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. **Estud. psicol.** (Natal). [on-line]. 2004, v. 9, n. 1 [citado 2006/8/5], p. 157-166. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000100017&lng=pt&nrm=iso>. Doi:10.1590/S1413-294X2004000100017.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**, 1979.

FERREIRA, Gerson André Albuquerque, RODRIGUES, Renan Albuquerque. Rotas possíveis para se pensar a imagem da cidade. **Relem – Revista Eletrônica Mutações**, julho – dezembro, Texto 8, 2012.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Impurezas e hibridações: textos em transformação. **Revista Aletria** n. 9 da Faculdade de Letras da UFMG, 2002, p. 9-22.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, 368 p.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2006, 349 p.

HURTADO GUERRERO, Ana Felisa; HURTADO GUERRERO, José Camilo. **Tradições orais (Mitos, lendas, crendices e superstições) no município de Nova Olinda do Norte**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. Trad. Sandra Valenzuela; revisão técnica de Paulo Freire Vieira. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. As bases ecológicas do desenvolvimento sustentável. In: LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável**. Trad. Jorge Esteves da Silva. Blumenau: Editora Furb, 2000.

MELLO, Neli. Contradições territoriais: signos do modelo aplicado na Amazônia. **Soc. estado**. [on-line]. 2003, vol. 18, n. 1-2, p. 339-360. ISSN 0102-6992.

NEVES, Soriany Simas, LÉVY, Denize Piccoloto Carvalho. Entre o popular, o tradicional e o massivo: como as pastorinhas de Parintins fazem repercutir seus processos comunicacionais. **Anais do II Colóquio binacional Brasil-México de ciências da comunicação**. São Paulo, Brasil.

RODRIGUES, Renan Albuquerque, CATÃO, Maria de Fhátima Martins. Reflexões sobre os processos de exclusão social e cidadania ambiental na Amazônia. **Revista Publicatio Ciências Sociais Aplicadas**, UEPG, 1.º artigo, 2012(1).

RODRIGUES, Anderson. Uma estrutura de classificação com enfoque na cultura amazônica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, ago., 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000200005 &lng=pt&nr-m=iso>. acessos em 9 dez. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652005000200005>.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. URJ, 1998.

SILVA, Denise Almeida. Homogeneização cultural x Soberania nacional: uma discussão sobre a possibilidade do apagamento das culturas locais. **Revista Contingentia**, vol. 5, n. 2, novembro, 2010, 61-67. ISSN 1980-7589.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987, 175 p.

VALA, José. Análise de conteúdo. In: SILVA, A. S. PINTO J. M. (Orgs.). **Metodologia em Ciências Sociais**. Porto: Edições Apontamentos, 1986.

VALENTIN, Andréas. **Contrários: a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins**. Manaus: Editora Valer, 2005.

<http://www.conteudoescola.com.br/artigos/28/95-exclusao-social-que-bicho-e-esse>. Acessado em 28 nov 2012.



Este livro foi impresso em Manaus pela Gráfica
Moderna – o miolo e capa – foram feitos pela
Cultura Edições Governo do Estado